

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM MUSEOLOGIA

Danieli Giovanini do Carmo Leite

O Museu da Energia de São Paulo e sua relação com o entorno

SÃO PAULO
2023

Danieli Giovanini do Carmo Leite

O Museu da Energia de São Paulo e sua relação com o entorno

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Museologia

Área de Concentração: Museologia

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno

Linha de Pesquisa: Teoria e Método da Gestão Patrimonial e dos Processos Museológicos: salvaguarda e comunicação

Versão corrigida

SÃO PAULO

2023

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Leite, Danieli Giovanini do Carmo
O Museu da Energia de São Paulo e sua relação com o entorno / Danieli Giovanini do Carmo Leite; orientador Maria Cristina Oliveira Bruno. -- São Paulo, 2023.
169 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia) -- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Sociomuseologia. 2. Museologia Social. 3. Território. 4. Museu da Energia de São Paulo. 5. Campos Elíseos. I. Cristina Oliveira Bruno, Maria, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:
Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

LEITE, D. G. do C. **O Museu da Energia de São Paulo e sua relação com o entorno.** 2023. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Mestre em Museologia.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno (Orientadora)

Instituição: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profa. Dra. Judite Santos Primo

Instituição: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profa. Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers

Instituição: Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal de Goiás

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Camilo de Mello Vasconcellos

Instituição: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

A todas as filhas de empregada que se permitiram sonhar e chegaram ao Mestrado na USP.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os caminhos que me trouxeram até aqui. Ingressar no Mestrado em um dos momentos mais pesados da pandemia de COVID-19 foi um ato de coragem e ousadia. Quando comecei o processo, não sabia o quão desafiador poderia ser manter o foco e o psicológico em dia. Assim, todas as manifestações de apoio foram valorizadas, com destaque para algumas pessoas, que agradeço a seguir.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, em especial minha irmã, Daiani, pelo imenso incentivo em minha trajetória acadêmica, pelo companheirismo, por acreditar em mim quando poucos acreditaram, por pegar na minha mão quando os mais pesados ventos me balançaram e não me deixar desistir nunca.

À amiga Amanda Franco pelo incentivo (vindos muitas vezes como broncas amorosas), apoio e paciência para só ouvir sobre a pesquisa nos últimos anos.

Às minhas gestoras na Fundação Energia e Saneamento pelo apoio e compreensão para as ausências em função das obrigações acadêmicas, em especial à Mariana de Andrade e Rita Martins.

Ao Acervo e Apoio à pesquisa da Fundação, nas figuras da Tatiana Ishikawa e Alexia Rodrigues, pela ajuda e atenção no acesso aos documentos consultados.

Aos profissionais entrevistados ao longo da pesquisa – Fernanda Moraes, Vinicius Kavashima, Henrique Davini, Mirela Leite, Maria Paula Cruvinel e Michael Argento –, que gentilmente cederam seu tempo e memórias para me auxiliar.

Aos colegas do PPGMus, ao Grupo de Estudo sobre Sociomuseologia (e suas trocas tão preciosas em momentos de grandes reflexões) e à minha companheira na representação discente, Tereza Parente, por seu olhar generoso e incentivador.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Cristina Bruno, fonte de inspiração desde a escolha pelo ingresso no PPGMus, pelo apoio em todas as minhas crises durante a pesquisa e no imenso incentivo na escrita. Foi uma honra ser orientada por tamanha profissional. Espero ter conseguido fazer jus ao privilégio de sua orientação.

“Sempre senti que é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa. A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum.”
(Chimamanda Ngozi Adichie)

LEITE, Danieli Giovanini do Carmo. **O Museu da Energia de São Paulo e sua relação com o entorno**. 2023. 169 fs. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2023.

RESUMO

A atuação de um museu estende-se para muito além de seus muros, integrando-se e sendo integrado por seu território. Partindo deste pressuposto, o estudo relaciona o Museu da Energia de São Paulo com o espaço da cidade que ocupa, região conhecida hoje como “Cracolândia”, à luz da Sociomuseologia. Busca-se analisar a aplicabilidade dos conceitos sociomuseológicos na realidade urbana paulistana, onde o antigo, o novo, o planejado e o marginalizado convivem em um mesmo território. A análise busca entender as ações do passado, do presente e as planejadas para o futuro no viés da gestão e da comunicação museais, indicando as oportunidades de interação social e os papéis possíveis de serem adotados por uma instituição museológica ao se adaptar às diversidades oriundas do meio urbano existente na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Sociomuseologia; Museologia Social; território; Museu da Energia de São Paulo; Campos Elíseos.

ABSTRACT

LEITE, Danieli Giovanini do Carmo. **The Energy Museum of São Paulo and its relationship with the territory.** 2023. 169 ss. Thesis (Master's degree). Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2023.

The museum's action goes beyond its walls, integrating it self and being integrated by its territory. Based on this context, the study relates the Energy Museum of São Paulo with the city space it occupies, a region known today as "Cracolândia", in the light of Sociomuseology. It analyzes the application of sociomuseological concepts in the urban reality of São Paulo, where the old, the new, the planned and the marginalized coexist in the same territory. The purpose of the analysis is to understand the actions of the past, the present and those planned for the future in terms of museum management and communication, indicating the opportunities for social interaction and the possible roles to be adopted by a museological institution when adapting to diversities from the existing urban environment in the city of São Paulo.

Keywords: Sociomuseology; Social Museology; Territory; Energy Museum of São Paulo; Neighborhood of Campos Elíseos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Museu da Energia de São Paulo.....	16
Figura 2: Mapa da região dos Campos Elíseos.....	17
Figura 3: Imagem aérea da região da “Cracolândia”.....	18
Figura 4: Imagem aérea da “Cracolândia”, em 2017.....	18
Figura 5: Esquema de fluxos documentais originários do Acervo da Fundação Energia e Saneamento.....	33
Figura 6: Esquema ilustrativo da relação entre a área de Acervo e os Museus da Energia.....	34
Figura 7: Museu da Energia de São Paulo.....	34
Figura 8: A Família Dumont, em 1900, em frente ao casarão que hoje abriga o Museu da Energia de São Paulo.....	35
Figura 9: Visita monitorada na exposição de longa duração do Museu da Energia de São Paulo.....	37
Figura 10: Panorama dos Campos Elíseos.....	39

Lista de Siglas

CGH – Central Geradora Hidrelétrica

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo

CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo

Deops – Departamento de Ordem Política e Social

MESP – Museu da Energia de São Paulo

PISC - Programa de Inclusão Sociocultural da Pinacoteca de São Paulo

PPGMUS – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia

SESC – Serviço Social do Comércio

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Objetivos e metodologia.....	19
Estrutura da dissertação.....	21
CAPÍTULO 1: O PAPEL SOCIAL DO MUSEU	23
1.1. O social da Museologia ao longo do tempo.....	23
1.2. A relação do museu com o território que ocupa.....	29
CAPÍTULO 2: DO ESTUDO À PRÁTICA: O MUSEU DA ENERGIA DE SÃO PAULO	32
2.1. A Fundação Energia e Saneamento e a memória do setor energético.....	32
2.2. A história do Museu da Energia de São Paulo.....	34
2.3. O entorno e a história que não é só do MESP: dos casarões à Cracolândia.....	38
2.4. A relação entre o Museu da Energia de São Paulo e o entorno.....	42
2.5. As instituições culturais do entorno e suas ações sociomuseológicas.....	61
CAPÍTULO 3: APROXIMAÇÕES E DISTÂNCIAS: A SOCIOMUSEOLOGIA E AS PRÁTICAS DO MUSEU DA ENERGIA DE SÃO PAULO	67
3.1. As lições apreendidas: análise das ações sociomuseológicas do passado e do presente.....	67
3.2. Outras ações possíveis: as propostas para a atuação do Museu da Energia em relação ao seu entorno.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
APÊNDICES	90

INTRODUÇÃO

“Museus não são ilhas no espaço; eles devem ser considerados no contexto da vida fora das suas paredes.” Alma Wittlin¹

No bairro dos Campos Elíseos, na cidade de São Paulo, Brasil, na esquina da Alameda Cleveland com a Alameda Nothmann, um imponente casarão centenário pode ser observado. O imóvel abriga o Museu da Energia de São Paulo desde 2005, mas, antes disso, já foi casa de pessoas ricas, escola e ocupação de moradia popular, ou seja, além de testemunhar as transformações sociais de seu entorno ao longo do tempo, o casarão as vivenciou, tendo em si próprio as memórias e heranças destes momentos.

Nas últimas décadas, o entorno do Museu da Energia de São Paulo se tornou cada vez mais diverso, com aparelhos culturais instalados bem próximos, como o SESC² Bom Retiro, e um pouco mais distantes, como a Sala São Paulo, o Memorial da Resistência e a Estação Pinacoteca, entre outras instituições, escritórios de empresas de grande porte como a Porto Seguro, além da enorme circulação de trabalhadores e consumidores do tradicional comércio de roupas do Bom Retiro, em especial das proximidades da Rua José Paulino. Essa localidade é famosa ainda pela conhecida “Cracolândia”³, que nos últimos meses se mostrou mais complexa, móvel e precária às pessoas por ela absorvidas ou impactadas. Nas proximidades temos também a presença da única favela existente na região central da cidade São Paulo, a comunidade do Moinho. Soma-se, ainda, como uma das problemáticas desse território, a presença de imigrantes não legalizados, vivendo em péssimas condições de trabalho no Bom Retiro, em especial os oriundos de países sul-americanos, como a Bolívia.

¹ WITTLIN, 1949 Apud PRIMO; MOUTINHO, 2020, p. 19.

² SESC - Serviço Social do Comércio é uma entidade privada, mantida por empresários do comércio de bens, turismo e serviços, que tem como objetivo proporcionar o bem-estar e a qualidade de vida aos trabalhadores deste setor e seus familiares. Aberto ao público em geral, no estado de São Paulo, possui mais de 40 unidades, com oferecimento de atividades relacionadas à cultura, ao esporte, à saúde e à alimentação, ao desenvolvimento infantojuvenil, à terceira idade, ao turismo social, entre outras.

³ Embora o termo Cracolândia seja adotado por vezes como uma forma de depreciar a região, no estudo foi adotado o termo para respeitar como a região é popularmente conhecida, sendo usado entre aspas (“Cracolândia”) de modo a fazer referência à localidade, não aos usuários de crack.

Nesse contexto heterogêneo e de alta vulnerabilidade social, qual poderia ser o papel a ser exercido pelo Museu da Energia de São Paulo enquanto instituição museológica? Este trabalho foi motivado por essa questão e aponta algumas possibilidades.

O museu, como instituição, não se resume somente a si e à sua Coleção; ele deve ocupar espaços para além de suas paredes e seus muros, se relacionando com o espaço geográfico e com a sociedade que ali ocupa. Ele possui uma dimensão social (VARINE, 2012), desenvolvida a partir de práticas profissionais e institucionais.

Tais ideias não são novidades. A sociedade ocidental, entre os escombros da Segunda Guerra Mundial e de suas duras consequências sociais, foi terreno fértil para desenvolvimento de temáticas como a responsabilidade social, que adentrou os mais diferentes saberes e ciências. A Museologia, como não poderia deixar de ser, não ficou alheia a esse processo; a análise histórica dos movimentos museológicos na segunda metade do século XX permite essa afirmação, com destaque para as discussões e eventos que resultaram nas Declarações de Santiago do Chile e de Quebec. Citando trecho da primeira Declaração, temos

Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade da qual é parte inseparável e, por sua própria natureza, contém os elementos que lhe permitem ajudar a moldar a consciência das comunidades a agir projetando suas atividades históricas para que combinem na apresentação de problemas contemporâneos; isto é, ligando passado e presente, identificando-se com mudanças estruturais indispensáveis e chamando outros para o seu contexto nacional particular.⁴

Já na Declaração de Quebec, conforme Manuelina Duarte Cândido (2003), temos o reconhecimento da necessidade da ampliação e adequação das práticas museológicas para a integração entre os museus e populações, utilizando, para isso, a interdisciplinaridade e métodos modernos de gestão e comunicação, sempre com vistas ao desenvolvimento social.

Segundo Mário Chagas (2020), as derivações sociais da Museologia se originaram a partir de amplos debates e embates, entre tensões, enfrentamentos, vivências e práticas, reflexões estas que impactaram a Museologia em si, bem como

⁴ Resolutions adopted by the round table of Santiago (Chile) Museum Vol XXV, n° 3, 1973, The Role of museums in today's Latin America p. 193, Apud PRIMO; MOUTINHO, 2020, p. 21.

o fazer museal, demonstrando um movimento de transformação iniciado em finais do século XIX, projetando-se durante o XX, porém, sem uma análise crítica de seus paradigmas. Para o autor (CHAGAS, 2020), a Museologia Social ou Sociomuseologia – tratados por ele como sinônimos, questão não consensual entre outros autores que embasam o estudo proposto e que será melhor desenvolvida ao longo do capítulo 1 –, seria uma construção resultante de um determinado contexto histórico, com respostas singulares para problemas também singulares.

Assim, temos um alargamento conceitual das atuações museais e o amadurecimento da noção da função social dos museus. Diante do cenário exposto, o estudo aqui apresentado tem como o seu objeto o Museu da Energia de São Paulo e sua relação com o território no qual está localizado, que possui uma gama de especificidades quanto à sua dimensão social, intimamente ligada ao espaço que ocupa na cidade de São Paulo.

Para contextualização do Museu da Energia de São Paulo, é necessário entender um pouco de seu histórico. A sua gestão é realizada pela Fundação Energia e Saneamento, instituição responsável pela execução de ações de preservação e divulgação do acervo histórico do setor energético do Estado de São Paulo, criada em 1998, época das grandes privatizações das empresas estatais que atuavam até então nesse setor. Além do MESP, a Fundação possui dois outros museus – Museu da Energia de Itu e Museu da Energia de Salesópolis –, quatro Centrais Geradoras Hidrelétricas (CGH) – as Usinas-Parque de Salesópolis, Rio Claro, Brotas e Santa Rita do Passa Quatro –, e dois imóveis urbanos – Itu e Jundiaí. A área que concentra a responsabilidade pela guarda, conservação, preservação, tratamento, pesquisa e difusão do patrimônio histórico da instituição é chamada de Acervo.



Figura 1: Museu da Energia de São Paulo. Acervo Fundação Energia e Saneamento.

O Museu da Energia de São Paulo está sediado em um antigo casarão localizado na esquina das Alamedas Cleveland e Nothmann, tombado como pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) e pelo Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo). Construído pelo escritório Ramos de Azevedo, o edifício teve diversos usos ao longo do tempo, sendo residência da família de Henrique Santos Dumont, colégio, sede da Sociedade Pestalozzi e ocupação para moradia de pessoas em situação de rua. Em 2001, após reintegração de posse pela Secretaria de Estado da Cultura, sua cessão de uso foi transferida à Fundação Energia e Saneamento, sob forma de comodato. Assim sendo, a Fundação realizou obras de restauro e readequação do casarão principal, para abrigar o nascedouro Museu da Energia de São Paulo, e do casarão anexo, utilizado como sede da própria instituição, ações que se estenderam até o ano de 2005. Nesse mesmo ano, o MESP iniciou as suas atividades, começando, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de seu Projeto Museológico, sendo que o planejamento e a execução de seus programas ocorreram de modo concomitante.

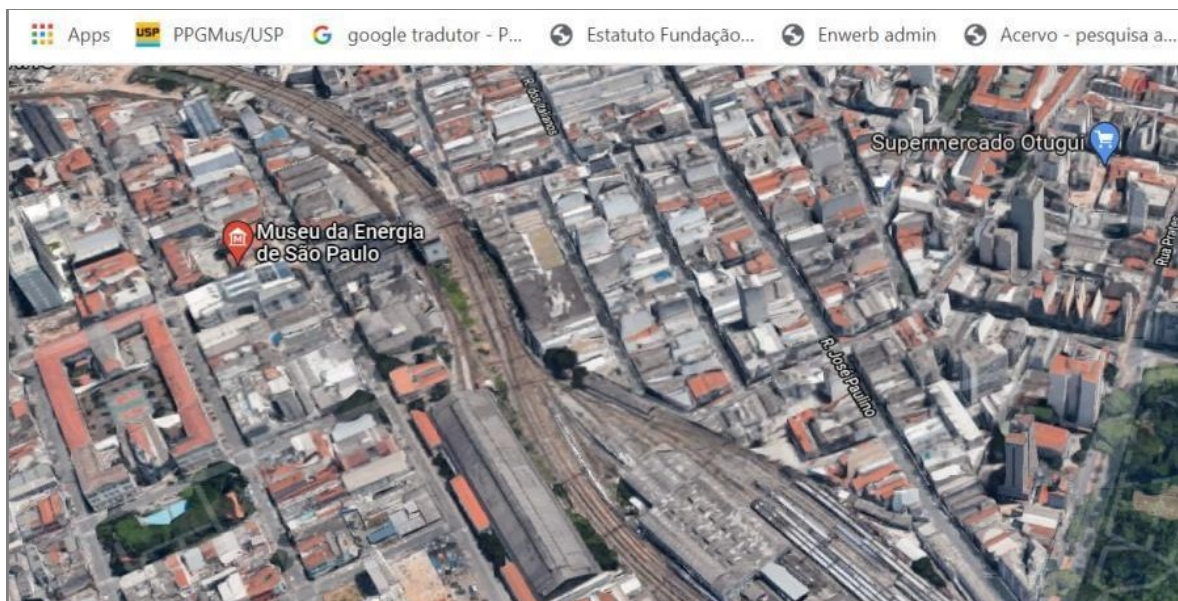


Figura 2: Mapa da região dos Campos Elíseos. Google Maps.

Tão importante quanto entender o museu é compreender as singularidades de seu território. Nesse ponto, é necessário destacar a perspectiva adotada para entender o conceito, seguindo Milton Santos (2020), que compreende que o território não é um dado neutro, não sendo apenas

[...] o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (SANTOS, 2020, p. 96-97)

Dessa forma, o território influi no museu como o museu influi no território. A região do entorno do Museu da Energia de São Paulo passou por grandes mudanças ao longo do tempo, passando de localidade de próspero desenvolvimento no início do século XX, abrigando casarões remanescentes do café, o Terminal Rodoviário da Luz, tendo grande circulação de pessoas e recursos. Porém, na década de 1980, o Terminal foi fechado e o espaço começou a sofrer um processo de abandono e sucateamento. Hoje, a região é popularmente conhecida como “Cracolândia”, uma analogia ao que seria a “terra do crack”, concentrando pessoas em situação de dependência química severa e tráfico de drogas.



Figura 3: Imagem aérea da região da “Cracolândia”.⁵



Figura 4: Imagem aérea da “Cracolândia”, em 2017. A autoria: Alex Silva/Estadão.⁶

Nesse ponto, vale destacar que a região conhecida como “Cracolândia” não é apenas um local geográfico, pois a sua localização é imprecisa e foi se alterando ao longo do tempo pelos arredores dos bairros da Luz, Campos Elíseos e, mais recentemente, Santa Cecília, e das Praças Princesa Isabel e Júlio Prestes. Porém, a presença de usuários de crack é em extremo significativa para se entender a dinâmica do território e de como ele é visto pela opinião pública, com destaque para o endurecimento de ações policiais no ano de 2022, tanto do governo do estado

⁵ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/11/4887230-cracolandia-questiona-a-dependencia-e-os-centros-urbanos-das-grandes-cidades.html>. Acesso em: 07 dez. 2021.

⁶ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/foto-antiga-da-cracolandia-e-usada-no-facebook-para-criticar-isolamento-social/>. Acesso em: 07 dez. 2021.

como da prefeitura da capital, que trouxe desafios ainda maiores aos agentes do território, como o Museu da Energia de São Paulo.

Atualmente, a missão do MESP é elaborar, fomentar e executar ações por meio da pesquisa, da preservação e da divulgação do acervo histórico (documental e museológico) do setor energético do estado de São Paulo, através da promoção de debates sobre o uso responsável dos recursos hídricos e energéticos e da promoção do conhecimento e a reflexão de seu entorno, contribuindo para o estabelecimento de diálogos. Entretanto, a realidade social de sua vizinhança oferece uma série de desafios para a implementação de sua missão, assim como a aplicação prática cotidiana de sua base teórica.

Objetivos e metodologia

Com o contexto posto, cabe apresentar o objeto de pesquisa do estudo: a análise da relação Museu da Energia de São Paulo com o seu território à luz do papel social da Museologia, com o seu “fazer museal” dentro das propostas da Sociomuseologia, bem como pesquisar, compreender e indicar, de modo propositivo, as possibilidades na adoção de ações sociomuseológicas na gestão e comunicação do MESP e sua relação com a região da cidade que ocupa.

Desse modo, o estudo, a partir do viés da gestão e da comunicação museais, retoma a memória das ações do passado, analisando as ações do presente, de modo a contribuir para o planejamento das atividades futuras do Museu da Energia, indicando as potencialidades de interação social, bem como os possíveis papéis a serem adotados por uma instituição museológica, à luz da Sociomuseologia.

Como metodologia de pesquisa, o estudo tem por base a construção de um panorama da Sociomuseologia, fornecendo elementos para discussão sobre com quem está relacionado o social da Museologia (CHAGAS; PRIMO; ASSUNÇÃO; STORINO, 2018) aplicada nos museus, tema do primeiro capítulo.

Passando do macro para o específico, a pesquisa conta com consulta em documentação institucional de caráter histórico da Fundação Energia e Saneamento, disponível na área de Acervo da instituição, visando levantar o histórico do Museu da Energia de São Paulo e compreender as ações já realizadas ao longo de sua

trajetória e os resultados alcançados. Para contribuir com esse objetivo e identificar as práticas de gestão e comunicação do MESP ao longo de sua trajetória, temos o uso de entrevistas de História Oral com o atual corpo técnico da instituição, bem como de antigos funcionários.

É válido ressaltar que, embora o estudo seja realizado dentro do âmbito do PPGMus, a ligação entre a autora e o museu não é apenas de pesquisadora e objeto de estudo. Desde 2017, a autora atua profissionalmente na Fundação Energia e Saneamento e já participou da curadoria de algumas exposições temporárias concebidas especialmente para o Museu da Energia de São Paulo. Portanto, o estudo abrange uma visão analítica, ao mesmo tempo, de “dentro” (como profissional atuante na gestão e na comunicação) e de “fora” (como pesquisadora).

O estudo tem como objetivo principal pesquisar, compreender e indicar as possibilidades na adoção da Sociomuseologia na gestão e comunicação do Museu da Energia de São Paulo no tocante à sua relação com o território que faz parte.

O segundo objetivo está na análise da comunicação do acervo do MESP, como ele é, efetivamente, difundido. Meneses (2013) faz a analogia do museu sem acervo como uma mula sem cabeça, que pode existir, até mesmo soltando fogo pelas ventas, porém, como uma mula, seria difícil de exercer o seu potencial completo de utilidade para a sociedade, algo ficaria faltando, assim como os museus sem acervo, que podem existir, mas algo parecerá faltante (MENESES, 2013, p. 18). Diante disso, qual seria, então, o papel da Coleção do Museu da Energia de São Paulo no tocante à sua comunicação museológica? Essa é uma das questões que nortearam o trabalho.

Como um dos objetivos secundários está a análise da aplicabilidade real da missão principal do museu – elaborar, fomentar e executar ações por meio da pesquisa, da preservação e da divulgação do acervo histórico (documental e museológico) do setor energético paulista, através da promoção de debates sobre o uso responsável dos recursos hídricos e energéticos –, e como, de fato ela é colocada em prática.

Para alcançar os objetivos citados, a pesquisa contempla ainda a análise da relação do Museu da Energia de São Paulo com as demais instituições culturais do entorno.

Dessa forma, o problema da pesquisa refere-se ao emprego ou não de bases sociomuseológicas nos mecanismos de interação entre uma instituição museológica, seu acervo e a realidade social do cenário urbano existente no centro da cidade de São Paulo.

Estrutura da dissertação

Após a Introdução, com um panorama do estudo desenvolvido, temos três capítulos, sendo o primeiro a fase inicial da pesquisa, com a discussão teórica; o segundo capítulo traz o estudo de caso do Museu da Energia de São Paulo e o território em que está inserido; o terceiro e último capítulo relaciona os dois anteriores, por meio de análises e reflexões.

Desta forma, o capítulo 1 aborda a discussão acerca da dimensão social dos museus, tendo por base o debate teórico sobre a Nova Museologia, a Sociomuseologia e a Museologia Social, no que tange à aproximação e distanciamento conceitual de cada uma delas. Desta forma, o cenário da Sociomuseologia construído fornece embasamento para o desenvolvimento do estudo acerca do MESP nos capítulos seguintes. Também no capítulo 1 temos a discussão sobre o alargamento das funções tradicionais da Museologia e o papel que essas instituições devem assumir na sociedade e no território que se relacionam.

Já no capítulo 2, o Museu da Energia de São Paulo é apresentado, assim como a instituição que realiza a sua gestão, a Fundação Energia e Saneamento, por meio do histórico do casarão que abriga o MESP, parte do Complexo Santos Dumont, apresentação do perfil da instituição e as atividades realizadas atualmente. Após a contextualização do museu de suas portas para dentro, temos as questões para além muros, o território onde o museu está localizado, apresentado por meio de um panorama remontando as questões socioeconômicas da região, com o histórico da relação do MESP com esse entorno, bem como a apresentação das demais instituições culturais pertencentes ao mesmo território e as articulações entre elas e o Museu.

No capítulo 3, temos o confronto entre a teoria e a prática, das aproximações e distâncias, através da análise das práticas museais de gestão e comunicação do MESP sob o prisma da Sociomuseologia, com reflexão acerca dos resultados esperados e obtidos com as práticas museais analisadas. Este capítulo traz ainda as propostas para a atuação do Museu da Energia em relação ao seu território, conectando os dois primeiros capítulos e o terceiro, trazendo análise propositiva, com apontamentos acerca das possíveis ações sociomuseológicas a serem adotadas. Pretende-se, dessa forma, colaborar para o planejamento das atividades do Museu e de sua gestão pela instituição maior, a Fundação Energia e Saneamento, bem como para as demais unidades do Museu da Energia.

Ao fim, nas considerações finais, são retomados os pontos principais da pesquisa, por meio de reflexões sobre os resultados alcançados através do estudo sobre o Museu da Energia de São Paulo e dos apontamentos acerca dos possíveis papéis a serem adotados por uma instituição museológica, à luz da Sociomuseologia.

CAPÍTULO 1: O PAPEL SOCIAL DO MUSEU

“[...] somos museólogos e não antiquários, por isso amamos a vida.”⁷

Ao longo do tempo, o papel social do museu passou por uma mudança prática de sua concepção, resultado do diálogo da Museologia com a realidade contemporânea. Dessa forma, para falarmos do social da Museologia e com quem ele está relacionado, partimos de um panorama teórico construído de forma a relacionar os pontos trazidos pela Nova Museologia, em especial do alargamento das funções tradicionais do museu, chegando à Sociomuseologia e à Museologia Social.

1.1. O social da Museologia ao longo do tempo

Para falarmos do social da Museologia, em primeiro lugar, é necessário estabelecer os conceitos adotados acerca da Museologia no estudo. Para Bruno Brulon (SOARES, 2012), a Museologia é uma ciência que entende o humano como um ser em movimento e o museu como um ato inacabado, sendo aquilo que fazemos dele. Ana Gregorová (1981 Apud SOARES, 2012) define a Museologia como uma disciplina independente, cujo objeto de estudo estaria, ao mesmo tempo, em um aspecto da existência material do mundo e das suas relações e fenômenos; já o museu é entendido pela autora como a instituição que aplica e realiza a relação específica homem-realidade. Para Waldisa Rússio Guarnieri (1983 Apud BRUNO et al., 2010), o objeto da Museologia é o fato museal – a relação profunda entre o homem e o objeto, dentro do cenário museu – parte da realidade a qual o homem pertence e sobre a qual tem o poder de agir, e a verdadeira base do museu é o homem e a vida, o que faz com que o método a ser utilizado na Museologia seja, essencialmente, interdisciplinar (1981 Apud BRUNO et al., 2010).

Com o conceito acerca da Museologia descrito, temos como marco temporal da inclusão do debate sobre a necessidade de transformação das ações museais na

⁷ Citação integral: “Adaptando uma frase de Henri Pirenne, somos museólogos e não antiquários, por isso amamos a vida” (ALMEIDA, 1996, p. 100).

sociedade contemporânea como a metade do século XX, ações estas desenvolvidas de forma a aproximar o museu da comunidade na qual estava inserido e de suas questões sociais.

Para alguns autores, como Brulon (SOARES, 2012), o papel social dos museus começou a ser desenhado a partir do propósito de reerguer as sociedades devastadas pelas consequências da Segunda Guerra Mundial. Maria Célia Santos (1996), sobre o período citado, afirma que a verdadeira revolução de Georges Henri Rivière na Museologia foi defender a participação da população como parte integrante do museu e de seu processo de organização.

Scheiner (1999 Apud SOARES, 2012) destaca que, exponencialmente nos últimos dois séculos, as demandas ao museu se deslocaram da Coleção, abrindo espaço para as experiências humanas com os objetos e o museu, antes orientado para o objeto, se volta agora para a sociedade, caracterizando o chamado “museu social”.

Atendendo às demandas de seu contexto contemporâneo, e como uma forma de crítica ao museu tradicional e aos processos museológicos em interagirem com os problemas socioculturais de seu tempo, se dá o advento da Nova Museologia, sendo a expressão prática da mudança no papel social do museu e o novo museu como um fenômeno social, compromissado com o desenvolvimento social, olhando para as pessoas, não apenas para dentro de suas Reservas Técnicas.

Para Manuelina Duarte (CÂNDIDO, 2003), a Nova Museologia é caracterizada pela presença de testemunhos materiais e imateriais, fontes para explicações e experimentações, com destaque para a pesquisa social enquanto identificação de problemas e de possíveis soluções, sendo a atuação do museu para além de seu edifício, inserida na sociedade, através da interdisciplinaridade, considerando a exposição não apenas como espaço de contemplação, mas como espaço de formação permanente.

Dessa forma, o museu, antes considerado um fim, se torna meio, havendo profunda interação entre ele e o mundo em transformação. Assim,

o museu é um instrumento cultural a serviço da população. Os membros da comunidade são os principais responsáveis do museu, definindo-se como parte ativa do mesmo, refletindo a identidade de cada comunidade. (ALMEIDA, 1996, p. 102)

Segundo Van Mensch (2000 Apud CÂNDIDO, 2003), o universo dos museus passou por duas revoluções, sendo a primeira com a criação de organizações profissionais, associações de amigos e alterações na linguagem expositiva, no final do XIX; a segunda seria a Nova Museologia, originada a partir da retirada da Coleção como centro dos processos museológicos e da organização do museu, deslocando a base para as relações do homem com seu patrimônio, com destaque para o papel social do museu.

Para Heloisa Barbuy (1995 Apud, CÂNDIDO, 2003), a Nova Museologia é definida como

Uma filosofia guiada pelo sentido de dessacralização dos museus e, sobretudo, de socialização, de envolvimento das populações ou comunidades implicadas em seu raio de ação. (BARBUY, 1995 Apud, CÂNDIDO, 2003, p. 165)

Segundo Luis Alonso Fernández (1999, 2012), a Nova Museologia foi resultado direto de uma série de circunstâncias técnicas e museológicas, e pela evolução da mentalidade dos museólogos, em consonância com as demandas socioculturais do público. Assim, o museu adquire novas funções, para além da salvaguarda, conservação e exposição dos diferentes objetos do patrimônio.

Nesse ponto é válido ressaltar que entendemos, seguindo a discussão de Cristina Bruno (1995), que há somente uma Museologia que, ao longo do tempo, passou por um alargamento de horizontes epistemológicos, considerando, então, a Nova Museologia como o movimento inaugurado em Quebec, em 1984. Em consonância, Van Mensch (1995 Apud, CÂNDIDO, 2003) defende que existe uma só Museologia, que sofreu ondas de renovação.

Desta forma, em finais do século XX, como destacado por Fernández (1999, 2012), o museu e a Museologia se aproximaram da comunidade a que deveriam servir e adequaram os recursos teóricos e práticos frente à realidade mutante de nossa sociedade. Fernández afirma que “uma das características que melhor define a nova museologia é sua preocupação e o interesse pelo entorno natural e social”⁸ (FERNÁNDEZ, 1999, 2012, p. 74).

⁸ Tradução nossa.

Dessa forma, a Nova Museologia é, então, a expressão da mudança prática no papel social do museu, resultado do fenômeno histórico, da adoção de uma nova postura dos museus e do contexto urbano contemporâneo.

A discussão acerca do papel dos museus e dos processos museológicos na contemporaneidade, segundo Cristina Bruno (2020), impulsionou a busca por novos caminhos, com outras dimensões das demandas, indicando direções a serem percorridas para atender às sociedades e seus “desejos de memórias” (BRUNO, 2020), identificando tais processos dentro da Museologia Social.

Pouco a pouco, as novas experiências museológicas passam a se caracterizar pela forma pela qual as instituições se relacionam com a população a qual o museu é destinado. Nas instituições contemporâneas, a coleção foi colocada na periferia do sistema para ser substituída pelo humano. Admite-se, então, que o “coração” dos museus são as experiências humanas do real e as dinâmicas daí resultantes (SOARES, 2012, p. 64).

Para Mário Moutinho (2014), a Sociomuseologia, em seu conceito, traduz o esforço da adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea. Neste contexto, temos o advento da Sociomuseologia, cuja vocação reverbera na problematização de aspectos da realidade, tanto do passado como do presente, focadas em emoções para a melhoria de futuro a ser construído. Assim,

a Sociomuseologia assume-se como uma nova área disciplinar que resulta da articulação entre as demais áreas do saber que contribuem para o processo museológico contemporâneo. Entre o paradigma do museu a serviço das coleções e o paradigma do museu a serviço da sociedade está o lugar da Sociomuseologia. (MOUTINHO, 2014, p. 427)

Segundo Moutinho (2007 Apud NEVES, 2011), a Sociomuseologia se preocupa, além do alargamento das funções tradicionais dos museus e do papel dessas instituições na sociedade, de problemas relacionados à valorização e à proteção dos patrimônios cultural e natural, por políticas internacionais e sustentáveis, por mudanças sociais permanentes, nas quais os museus devem acompanhar e ter um papel atuante, e a demanda de formação para além do tratamento das coleções. E

deve ser compreendida como uma abordagem multidisciplinar do fazer e do pensar da museologia, entendida como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica, tendo por base a interdisciplinaridades com as demais áreas do conhecimento. (PRIMO; MOUTINHO, 2020, p. 25)

Segundo alguns autores, em especial brasileiros, os termos Sociomuseologia e Museologia Social seriam sinônimos. Para Chagas (2020), a Museologia Social se constitui na relação direta com a sociedade, com as demandas e questionamentos de segmentos sociais específicos. Sendo assim, as experiências das práticas museais da Museologia Social ajudam a entender as limitações de uma Museologia que não abrange as novas demandas da sociedade, em muito negligenciadas.

A Museologia Social, significativamente ligada às práticas e políticas museológicas brasileiras da primeira década dos anos 2000, se caracteriza pela crítica e proposição de que os museus abordem, de forma abrangente, as problemáticas sociais em que a instituição se insere territorialmente ou tematicamente, sendo

Análoga à sociomuseologia, como é conhecida e desenvolvida em Portugal, esse movimento não se define a partir de um conceito ou da elaboração de um conjunto normativo de metodologias. Assim como no caso dos ecomuseus, também com a museologia social se admite que suas definições são processuais e transitórias (MOUTINHO, 2014, p.423 Apud GOUVEIA; PEREIRA, 2020, p. 37-38).

Entendendo que os movimentos de renovação e ressignificação da Museologia são resultado de uma construção histórica, de uma soma de transformações em seu modo de fazer, podemos compreender que a adoção da prática de permuta de saberes entre pesquisadores, trabalhadores e a sociedade, de modo a construir processos museológicos renovadores, dentro da ótica da Sociomuseologia, teve origem nas práticas da Museologia Social.

Dentro deste contexto, o olhar do trabalhador do museu se expandiu, para além das paredes e muros do museu, indo até o território e se apropriando dele.

Mas, cabe a pergunta

A quem pertence o novo, a quem pertence o social da Museologia? Por mais singela que a pergunta possa parecer, ela tem a capacidade de deslocar o pensamento do lugar-comum da zona de conforto. (CHAGAS, 2020, p. 61)

Ao responder a sua própria questão, Mário Chagas (2020) indica que o “social da museologia não pertence a ninguém, logo pertence a todos” (CHAGAS, 2020, p. 62). Sendo assim, podemos entender que o social da Museologia que a torna adequada ao contemporâneo e suas demandas, de modo a democratizar e tornar os museus e a prática museológica cada vez mais inclusiva.

Porém, esse adjetivo social atrelado à Museologia também é alvo de disputa e certo desmerecimento. Nesse contexto,

Algumas [pessoas] passaram a repetir: “a museologia social não existe, toda museologia é social”. O que está em jogo é o social. Daí a questão: a quem pertence o social da museologia? No caso da museologia social ou sociomuseologia, a disputa se concentrou em uma negatividade, ou melhor, na negação da possibilidade do adjetivo social indicar uma diferenciação. (CHAGAS, 2020, p. 62)

Nesse ponto, se faz importante destacar que o presente estudo não considera Museologia Social e Sociomuseologia como sinônimos, entendendo que, dentro do exposto, há nuances de diferenciações nos conceitos e práticas, marcadas para além de uma simples distinção de prática versus teoria.

Dessa forma, a Sociomuseologia tem seu lugar quando o estudo dos museus e do fato museal é interpretado dando maior foco ao social, seu contexto e suas demandas, entendendo que os museus podem e devem agir em contextos socialmente complexos, não restringindo a sua atuação à sua Coleção e às fronteiras de seus muros. Nesse contexto, somamos ainda outra nuance diferenciadora entre a Museologia Social e a Sociomuseologia ligada à própria origem do museu e de suas ações museológicas; enquanto a primeira surge do desejo da população de um determinado território sobre uma temática a ele ligado, a segunda é a forma de estudo de ações de museus de temáticas mais clássicas que estão dentro de determinado território, não sendo desejo daquela sociedade a sua existência e temática – as várias circunstâncias o fizeram coexistir com as questões sociais e, dessa forma, a realidade do entorno interfere nas ações museológicas, como também os estudos dentro desse contexto.

Assim, a pesquisa aqui desenvolvida parte dessa especificidade para analisar o Museu da Energia de São Paulo, considerado um Museu de Ciências e Histórico, que está geograficamente localizado em um contexto urbano com problemáticas

bem específicas, como é o seu território. O Museu da Energia não está ali por desejo da população do território, mas porque as circunstâncias o fizeram estar naquela localidade – a existência do casarão, a cessão dele pela Secretaria do Estado de Cultura à Fundação Energia e Saneamento e a instituição do Museu da Energia de São Paulo no espaço – e, dentro do contexto a ele imposto pelo entorno, que em suas ações museológicas devem (ou deveriam) serem construídas e desenvolvidas à luz da função social do museu, amparadas na Sociomuseologia. Esse ponto será retomado no capítulo 3.

1.2. A relação do museu com o território que ocupa

Considerando a definição adotada para Sociomuseologia, se faz necessário expandir o estudo para as questões acerca do território em que o museu está inserido. Para entendê-lo, a perspectiva de Milton Santos (2020) se faz adequada, uma vez que considera que o território não é um dado neutro, posto que revela o transcurso da história e indica aos seus atores as formas de intervir conscientemente neste espaço geográfico. O território como conceito, além de não ser neutro, é entendido enquanto usado por uma dada população (SANTOS, 2020).

De acordo com Santos, Souza e Silveira (1998, p. 15 Apud RAMOS, p. 55) é o uso do território que o transforma em objeto de análise social e, como é composto por vários fragmentos de distintas origens, necessita de frequente revisão histórica.

Desta forma, podemos entender o território como um espaço constituído ao longo do tempo, trazendo em si memórias e experiências, resultantes das vivências e identidades. Nesse sentido, o território possui “valores simbólicos, afetivos, patrimônios, vivências, tradições, ou seja, a vida” (RECHENA, 2020, p. 279), sendo parte fundamental dos processos sociais.

Para a Museologia, esses valores simbólicos componentes do território, em especial os relacionados à memória, são basilares para a construção dos processos museológicos. Assim,

[...] a ação museológica comprometida com a realidade expressa pelo/no território se dinamiza ao romper, simbolicamente, as barreiras físicas que separam o museu de seu entorno: o que acaba por ampliar, de certa forma, as possibilidades de interpretação do Fato Museal (GUARNIERI, 1990) que

se “fortalece” justamente por se tornar mais plural e receptivo às demandas contemporâneas que emanam de seu entorno. (RAMOS, 2021, p. 58)

Essa responsabilidade social do museu sobre o território pressupõe trocas, de modo a permitir uma construção participativa e sustentável dos processos museológicos, uma das bases da Sociomuseologia.

Siqueira (2020) nos traz a noção do território como “espaço relacional”, construído através das interações dentro de determinada comunidade, sendo inseparável do grupo humano que o produz, assim como de sua história. Assim, o território traz em si a memória de uma coletividade, sendo de composição muito mais complexa do que a noção de paisagem ou simples cenário.

Apresentado o conceito de território entendido no estudo, passamos agora para pensar no espaço geográfico que ele ocupa, dentro do contexto urbano. O objeto do estudo, o Museu da Energia de São Paulo em sua relação com o entorno, esse entorno é repleto de nuances e especificidades.

Ao longo dos anos, dentro das transformações urbanísticas no cenário paulistano, determinadas áreas da cidade foram privilegiadas quanto à preservação de seu patrimônio. Bocado (2019), falando sobre os projetos de revitalização urbanística contemporâneas, temos ênfase nos processos de gentrificação, marca da gestão urbanística das metrópoles globais, cuja implementação afetou diretamente a memória social das cidades, na medida em que ressignificou locais, privilegiando determinados espaços e exilando outros. E a construção da narrativa histórica resultante deste processo gera impactos subjetivos na vida das comunidades.

Partindo do pressuposto de que a atuação do museu se estende para além de seus muros, a Museologia, então, não se relaciona apenas com ações desenvolvidas dentro dos limites físicos dos museus tradicionais. Nas discussões acerca da Nova Museologia já aparece a ideia da articulação da produção cultural com o contexto urbano contemporâneo.

A esse respeito, temos o exemplo do Museu de Anacostia, criado em 1968, no subúrbio da cidade de Nova York, inovador ao levar para dentro da instituição museu um problema social, de cunho sanitário, se apropriando do tema e se colocando como parte da solução.

Comentando sobre as actividades do Museu de Anacostia, Varine-Bohan (BOHAN, 1979, p. 97), registra que "este modelo constitui um dos exemplos mais claros de utilização de técnicas museológicas para obter a solução duma problemática social e urbana"; através do isolamento de um aspecto parcial da vida cotidiana, foi possível conscientizar os residentes de Anacostia acerca do perigo que as ratazanas representam e da necessidade de melhorar a higiene individual e coletiva. (SANTOS, 1996, p. 44)

O museu não está à margem da sociedade, nem tão pouco dos problemas inerentes à sua formação histórica; ele é parte essencial na comunicação e ressignificação de memórias, sejam elas desejadas ou esquecidas.

Entretanto, se faz necessário, de modo significativo, entender o carácter colonial do museu como instituição, comum na importação do modelo museal europeu ao Brasil no século XIX, na imposição de um paradigma universal. Dessa forma, ao longo do tempo, os museus participaram como instituições chaves na instauração da colonialidade e civilidade advinda do saber. Além das coleções serem testemunhos materiais da civilidade representada, havia a própria lógica da transmissão do saber, por vezes tomada como um encontro com o outro sem conhecimento prévio, subalternizado, naturalizando e justificando a "colonialidade do poder" (SIQUEIRA, 2020, p. 118).

Assim sendo, no entendimento sobre a função social do museu adotada no presente estudo, de forma alguma, se pretende reproduzir no discurso e, principalmente, na análise realizada, traços de colonialidade, um perigoso erro interpretativo sobre a participação do museu em seu território, tendo em vista que o objeto de estudo é um museu pequeno, inserido em um espaço geográfico complexo socialmente, parte de uma grande metrópole.

CAPÍTULO 2: DO ESTUDO À PRÁTICA: O MUSEU DA ENERGIA DE SÃO PAULO

Tendo por base o panorama traçado no capítulo anterior, cabe neste momento apresentar a instituição analisada, o Museu da Energia de São Paulo. Para isso, o capítulo trará o histórico do MESP, abrangendo a instituição que realiza a sua gestão, a Fundação Energia e Saneamento, o casarão que o abriga, as atividades desenvolvidas ao longo do tempo, em especial as relacionadas ao seu entorno e o território onde está localizado. Na organização das memórias sobre as ações voltadas para o território, temos relatos das pessoas que participaram de importantes marcos históricos do Museu, obtidos por meio de entrevistas temáticas de história oral⁹, além de documentos institucionais disponibilizados para a pesquisa. Há, também, a menção de ações de caráter sociomuseológico realizadas por outras instituições do território.

2.1. A Fundação Energia e Saneamento e a memória do setor energético

A Fundação Energia e Saneamento é uma organização privada, sem fins lucrativos, que foi criada em 1998, na época das grandes privatizações das empresas estatais que atuavam no setor energético. Ela nasceu com a responsabilidade de executar ações de preservação e divulgação do acervo histórico do setor energético do Estado de São Paulo. Inicialmente, recebeu o nome de Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, incorporando o saneamento à temática e ao nome em 2004¹⁰.

O acervo inicial da Fundação foi composto por documentos e objetos originalmente acumulados pelas empresas Eletropaulo – que, por sua vez, havia

⁹ A metodologia adotada para a captação das entrevistas temáticas de história oral é a utilizada pelo Núcleo de Estudos de História Oral da Universidade de São Paulo – NEHO-USP, com base no “Guia prático de história oral”, de autoria de José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro. O roteiro com as perguntas utilizado nas entrevistas encontra-se no Apêndice A e a transcrição das entrevistas na íntegra encontra-se no Apêndice B.

¹⁰ Embora a Fundação Energia e Saneamento seja responsável pela preservação do patrimônio dos setores da energia e do saneamento, este último acervo não foi absorvido pela instituição, estando em posse da Sabesp, que, por alguns anos, manteve uma equipe específica da Fundação para tratamento de seu acervo.

herdado o acervo reunido pela Light, empresa que atuou na geração, transmissão e distribuição de energia elétrica, além dos serviços de transporte eletrificado (bondes), iluminação pública, telefonia e gás encanado –, Cesp e Comgás, que foram entendidos em toda a sua importância histórica. Em um segundo momento, recebeu como doação acervos oriundos de coleções particulares, de grandes personalidades que atuaram no setor da energia, seja nas empresas, seja no governo.

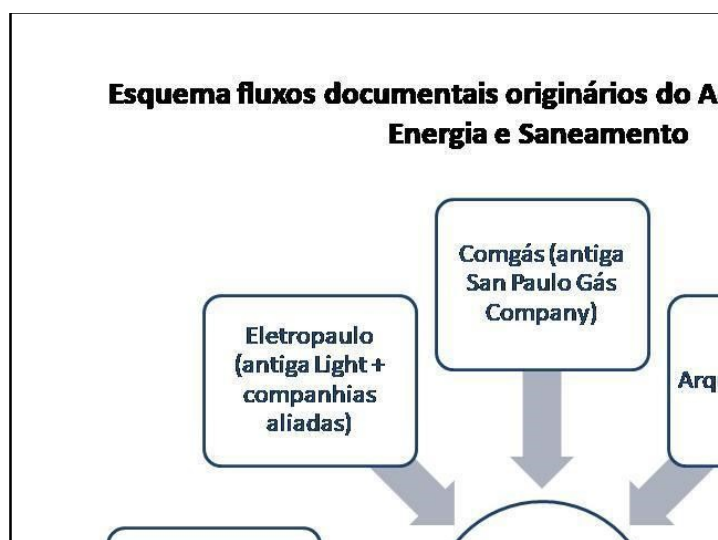


Figura 5: Esquema ilustrativo, desenvolvido pela autora.

A Fundação Energia e Saneamento preserva extenso acervo, composto por mais de 1.600 metros lineares de documentos textuais, 260 mil documentos fotográficos, cerca de 4 mil objetos museológicos, 50 mil títulos na biblioteca, além de documentos cartográficos, audiovisuais e sonoros, reunidos a partir de meados do século XIX, além de patrimônio arquitetônico e ambiental, composto por quatro Centrais Geradoras de Energia (CGHs) – as Usinas-Parque de Salesópolis, Rio Claro, Brotas e Santa Rita do Passa Quatro – e dois imóveis urbanos, localizados nas cidades de Itu e Jundiaí.

Desse modo, a Fundação foi responsável pela musealização do patrimônio das grandes companhias energéticas que atuaram no Estado de São Paulo ao longo do século XX. Além do Museu da Energia de São Paulo, a Fundação possui dois outros museus – Museu da Energia de Itu e Museu da Energia de Salesópolis. A

área que concentra a responsabilidade pela guarda, conservação, preservação, tratamento, pesquisa e difusão do patrimônio histórico da instituição é chamada de Acervo.



Figura 6: Esquema ilustrativo, desenvolvido pela autora.

2.2. A história do Museu da Energia de São Paulo



Figura 7: Museu da Energia de São Paulo. Acervo Fundação Energia e Saneamento.

Dentro da lógica da instituição gestora, os Museus da Energia são responsáveis pela comunicação museológica, em especial das atividades desenvolvidas pelo Núcleo Educativo, sendo a equipe educativa a única alocada nos Museus. Tal escolha de gestão será melhor explorada no encaminhamento da

pesquisa; por hora, com a estrutura da Fundação minimamente desenhada, passamos para o perfil do Museu da Energia de São Paulo.

umont



Figura 8: A Família Dumont, em 1900, em frente ao casarão que hoje abriga o Museu da Energia de São Paulo. Acervo Fundação Casa de Cabangu.

Inaugurado em 7 de junho de 2005, o MESP está sediado em um antigo casarão localizado na esquina das Alamedas Cleveland e Nothmann, tombado como pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) e pelo Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) como Casarão Santos Dumont.

Originalmente, conforme documento “Fundação Patrimônio Histórico da Energia: Gerando Educação e Cultura”, o projeto para o MESP contemplava

Articulando e complementando as atividades já desenvolvidas nos outros núcleos do Museu da Energia da Fundação, o projeto museológico do núcleo de São Paulo [Museu da Energia de São Paulo] contextualizará a temática da energia e sua importância e estratégia no desenvolvimento urbano, industrial e tecnológico paulistano, paulista e brasileiro. (FUNDAÇÃO, s.d., p. 02)

Dessa forma, o casarão centenário foi restaurado e adaptado para abrigar o Museu da Energia e exposições temáticas focadas nos aspectos da história da energia e da urbanização de São Paulo. A edificação, construída no final do século XIX pelo escritório Ramos de Azevedo, foi residência da família de Henrique Santos Dumont até a década de 1920, quando foi adquirido para abrigar o Colégio Stafford,

que ocupou o espaço até finais da década de 1940. No início dos anos 1950, o complexo se tornou sede da Sociedade Pestalozzi, que ficaria ali até o ano de 1982. Após esse período, o casarão foi incorporado à Secretaria de Estado da Cultura, entretanto, sem uso definido, se manteve desocupado. Da década de 1980 até 2001, no contexto das transformações urbanas paulistanas, o espaço ocioso foi ocupado para moradia de pessoas em situação de rua.

Em 2001, após reintegração de posse do complexo do Casarão Santos Dumont pela Secretaria de Estado da Cultura, sua cessão de uso foi transferida à Fundação Energia e Saneamento, sob forma de comodato. Assim sendo, a Fundação realizou obras de restauro e readequação do casarão principal, para abrigar o MESP, e do casarão anexo, utilizado como sede da própria instituição, ações que se estenderam até o ano de 2005.

Nesse mesmo ano, o Museu da Energia de São Paulo iniciou as suas atividades, começando, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de seu Projeto Museológico, sendo que o planejamento e a execução de seus programas ocorreram de modo concomitante, sendo concebido

não para ser um museu “guardião e divulgador da memória”, nem como um espaço específico de popularização do conhecimento científico, mas como uma instituição híbrida: um museu histórico e científico que vai congrega história, ciência, memória do trabalho e aspectos sociais das transformações provocadas pela energia elétrica, e que pretende ser uma referência sobre a questão energética no Brasil. Esse hibridismo o diferencia dos demais espaços dedicados à divulgação científica. Na cidade de São Paulo, não há outro equipamento cultural com a característica de ser um museu histórico e científico. (SANTANA, 2011, p. 42)

Dessa forma, no momento da implantação do MESP, os seus objetivos eram: atuar em conjunto com os demais Museus da Energia¹¹; pesquisar, preservar e difundir o acervo histórico sob a guarda da Fundação Energia e Saneamento, de modo a fomentar a popularização e apropriação da ciência e da tecnologia e valorizar os múltiplos aspectos científicos, culturais e naturais do acervo; ressaltar a importância do tema energia para sensibilizar o visitante quanto à importância da preservação da memória do setor energético e estimular o protagonismo do cidadão quanto ao uso responsável dos recursos energéticos; incentivar as relações com

¹¹ Quando o Museu da Energia de São Paulo foi criado, a Fundação Energia e Saneamento mantinha outros quatro Museus da Energia, localizados em Itu, Salesópolis, Rio Claro e Jundiaí.

instituições e comunidades do entorno, empresas, escolas, centros de pesquisa e universidades.¹²

Atualmente, a missão do Museu é elaborar, fomentar e executar ações por meio da pesquisa, da preservação e da divulgação do acervo histórico (documental e museológico) do setor energético do estado de São Paulo, através da promoção de debates sobre o uso responsável dos recursos hídricos e energéticos e da promoção do conhecimento e a reflexão de seu entorno, contribuindo para o estabelecimento de diálogos¹³.

O seu recorte curatorial orienta a exposições de longa duração, focadas nos aspectos da história da energia, da urbanização de São Paulo, do uso da energia no interior das casas e no uso consciente dos recursos hídricos, contando com acervo museológico, experimentos e maquetes expostas.



Figura 9: Visita monitorada na exposição de longa duração do Museu da Energia de São Paulo, em março de 2020. Acervo Fundação Energia e Saneamento.

Entretanto, a realidade social de sua vizinhança oferece uma série de desafios para a implementação de sua missão, assim como a aplicação prática cotidiana de sua base teórica.

¹² Apud SANTANA, 2011, p. 48.

¹³ Apud site da instituição. Disponível em: <http://www.museudaenergia.org.br/unidades/rede-museu-da-energia/museu-da-energia-de-s%C3%A3o-paulo/o-museu.aspx>. Consulta em 19 de set. de 2020.

2.3. O entorno e a história que não é só do MESP: dos casarões à “Cracolândia”

O Museu da Energia de São Paulo está localizado no bairro dos Campos Elíseos, na esquina das Alamedas Nothmann e Cleveland, distante algumas quadras da Avenida Rio Branco e do Terminal Princesa Isabel, da Estação Julio Prestes e da Estação da Luz e do centro comercial do Bom Retiro, em especial da Rua José Paulino.

Na região estão localizadas várias instituições culturais, como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu da Língua Portuguesa, o Memorial da Resistência de São Paulo, a Sala São Paulo, o SESC Bom Retiro e o Teatro Porto Seguro. Também ali estão instaladas escolas, como a Escola Técnica ETEC Doutora Maria Augusta Saraiva, a Escola Estadual João Kopke e o tradicional Colégio Liceu Coração de Jesus.

No “Plano Museológico e Estratégico do Museu do Palácio dos Campos Elíseos”, realizado pela Tomara! Educação e Cultura em 2016, temos que

o território é marcado pela ação de diversos atores que convivem, entram em conflitos e buscam se distinguir entre si. Estes têm concepções diferentes sobre a memória da região, os usos dos espaços e desejos com relação ao futuro do bairro. Tais contrastes e contradições estão presentes no cotidiano dos Campos Elíseos e ficam evidentes tanto nos discursos e práticas de seus moradores e dos trabalhadores da região quanto na atuação do poder público, de empresas privadas e de organizações da sociedade civil e do terceiro setor. Essas dinâmicas trazem à tona o bairro como um território de tensionamentos e disputas [...] (TOMARA!, 2016, p. 47)

Para melhor compreender os tensionamentos do território, é necessário retomar o seu contexto histórico. A região passou por grandes mudanças ao longo do tempo, indo de localidade de próspero desenvolvimento no início do século XX à região popularmente conhecida como “Cracolândia”, uma analogia ao que seria a “terra do crack”. Em finais do século XIX e início do XX, o espaço abrigou grandes casarios, oriundos do dinheiro vindo dos senhores de café, uma vez que a Estação da Luz era o ponto de encontro das sacas de café vindas dos cafezais do interior paulista, que nesse ponto seguiam para o Porto de Santos.



Figura 10: Panorama dos Campos Elíseos, 1905
Guilherme Gaensly.¹⁴

A região também abrigou o Terminal Rodoviário da Luz, um ponto de enorme circulação de pessoas e recursos, que foi fechado na década de 1980, o que contribuiu para o processo de abandono e sucateamento da região. Conhecida vulgarmente como “boca do lixo” já nos anos 1950, em razão do cinema ali existente a região passou a abrigar cada vez mais outros atores sociais marginalizados, como prostitutas e imigrantes ilegais, fatores esses que levaram a região a experimentar violenta repressão política e social por parte dos órgãos da Ditadura Militar – há de se lembrar o Deops (Departamento de Ordem Política e Social) era sediado no antigo Armazém Central da Estrada de Ferro Sorocabana, que hoje abriga o Memorial da Resistência, onde foram detidos e torturados muitos militantes políticos.

Nesse contexto, o processo de degradação urbana e social do bairro se intensificou ainda mais com a chegada do crack, no início dos anos 1990, com lógica própria de ocupação do território para consumo e o comércio da droga. A partir da década de 1990, intensificado nas gestões municipais de Serra e Kassab, já no início dos anos 2000, houve o início da execução de programas para reconfiguração e qualificação do espaço, como o “Nova Luz”. Entretanto, a falta de continuidade e, conseqüentemente, não finalização das obras projetadas em tais programas, acabaram por gerar mais degradação, ambiente propício para a rápida ocupação por

¹⁴ PANORAMA dos Campos Elíseos. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra22403/panorama-dos-campos-eliseos>. Acesso em: 05 de dez. de 2021. Verbetes da Enciclopédia.

pessoas em situação de dependência química extrema, que antes já viviam nas pensões da região ou nas marquises de prédios, mas em menor escala. Diante disso, houve o aumento exponencial da concentração dos dependentes químicos em determinados locais e a popularização do nome “Cracolândia”.

É válido ressaltar que a “Cracolândia” é entendida por muitos como um fenômeno, pois é caracterizada ao mesmo tempo por uma dimensão territorial e com uma tendência fluida e móvel dentro desse território, “ou seja, a ‘Cracolândia’ constitui uma territorialidade itinerante que possui a característica de ser móvel, mas relativamente passível de ser mapeada na cidade de São Paulo” (RUI, 2014, p. 96).

Os conflitos permeiam a história recente do território. Em 2012 houve uma truculenta operação policial, a “Operação Sufoco”, com o objetivo de retomar o domínio desse espaço da cidade por parte do poder público, sem haver cuidado com os usuários ou mesmo apoio para tratamento. Desde 2017, há um conflito latente marcado por inúmeras formas de violência e repressão por parte dos governos municipal e estadual, permeado por problemáticas da defesa de direitos humanos. Nos anos de 2021 e 2022, a forte repressão policial e as várias ações na região acabaram por deixar a “Cracolândia” ainda mais fluida e móvel, com pessoas em situação de dependência química espalhados pelos bairros próximos da região central da capital paulista.

Com o contexto histórico desenhado, cabe esclarecer que, para entender os mais diversos lados da “Cracolândia”, o estudo teve por base a pesquisa desenvolvida por Taniele Cristina Rui em sua tese de doutoramento em Antropologia Social intitulada “Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack”, em que a autora, de modo sensível, não se baseia nas narrativas generalistas que sobre a “Cracolândia”

que enfocam a falta, a miséria humana, a alienação com o entorno, o ‘reino dos zumbis’, a ausência estatal, o exótico, o feio, aquilo que se deve evitar. Todas essas proposições falham ao não evocar os nexos entre legalidade e ilegalidade no interior dessa territorialidade e entre ela e outros espaços urbanos – o que fomenta a apreensão de tal área como fronteira impenetrável, isolada fisicamente e, pior, moralmente. Ao se perder de vista a dimensão plural dessa territorialidade e ao se insistir levemente no seu fechamento interno, corre-se o risco de ignorar todas as disputas, influências e conexões que a constituem. (RUI, 2014, p. 102)

Com isso, não temos uma definição fechada acerca do território, mas chamamos a atenção ao caráter humano do espaço, fonte praticamente inesgotável de histórias e exemplos diversos de formas de sociabilidade.

O casarão que abriga o Museu da Energia de São Paulo desde a sua inauguração foi testemunha de todas essas mudanças de seu entorno, que se refletiram nas alterações de usos do prédio. De casarão de família de elite, colégio, sede da Sociedade Pestalozzi à ocupação para moradia popular. Em 2001, após reintegração de posse do complexo do Casarão Santos Dumont pela Secretaria de Estado da Cultura, o uso foi transferido para a Fundação Energia e Saneamento, por meio de comodato, em troca do restauro e posterior preservação da construção. E o Museu da Energia de São Paulo foi desenvolvido e planejado de 2001 a 2005 e, com a sua inauguração, foi inserido no circuito cultural da região.

Com o seu território em extremo complexo, com grandes demandas sociais latentes, o Museu da Energia de São Paulo começou a sua existência em uma localidade que não o desejava, ou seja, o MESP estar ali localizado não foi por demanda daquela sociedade, mas um “acaso”. Porém, da mesma forma teve que assumir um papel como um museu dentro desse contexto para atender às questões sociais, pois

Uma instituição museológica que pretenda inserir-se organicamente no território deve começar por reconhecê-lo em seus sentidos próprios para, então, acessar suas demandas narrativas. [...] Ao se aproximar desses indicadores, a ação museológica poderá, finalmente, incidir sobre a trama social no entendimento do patrimônio, reconhecendo seu significado para as pessoas. (RAMOS, 2021, p. 120)

Dessa forma, cabe a reflexão acerca da atuação de um museu neste contexto, uma vez que os arcabouços teóricos consultados não trazem uma situação igual, mas permitem adaptar as ideias e metodologias à prática museal para essa realidade, posto que a especificidade social deve abrir precedentes para diálogos museológicos, uma vez que a Museologia deve lidar com problemas do campo social cada vez mais complexos e desafiadores.

2.4. A relação entre o Museu da Energia de São Paulo e o entorno

Para entender em que medida a relação com o seu território norteou as ações do Museu da Energia de São Paulo ao longo do tempo, foi realizada pesquisa em duas frentes, sendo elas: consulta em documentação institucional de caráter histórico da Fundação Energia e Saneamento, disponibilizada pela área de Acervo da instituição e pela equipe do Museu da Energia de São Paulo; e realização de entrevistas com funcionários atuais do Museu e ex-coordenadores, que gentilmente cederam seu tempo e suas memórias para contribuir com o estudo. A seguir, os resultados da pesquisa são apresentados de forma cronológica, tendo por base o cruzamento dos dados obtidos pelas duas frentes.

No documento “Fundação Patrimônio Histórico da Energia: Gerando Educação e Cultura”, sem data, mas anterior à inauguração do MESP, já existe a questão da função social

Agora, com a previsão de mudança de sua sede para uma área que ocupará cerca de 3 mil m² na região central da capital paulista, a Fundação intensificará e ampliará a visibilidade dos recursos naturais, a divulgação científica e a preservação do meio, de modo a colaborar para a disseminação de conhecimentos e comportamentos de responsabilidade social e ambiental, além de participar na construção da história da cidade e do Estado de São Paulo a partir de seu acervo. (FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA, s.d., p. 1)

No Plano Museológico, de novembro de 2003, havia a proposta do Museu da Energia de São Paulo, com exposições de caráter histórico-tecnológico, um espaço interativo de difusão científica, chamado de “Energarium” e um Centro de Informações, sendo que a instalação de tais equipamentos

de certo contribuirá para a revitalização social e econômica da região que envolve a Estação da Luz e a Estação Júlio Prestes, além de tornar-se mais um exemplo de preservação nos Campos Elíseos, vindo juntar-se a outras iniciativas pioneiras naquele bairro.

Uma das expectativas de uso encontra-se em transformar aquele espaço em um ponto de atração, dentro do circuito do turismo cultural da cidade. [...] O Museu da Energia - MESP deverá ser parte dos roteiros turísticos já realizados pelo centro histórico, integrando-se e complementando a visita aos tradicionais espaços como o Pátio do Colégio, Praça da Sé, Pinacoteca do Estado, Estação Júlio Prestes, etc. (FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA, 2003, p. 8-9)

Entretanto, quando fala do público-alvo potencial, indica que seriam previstos cerca de 30 mil visitantes por ano, em especial professores e estudantes da rede pública e privada, grupos de turistas e “público paulistano em situação de lazer” (FUNDAÇÃO ENERGIA E SANEAMENTO, 2003, p. 9). Ou seja, não há expectativas para visitantes do entorno. No entanto, nas premissas norteadoras das ações museológicas do MESP há a citação do entorno, quando fala em “Articular suas ações com outras instituições no bairro, na cidade de São Paulo, no Brasil e no exterior, visando estabelecer acordos de cooperação locais e internacionais” (FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA, 2003, p. 11).

Ainda no Plano Museológico temos a descrição dos recursos humanos esperados, com os cargos de Diretor de Museu (Rede Museu da Energia), Coordenador do MESP, Coordenador do Serviço Educativo, Arquiteto Sênior, Historiador, Museólogo, Profissional de marketing educacional e turístico, Técnico restaurador, Estagiários de diversas áreas (como História, Comunicação, Jornalismo, Museologia, Turismo, Física, Engenharia, Pedagogia, etc), voluntários, Zelador técnico de serviços gerais, Auxiliar técnico, Faxineiros e porteiros. Cabe a observação que a equipe do Museu nunca teve essa composição, sendo formada por Coordenador (com vários momentos de ausência de preenchimento do cargo), Educador, Auxiliar educativo e estagiário.

No “Relatório de serviços prestados por Laerte Machado Júnior”, há o anexo “Plano Diretor do Museu da Energia de São Paulo 2006”, que traz a missão do MESP como

Atuar com clara **função social** [grifo nosso] na preservação, pesquisa e divulgação do patrimônio cultural do setor energético, garantir práticas seguras no gerenciamento do acervo baseadas em valores e princípios éticos. (MACHADO JR, 2006, p. 12)

No mesmo Plano Diretor, temos a descrição do que seria o objetivo final do processo de musealização

Implementar e desenvolver estratégias de conservação, divulgação do acervo e promover o acesso da população a informação. Viabilizar e garantir o processo de formação do cidadão, por meio do entretenimento e educação ao oferecer exposições e atividades com possibilidades de envolvimento intelectual em diferentes níveis, de acordo com as necessidades e interesses de cada público além de prestar serviços à

comunidade em que o museu está inserido [grifo nosso].(MACHADO JR, 2006, p. 13)

Embora o entorno apareça descrito e haja também a citação da comunidade local como um dos públicos-alvo na análise, a localização do MESP é destacada como perigosa, considerada até mesmo como uma ameaça ao Museu e suas atividades.

Na publicação “Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre o museu e entorno”, de Cristiane Batista Santana (2011), que aborda o Museu da Energia de São Paulo e a sua relação com o território, há que o público-alvo inicial do Museu era escolar, empresas de energia, especialistas, funcionários de empresas energéticas e familiares, espontâneo e “outros”, sendo os “outros públicos” compostos por idosos, turistas e pessoas normalmente marginalizadas das instituições culturais agregadas por ONGs e entidades assistenciais. E que, para cada grupo foi elaborado um tipo de ação adequada a um programa de visita e de atividade pedagógica, entretanto “um público considerado importante ao Grupo Curatorial não foi contemplado: o público de comunidades do entorno”¹⁵. Na reunião do Grupo Curatorial em janeiro de 2007, a questão de como o Museu pretendia se relacionar com a comunidade do entorno, considerada como polêmica foi problematizada, sendo que

O “público do entorno” foi considerado pelo Grupo Curatorial como um público a ser atingido, levando-se em conta que o Museu é uma instituição com finalidade cultural e **não de assistência social, e que a inclusão deve ser feita com quem trabalha especificamente com isso** [grifo nosso], ou seja, organizações não governamentais da área social. (SANTANA, 2011, p. 53)

Sendo retirada de responsabilidade do Museu da Energia de São Paulo para com os problemas sociais de seu território, temos um descompasso com as noções da função social dos museus perante a sociedade contemporânea e suas problemáticas. Tal postura é sintomática e demonstra a distância das discussões do grupo curatorial com as demandas do dia a dia da instituição museal.

¹⁵ Grupo curatorial do Museu da Energia de São Paulo. Síntese de reunião realizada em 16 de janeiro de 2007. São Paulo: 2007. Mimeo Apud SANTANA, 2011, p. 51.

Já no “Relatório Encerramento de Coordenação” de Mirela Leite de Araújo, datado de 2010, há o relato de que o objetivo geral das atividades do biênio 2008-2010 foi “tornar o Museu da Energia de São Paulo um equipamento cultural acessível a diferentes públicos, interagindo e proporcionando uma experiência significativa ao visitante” (LEITE, 2010, p. 3).

Mirela Leite de Araújo, Coordenadora do Museu da Energia entre os anos de 2008 a 2010, concedeu entrevista para a pesquisa, na qual cita que

E a Luciana, que era a educadora, tinha uma articulação muito forte com o entorno. Ela vinha nesse trabalho anterior. Então ela participou do grupo de pesquisa, era um grupo de pesquisa do Bom Retiro, junto com o IPHAN e outras instituições, o Museu da Língua Portuguesa, a Pinacoteca, o Memorial da Resistência [...] eram diversas instituições culturais e de educação que se reuniam em um mapeamento das referências culturais do bairro. A Luciana participava disso e a gente sempre debatia sobre isso, e sempre me chamou muito atenção dois aspectos do Museu, nesse sentido da sua relação com a comunidade. Primeiro, esse entorno, e assim, quando eu estou falando do entorno do museu, não é que as coisas estão em volta dele, mas do lugar de fala do museu, da onde ele vê essas pessoas. Então, essa relação com o entorno e a relação com o próprio passado, com a história do casarão e como ele era uma referência para as pessoas que viveram e que viviam ainda ali. Então não só uma referência em um território urbano, mas uma referência afetiva mesmo. Então durante muito tempo, por exemplo, passa pessoas na rua e falavam “eu morei aí nesse casarão, a minha família morou aqui. Eu lembro de acontecidos”, isso era e foi muito instigante. Então, assim, paralelamente à temática do Museu de história e das ciências, que precisava se desenvolver nesse sentido, sempre teve a sua relação com o entorno e com as pessoas que viviam ali.¹⁶

Sobre o território, Mirela sinaliza três grandes problemas sociais: “a ‘Cracolândia’, a imigração ilegal [...] e a prostituição, que de uma forma ou de outra, está ligada a esses contextos também”¹⁷. E que essas questões eram trazidas no planejamento e execução das ações do MESP, embora houvesse certa resistência em certos temas e abordagens por parte da gestão da Fundação,

porque é um museu de História da Ciências por que a gente falava de imigração boliviana? Então eu precisava fazer essa sensibilização, que também não é uma questão fácil de ser abordada e de ser compreendida por quem não está envolvido com o papel social e político do museu. Então precisava ter uma sensibilização interna também. Porque, se por um lado

¹⁶ ARAÚJO, Mirela Leite de. Entrevista 03. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista Mirela Leite_13.05.2022.mp4 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

¹⁷ Idem.

existia uma resistência com essas temáticas, por outro também existia a possibilidade da gente fazer trabalhos com relação a isso.¹⁸

No período da coordenação da Mirela, o perfil do público era, principalmente, escolar, além de especialistas e ex-funcionários do setor elétrico, e algumas pessoas com relação afetiva com o casarão, como ex-alunas do Colégio Stafford.

Mirela destacou a questão da herança que o Museu carrega

Um legado que muitos museus carregam, de desocupação das famílias que ali viviam para a construção, para a consolidação de um museu. [...] Os museus lidam com essa sua trajetória e também trauma das pessoas que foram tiradas de seu ambiente, por mais que ele não seja o ambiente ideal, um ambiente de ocupação tem várias problemáticas envolvidas, mas é a casa das pessoas, né? É onde elas vivem. Acho que esse era o lado que era mais difícil de abordar, porque as pessoas... Porque é uma memória trauma e porque as pessoas criam uma certa resistência com o espaço de museu.¹⁹

No Dossiê “Grupo Articulador Bairro Escola Luz – Boletim Informativo Bairro Escola Luz”, há a menção de um projeto educativo que integrava museus, escolas, pontos de cultura, unidades básicas de saúde e associações, entre outras organizações, dos bairros da Luz, Campos Elíseos e Bom Retiro, que o MESP participou em 2010. O grupo era uma iniciativa da OSCIP Cidade Escola Aprendiz e tinha como objetivo promover o desenvolvimento local e a inclusão social por meio de ações de educação e cultura, com foco no desenvolvimento de crianças e adolescentes e do território.

Coordenadora do Museu da Energia de São Paulo de 2010 a abril de 2012, e Coordenadora de Museologia da Rede Museu da Energia de maio de 2012 e até setembro de 2014, a museóloga Maria Paula Cruvinel concedeu entrevista para a pesquisa, na qual relata que, na época que esteve à frente do MESP, as visitas recebidas e mediadas pelo Educativo do Museu eram, em sua maioria, oriundas do programa “Cultura é currículo”, da FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação, não havendo projetos diretamente com o entorno do Museu. Para trabalhar melhor a questão do entorno, a estratégia adotada pela coordenação foi de analisar e buscar compreender quem eram as pessoas que habitavam no mesmo território e se percebeu que havia

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

uma demanda muito grande das pessoas que estavam ali no entorno, principalmente das pessoas ali na favela do Moinho, que era ali no final da rua, na Cleveland. E a gente começou a buscar atividades e pensar em coisas especificamente para esse pessoal, então uma das coisas que a gente fez bem legal, que teve uma adesão grande foi uma sala interativa. Então a gente separou uma sala da parte de cima para poder fazer meio que uma brinquedoteca de ciência. E foi bem bacana, teve uma adesão muito grande dos meninos na época. Inclusive tenho uma passagem ótima de uma mãe que chegou e falou assim “Aqui é um museu?” e eu falei “É”, aí ela “O Flávio está aqui?”, eu falei “está, ele sempre está aqui”, “ah, eu vim conferir, porque eu achava muito esquisito que ele ficava falando que ia para o museu” [risos]. Que, para a mãe, estava assim “como assim esse menino está indo tanto no museu? O que tem de tão diferente nesse museu?” Porque não deve fazer parte da ideia dela de que ele poderia falar que estava indo no parque, estava indo no SESC, fazia sentido, mas no museu, para ela, não devia fazer o menor sentido. Aí eu falei “Vamos lá, vamos conhecer” e aí eu fiz uma visita, foi super legal assim, porque teve realmente essa adesão dos meninos lá com o espaço.²⁰

Sobre a relação com as crianças da Favela do Moinho, Maria Paula enfatiza que elas

encontraram um lugar onde eles podiam ficar, brincar, eles brincavam de pique-esconde lá na parte do pátio, na parte externa, então aí eles iam lá, a gente deixava material. Teve uma vez que eles fizeram teatro de sombras, que a gente deixou um pedaço, e ficaram a tarde inteira lá, e no final do dia “a gente vai apresentar” e a gente ia lá assistir. Então, tinha bastante interação desse pessoal ali.²¹

Sobre a relação do MESP com as questões sociais do território, Maria Paula destacou dois episódios difíceis em sua percepção, um incêndio de grandes proporções na Favela do Moinho, momento no qual o Museu se colocou como um lugar de acolhimento – “Foi bem difícil esse episódio e a gente tentou acolher da melhor forma possível, eu deixei e ‘quem precisar ficar aqui no Museu, pode ficar’”²² –, e uma grande e violenta reintegração de posse em uma ocupação na Alameda Nothmann, momento em que o Museu se disponibilizou a ajudar, cedendo o espaço do Museu no dia para que as pessoas pudessem guardar os seus pertences. Sobre a “Cracolândia”, a entrevistada mostrou uma postura de maior distanciamento, citando que

²⁰ CRUVINEL, Maria Paula. Entrevista 04. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista Maria Paula Cruvinel_13.05.2022.mp4 (35 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

²¹ Idem.

²² Idem.

Como a gente está um pouco mais afastado, teve uns dois ou três episódios que eu me lembre assim, que uma das vezes só foi uma pessoa que sentou lá e começou a puxar cachimbo e tudo e a gente chegou e falou “olha, aqui não pode” e tudo mais, mas o máximo que tinha, às vezes ia um pessoal que ia e deitava ali, ficava deitado nos bancos. Era mais isso, não tinha um contato direto específico com o pessoal assim, de entrar no Museu ou qualquer coisa de violência, enfim, não, não teve em momento nenhum enquanto eu estive lá, não aconteceu nada desse tipo.²³

Assim sendo, as questões sociais do entorno impactaram o planejamento das atividades do Museu, pois o objetivo principal era “integrar a comunidade do entorno, mas a partir da perspectiva de planejamento dentro de um museu de ciência, tecnologia e história”²⁴, somada a apropriação das crianças do entorno do espaço do MESP, um público recorrente, então a programação era pensada nele.

Henrique Davini Rocha, que trabalhou no Museu da Energia de São Paulo entre 2008 e 2014, sendo de 2012 a fevereiro de 2014 na função de coordenador, concedeu entrevista para a pesquisa, na qual relata que, quanto ao público, o foco era de atividades agendadas de escolas e instituições, que davam os maiores números de visitantes. Já o público do entorno, Henrique analisa que o casarão

é um prédio muito imponente e muito bonito em um bairro com grandes problemas sociais onde a maioria dos prédios ali do entorno não são, não possuem essas características. São pouco preservados e que a maioria das pessoas que vivem ali é de uma classe social um pouco mais baixa, então ele se destacava como alguns outros prédios, como o Liceu Coração de Jesus, ali o colégio, depois o SESC, que virou, que é um prédio bem moderno. Mas ele se destacava, então a primeira impressão que as pessoas tinham, e o portão estava sempre entreaberto, nunca aberto completamente, então acho que a primeira impressão de que as pessoas tinham, e até eu tinha vindo de fora, é que é um lugar inacessível, que não era para a comunidade, era um local que não estava, era uma empresa, algum lugar muito fechado e que as pessoas do local não tinham esse acesso. Com a Mirela, a gente já... Eu já que havia uma preocupação, com a Mirela e com o Maurício, uma preocupação em trazer esse público do entorno para dentro do Museu.²⁵

A Experimentoteca foi citada como um recurso educativo de grande importância para aproximação com o público infantil e adolescente do entorno em vários relatos, com destaque para a entrevista com o Henrique, que conta

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ ROCHA, Henrique Davini. Entrevista 02. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista Henrique Davini_12.05.2022.mp4 (44 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

[...] quando a Maria Paula assumiu, ela começou a trazer políticas e a tomar atitudes com o intuito justamente de fazer essas atividades e a essa relação com o entorno. Então foi com a Maria Paula que a gente conseguiu colocar em prática a primeira versão da Experimentoteca. A gente começou a desenvolver uma série de atividades de visita, de oficinas para público espontâneo e começou um trabalho de planfletagem no entorno mesmo, de convidar, de ir até ali, descer no Bom Retiro e se apresentar para os lojistas, os que trabalham ali o entorno, apresentando que aquele era um espaço aberto e que as pessoas, que elas poderiam frequentar.²⁶

Na documentação consultada, há o “Projeto Experimentoteca Museu da Energia de São Paulo”, de setembro de 2009, que explica conceitualmente a sala

Fazendo analogia com uma biblioteca, a experimentoteca é um lugar que guarda, cataloga e empresta experimentos ao público.

O projeto consiste no desenvolvimento e montagem de uma experimentoteca que ficará sediada em uma edificação já existente e tombada pelo Condephaat, localizada no mesmo complexo arquitetônico do Museu da Energia de São Paulo. O principal objetivo é desenvolver atividades interdisciplinares ligadas à cultura, ciência, tecnologia e meio ambiente.

O acervo didático, experimentos e ações educativas serão dirigidos especialmente aos estudantes das redes públicas de ensino - alunos e professores - das comunidades nas quais o Museu está inserido. (FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA E SANEAMENTO, 2009, p. 3)

No “Plano de Coordenação para o Museu da Energia de São Paulo – ano 2012”, desenvolvido por Henrique Rocha, há o relato de um aumento expressivo de público nos meses de janeiro e fevereiro, quatro vezes maior do que o ano anterior, sendo o novo público composto em sua maioria por crianças e adolescentes das comunidades próximas ao MESP, principalmente oriundos da favela do Moinho, o que permitiria, segundo Henrique, perceber uma grande mudança do foco da ação educativa em relação ao ano anterior, e indicar a necessidade de investimento do Museu no planejamento de ações para estreitar os laços com esse público, de modo a ser apropriado como espaço de cultura e lazer. Henrique ainda descreve as atividades da equipe no ano de 2011, que teve como foco apresentar o MESP aos demais equipamentos culturais e educacionais do território, ação que foi avaliada como um dos elementos para o aumento de público percebido.

Nesse contexto, temos a criação da sala educativa (ou Experimentoteca), que contava

²⁶ Idem.

com toda a infraestrutura necessária para o desenvolvimento de atividades educacionais para todas as faixas de idade, onde o visitante poderá se integrar aos projetos desenvolvidos pelo MESP ou poderá interagir com o espaço do museu por conta própria. A sala estará aberta e disponível para o público durante todo o horário de funcionamento do museu e será nela que as visitas agendadas terminarão, através de uma avaliação lúdica, onde será possível compreender melhor quais os conhecimentos adquiridos pelos visitantes durante a visita às exposições, criando assim um feedback, que irá auxiliar no desenvolvimento das técnicas de expor os conteúdos e atender ao público como um todo. (ROCHA, 2012, p. 3)

Henrique na entrevista concedida relata ainda ações de aproximação com o território de diferentes frentes com variados objetivos, com destaque para as visitas mediadas de 10 a 15 minutos de duração para funcionários da Porto Seguro que, em geral, ficavam apenas no espaço externo do MESP no horário de almoço, e da parceria com a Escola Estadual João Kopke, localizada na mesma rua da instituição, em que alguns professores davam aulas para os alunos dentro do Museu, na sala que recebeu a Experimentoteca e

Então eles ocupavam como espaço de conhecimento ali, mesmo não estando diretamente ligado à exposição que estava ali naquele momento, mas o espaço do Museu começou a ser usado por essa comunidade e depois tinha até alunos que iam para lá estudar, então eles iam lá no Museu e gostavam de ficar ali no quintal sentado, ouvindo música e estudando.²⁷

Sobre ações museológicas planejadas para o entorno, Henrique indicou o papel do Educativo, pois como a exposição não havia contemplado esse ponto, os educadores modificaram a mediação especialmente para o público do entorno, abordando temas que eram mais significativos para o território, como a história do casarão e as transformações do bairro dos Campos Elíseos

Porque a nossa mediação ela tinha muito mais o intuito de trabalhar a história do processo de construção da casa e explicar porque ela virou museu. Então a gente tentava assim, às vezes em um período bem curto, os grupos tinham em torno de 1h, uma 1h15 para fazer a visita dentro do Museu, a gente falava em 20 minutos, às vezes 15 minutos, a memória do casarão, mas era no intuito assim “esse aqui é o prédio, construído em tal período pelo Henrique Santos Dumont, aqui funcionou um colégio rapidamente, depois virou um museu”, dando pouca ênfase, principalmente, ao período em que o prédio ficou abandonado e virou um ponto pesado de tráfico e consumo de drogas da região, até porque existia uma preocupação em passar uma imagem mais limpa, vamos dizer assim, socialmente limpa do prédio do que explicar os problemas sociais e aí o que a gente começou

²⁷ Idem.

a fazer foi modificar esse discurso. Em vez da “Memórias do casarão” ser uma exposição que falava da memória do casarão, a gente começou a falar das transformações do bairro, que a gente entendeu que era algo muito mais significativo. Então a gente foi atrás de como a favela do Moinho foi constituída, o que foi ali antes, quem morou ali primeiro, porque era daquela forma, porque o Bom Retiro é um bairro conhecido como da imigração, porque a região da Luz e Campos Elíseos era considerada dos barões do café e se transformou na região onde hoje a gente tem a “Cracolândia”, porque que a gente tem todos esses problemas sociais. E a gente lidava de uma maneira muito, não sei se seria a palavra, educativa, mas de uma maneira formal, trazer a realidade destas pessoas, principalmente das crianças que viviam ali, para dentro do Museu, para que elas se sentissem representadas.²⁸

O ex-coordenador citou também que, após as mudanças, a equipe “conseguiu transformar o espaço em algo muito mais social mesmo, mais inclusivo do que ele era antes”²⁹, porém com alguns problemas com a gestão da Fundação, que não aprovava a narrativa museológica construída e os enfoques do novo formato de mediação.

Michael Lopes Argento, que trabalhou no Museu da Energia de São Paulo de 2010 a 2014, sendo que em 2014 assumiu a coordenação do Museu também concedeu entrevista para a pesquisa, e destacou a relação com crianças e adolescentes do entorno, que levavam demandas próprias ao MESP, como

Muitas vezes a gente parava para sentar e fazer lição de casa com eles, porque a gente sentia que era essa a necessidade deles naquele momento. Eles viam o Museu, por exemplo, como um espaço para fazer os seus deveres, poder fazer trabalho em grupo, então a gente acabava, dentro desse processo de conhecer o público e interagir com ele, até fazendo atividades que estavam “fora” do nosso escopo, sabe? Então, a gente desenvolvia atividades como até ajudar na lição de casa.³⁰

A quebra da fidelização do público conquistado nas gestões anteriores, que ocasionou a baixa adesão do público do entorno foi, segundo Michael, devido ao tempo que o MESP ficou fechado, principalmente para intervenções de restauro na fachada e a reinauguração da exposição de longa duração, em 2010 (cerca de 10 meses)

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ ARGENTO, Michael Lopes. Entrevista 05. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista Michael Argento_25.05.2022.mp4 (52 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

mas esse processo, ele foi muito difícil, mesmo com o desenvolvimento de ações educativas, mantendo o Museu aberto para o público. Então, a gente tentava desenvolver algumas atividades com o público do entorno na época, mas a porta fechada [...] era a grande barreira que o público que a gente levou um tempão para fidelizar na época, que eram aquelas crianças, que estudavam no João Kopke, que ficavam em outras instituições do entorno, e que vinha para o Museu para poder passar a tarde, por exemplo, aquilo já era uma baita barreira. Então, deixavam de ir para o Museu e iam para o SESC.³¹

Na mesma época, a sala da Experimentoteca foi desativada, espaço chave da atuação com o público do entorno para vários dos entrevistados.

Sobre a relação do MESP com os problemas sociais do entorno, especialmente da região da “Cracolândia”, Michael relata que as ações desenvolvidas na época eram direcionadas ao público que frequentava o MESP, havendo apenas algumas ações com as ONGs que trabalhavam na região do “fluxo da Cracolândia”, refletindo que

Eu não sei se isso está vinculado a um crescimento geográfico em relação à própria “Cracolândia” ou se isso foi um processo que a gente acabou... Enfim, de amadurecimento institucional, que eu acabei não fazendo tão parte assim, mas as ações, elas eram mais dispersas na época que eu trabalhava lá, mas soube que foram mais efetivas depois que eu saí. Então, eram atividades mais voltadas para integração mesmo desse público para desenvolvimento de uma relação mesmo do Museu com esse público. Mas eu acredito que, enfim, minha opinião pessoal, é que talvez a gente pudesse ter feito mais [...] porque, na verdade, não havia maturidade institucional na época para a gente desenvolver projetos focalizando nesse público. Então, eu acho que faltou um diálogo com as lideranças com os movimentos que são muito fortes ali na região. Acho que faltou até intercâmbio com outras instituições que estavam mais amadurecidas no desenvolvimento de projetos, como a própria Pinacoteca, por exemplo, eles têm trabalhos muito legais com o público do entorno e até situado, ficando geograficamente mais longe do que é a “Cracolândia”. [...] Foi um processo de amadurecimento que até começou na própria atuação mais ativa do Maurício como Educador, logo quando eu entrei como estagiário, isso foi muito lentamente caminhando e chegou em um estágio mais amadurecido com a coordenação da Luciana [Nemes]. Eu acredito, mas eu já não estava, então é muito pelo que eu acompanhei pelas próprias mídias sociais do trabalho que havia sido desenvolvido.³²

No documento “Projeto Extramuros – Museu da Energia de São Paulo”, de 2014, temos a questão da relação com o território

O entorno do Museu da Energia de São Paulo conta com alguns equipamentos culturais de grande porte [...] Esses equipamentos

³¹ Idem.

³² Idem.

apresentam grande fluxo de visitantes, mas o número de moradores da região a frequentarem esses espaços é baixíssimo, o que nos leva a pensar na forma como os espaços são ocupados e nas possíveis barreiras que os moradores da região encontram. Pertencem geograficamente ao espaço, mas não usufruem de sua infraestrutura cultural tão bem como poderiam.

O MESP conta com um fluxo relevante de visitas do nicho escolar e apresenta um fluxo, principalmente durante as férias escolares, de crianças da região. Em relação ao público escolar, apresentamos um trabalho de visitas monitoradas e oficinas direcionadas, o que satisfaz essa demanda. Em relação ao público espontâneo de crianças da região, não possuímos programação específica para o mesmo e encontramos fortes dificuldades em realizar atividades com esse público. Além desse público espontâneo da região, notamos uma demanda reprimida de pessoas do entorno que não ocupam o espaço, conclusões tidas por meio de observações, ou por sentirem que não devem ocupar esse espaço ou por manterem a visão das antigas ocupações do Casarão – espaço de tráfico de droga e de moradia irregular de famílias sem teto. (MUSEU DA ENERGIA DE SÃO PAULO, 2014, p. 1)

Elemento comum nas entrevistas coletadas, Michael sintetizou a questão da ausência de coordenador no Museu da Energia de São Paulo em vários períodos, em uma reflexão autocrítica.

[...] acho que valha a discussão e entender se, por exemplo, essa ausência de coordenação durante longos hiatos tenha sido algo focado ou que tenha contribuído para isso ou não. Acho que vale a crítica em relação a isso. Eu acho que valeria até um processo de reflexão sobre o perfil desse profissional. Então, eu acho que o Museu da Energia, devido a sua posição e o potencial que tem para dialogar com o público, isso deveria ser uma questão de identificar a característica do profissional que vai assumir esse cargo e entender que ele precisa ter essas qualificações. Eu não tinha, por exemplo. Acredito que talvez as pessoas que atuavam na minha época também não tinham, então acredito que tenha sido um processo de entendimento mesmo de qual é o perfil do profissional que vai trabalhar lá, quais são as dinâmicas que estão imersas ali naquele contexto e pensar quais são as habilidades que esse profissional tem que ter para desenvolver cada atividade. E eu acho que isso tem que partir justamente de uma conscientização da própria instituição de seu caráter transformador.³³

Em 2018, Mirela Leite de Araújo colaborou com a elaboração do Plano Museológico dos Museus da Energia. Nessa oportunidade, ela sinaliza que

Quando eu voltei, nesse segundo momento, o Museu estava sem coordenação, então eu acho que essa é uma questão. É um dificultador para as ações do Museu. Um outro fator que eu acho que é muito importante, é que a “Cracolândia” cresceu muito e se tornou um problema muito maior. Uma condição, não um problema, uma condição do território que ganhou uma outra proporção... Foram muitas mudanças. Na verdade, quando eu voltei, eu percebi muitas coisas. A constituição de novos espaços culturais muito próximos, não tinha o SESC, que eu acho que já

³³ Idem.

tem uma outra interação tanto com o território tanto com o Museu. Tem um Centro Cultural da Porto Seguro do lado, que também não tinha antes, e eu, de uma forma geral, assim, posso estar dando uma opinião enganada, mas acho que o Museu um pouco que interagiu menos com as instituições culturais do que a gente interagiu naquele momento, sabe? Então aquela rede de parceiros, me parece, me pareceu naquele momento, um pouco menos articulada.³⁴

É possível perceber dois pontos de atenção: aumento da “Cracolândia” e períodos de ausência da figura de coordenador. Na entrevista da Mirela, ela ainda traz um outro fator, as grandes mudanças de profissionais da Fundação em curtos períodos de tempo, em que o Museu da Energia de São Paulo foi mais impactado, diferente das unidades de Itu e Salesópolis. Sobre as alterações na equipe de São Paulo, Mirela ainda analisa que

o Museu, no meu ponto de vista, não é uma estrutura que por si só executa ações, ele é reflexo da equipe que está nele. Então quem faz o Museu acontecer num direcionamento social, político e cultural, enfim, das múltiplas dimensões de um museu, quem faz ele acontecer é a equipe que está nele.³⁵

Também foi realizada entrevista com dois membros da equipe atual do Museu da Energia de São Paulo, Vinicius Kavashima, atual Educador (no momento da entrevista, Vinicius ocupava a função de Auxiliar Educativo) e Fernanda Moraes, Coordenadora Educativa dos Museus da Energia, que na oportunidade estava na unidade, para realizar um diagnóstico acerca do trabalho da equipe educativa, além indicar diretrizes para a coordenação para reorganizar a distribuição de funções, isso

porque ao longo do tempo, o Museu de São Paulo sempre teve algumas questões na gestão que difere das unidades do interior. [...] E isso faz com que não exista uma divisão de trabalho e um foco no trabalho de cada integrante da equipe, tornando o trabalho cada vez mais travado. Então, muitas vezes o Educativo não tem uma liberdade de criação tão grande porque ele precisa desempenhar alguns papéis que sejam da Coordenação. E isso não é só agora, pós contexto pandêmico aí que a gente está vivendo, que há uma ausência presencial da coordenação na unidade todos os dias. Isso já é algo sintomático de muitos anos [...]³⁶

³⁴ ARAÚJO, Mirela Leite de. Entrevista 03. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista Mirela Leite_13.05.2022.mp3 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

³⁵ Idem.

³⁶ MORAIS, Fernanda. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

Sendo assim, mesmo com o diagnóstico, é possível perceber que a equipe do Museu da Energia de São Paulo, composta por um Educador, um Auxiliar Educativo e três estagiários (no momento da entrevista, apenas um estagiário fazia parte do quadro de funcionários), sofria com uma desorganização, não havendo uma pessoa com dedicação exclusiva às funções de coordenação, diferente do que ocorre nas unidades do Museu da Energia de Itu e Salesópolis.

Fernanda ainda salienta que

as funções do Educativo, que é o que a gente espera que seja implementado com essa revisão do fluxo de trabalho, é que o Educativo, ele tenha uma dedicação exclusiva para os projetos educativos e ao atendimento ao público e aí a gente divide esses projetos educativos em grupos de estudos, pesquisa e produção de novos roteiros temáticos e ações educativas, o suporte, ainda dentro dos projetos educativos, o suporte aos projetos da instituição, então, eventualmente colaborar na curadoria de novas exposições, colaborar com o desenvolvimento de projetos de captação de recursos, que faz parte também do nosso escopo de trabalho.³⁷

A equipe do MESP também é responsável pela manutenção de uma horta comunitária, avaliada pela equipe como um elo com a população com o território, mas que, em termos práticos, pouco é conhecida ou apropriada pelos frequentadores.

Como a equipe do MESP é limitada ao Educativo, a ele também está a responsabilidade da relação com o território, sendo que essa acontece de diversas formas, como destaca a equipe entrevistada na pesquisa

a gente tem o nicho da visitação, que são os grupos escolares, organizações sociais que fazem visitas com os seus usuários e equipes que acabam vindo para o Museu dentro de programas [...] que a gente abre para receber esse público do território e assim como outras ações que o Educativo acaba fazendo essa interface de contato com as outras instituições do entorno. E, ao mesmo tempo, a gente tem o outro lado da relação com o entorno, que está ligada à programação cultural, que o Educativo propõe e a coordenação, teoricamente, é ela quem irá fazer essa ponte para participação de grupos musicais, de teatro, de dança e afins, que possam usufruir esse espaço e oferecer ao público uma atividade diferenciada.³⁸

Sobre o público atual do MESP, até 2019, no contexto pré pandêmico, a maioria era de visitantes espontâneos, além dos grupos escolares. Pela entrevista

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

foi possível compreender que a pandemia foi uma quebra para o MESP, quando da reabertura, o Museu adotou com um formato de visita de grupos bem reduzidos e em horários específicos.

Vinicius destacou ainda a simbologia que a abertura dos portões para o território

Porque esse período, que no começo a gente estava só com agendamentos, estava com os portões fechados. Depois, a gente começou a reabrir, com os agendamentos mesmo, a gente abriu só um dos nossos portões. E como a gente pega duas ruas aqui, muita gente vinha até o portão e achava que estava fechado. E antes a gente tinha um fluxo muito bom de pessoas passando por aqui, quase como se fosse uma passarela de uma rua para outra, e acabava parando, sentando no Museu, nas cadeiras embaixo das árvores, e quando a gente estava com um portão só, a gente via um volume baixo de pessoas [...] Então, mostrar que o Museu está aberto, esses dois portões ajudou bastante isso, as pessoas se apropriarem do espaço, circularem pelo espaço, mesmo que não vão entrar e fazer toda a visita do Museu, mas elas vem, sentam, dão só uma passadinha no primeiro andar.³⁹

Fernanda destaca que

[...] um diferencial da equipe de São Paulo para Itu e Salesópolis, no atendimento ao público, é a acolhida da população em situação de vulnerabilidade. Então, as pessoas em situação de vulnerabilidade sentem à vontade, alguns, claro, né? Para entrar e visitar o Museu. Para entrar e fazer uso do espaço para comer uma marmita, para tomar uma água. Ontem mesmo eu estava sentada na sala e vi uma pessoa que vive em situação de rua, tinha ganhado uma marmita, pediu para sentar ali na área coberta, almoçou, pegou o cachorrinho e foi embora. Então, assim, essa empatia que existe não é algo de toda a instituição, que é importante deixar claro, e que essa relação que é construída [...] então são pontos focais nessa instituição que olham para essas pessoas com empatia e que permitam que elas sejam usuárias do espaço, assim como qualquer outra pessoa. Isso é muito característica destas pessoas: da equipe do Museu e do Coordenador de Patrimônio.⁴⁰

Isso significa que, embora seja uma demanda latente, não existe um programa ou iniciativa para ações com o território; essa relação é baseada nos profissionais que atuam no Educativo e no coordenador da área de Patrimônio da Fundação Energia e Saneamento.

³⁹ KAVASHIMA, Vinicius. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

⁴⁰ MORAIS, Fernanda. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

Essa relação com o público do entorno também, apesar de ter várias tensões na região e tudo mais, a gente sempre tenta buscar isso... As pessoas estão dormindo aqui na rua, aqui perto, são do território e não entram no Museu. A gente tenta quebrar [...] esses muros, que a gente sempre colocou esses muros historicamente, e a gente tentar trazer esse público para dentro mesmo.⁴¹

Ao serem questionados sobre a potencialidade das ações com a população em vulnerabilidade, Vinicius relatou que no início de 2020 o MESP atendeu por duas vezes o PopRua⁴², do Centro de Direitos Humanos de São Paulo, que levam pessoas em situação de rua para realizar visitas e atividades em museus. Sobre a experiência, destaca

E acho que foram visitas muito ricas, essas duas visitas que a gente fez para essa população, que eu acho que a maioria nunca tinha entrado em um espaço expositivo. Eu acho que nenhum deles, dos 20 ou 30 que vieram, e foi uma visita muito boa, eles participaram bastante, muito mais do que outros visitantes que vêm aqui que só olha e tchau. Então teve uma participação rica e interessante, e acho que a gente sempre quer aproximar isso, porque a gente não trabalha muito, e eu acho isso muito bom, eu gosto bastante de tentar fazer esse esforço, sabe? Porque é um esforço que a gente tem que fazer, porque não é comum e não vão acessar a internet para abrir um formulário para fazer inscrição, sabe? A gente tem que fazer esse esforço, mas vale a pena. Acho que dos dois lados, para a gente e para eles também, eu acho legal.⁴³

Nesse tocante, Fernanda percebe um diferencial na atuação das equipes do Museu da Energia de São Paulo na relação com as pessoas em situação de vulnerabilidade ao longo do tempo

Então, esse olhar sensível ao território é algo antigo que a unidade foi construindo com cada coordenador que passou, cada educador que passou, e entendeu a necessidade de, como o Vinicius falou, de derrubar os muros e as grades e trazer essas pessoas de volta para cá. E quando eu falo trazer de volta para cá é justamente isso, porque esse espaço já foi uma ocupação. [...] E essa relação com os antigos moradores, ela é contínua. De tempos em tempos o Educativo tenta conversar, levantar

⁴¹ KAVASHIMA, Vinicius. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

⁴² A Coordenação de Políticas para a População em Situação de Rua – PopRua vinculada à Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo tem como objetivo articular a gestão transversal das ações públicas voltadas a esta comunidade, pautada na ampliação do diálogo com organizações da sociedade civil e movimentos sociais.

⁴³ KAVASHIMA, Vinicius. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

algumas dessas memórias, e isso acaba sendo introjetado nas medições, ainda que as exposições não privilegiem de modo mais evidente essas memórias, **é pela voz do educador que essas histórias chegam ao público** [grifo nosso], criando debates, porque muitos visitantes [...] chegam e reclamavam sobre o lugar, sobre o território, sobre a questão do fluxo da “Cracolândia”, do tráfico, e que tinha medo de chegar até aqui, que veio do carro, que não viriam de transporte público. E aí quando a gente começa a conversar e a falar da história desse casarão, como foi e como ficou e tudo mais, as pessoas ficam “Nossa, aqui já foi uma moradia?” Sim. “Mas aí destruiu tudo.” Não, pelo contrário, a gente tinha pessoas que cuidavam do espaço, porque era a casa delas, que elas depois foram retiradas daqui, foram removidas daqui.⁴⁴

Além disso, a equipe atual indicou a dificuldade da temática do Museu no diálogo com o entorno, bem como da imponência do casarão

[...] a gente fez com população em situação de rua, como falar de economia de água e de energia para um grupo que não tem acesso à água e à energia? Então, faz sentido o Educativo ficar repetindo um discurso já quadradinho ou a gente tem que pensar quem é esse público e qual o sentido da gente trazer eles para cá para falar “ah, tem que economizar água, tem que economizar energia”, não faz sentido para esse público, sabe? É desumano a gente ter esse discurso de uma visita nesse caminho, sabe? Então, é olhar para esse público e entender quem ele é para a gente... Para como a gente pode conversar, a questão gigante desse prédio, gigante, com uma população que não tem uma casa, que não tem um teto.⁴⁵

A equipe entrevistada no âmbito da pesquisa relatou que estão em curso parcerias com instituições culturais e sociais do entorno, como o SESC Bom Retiro, o Museu da Obra Salesiana e o Museu de Saúde Pública Emílio Ribas MUSP. É possível perceber que o MESP tem uma postura reativa às demandas, respondendo a partir de atividades já desempenhadas por iniciativas externas, como agendamento e realização de visitas mediadas ao público em situação de vulnerabilidade já assistido por alguma organização, realização de palestras, participação em projetos específicos e a simples cessão das salas de apoio⁴⁶ e do

⁴⁴ MORAIS, Fernanda. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

⁴⁵ KAVASHIMA, Vinicius. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

⁴⁶ No casarão sede do administrativo da Fundação Energia e Saneamento existe uma sala de aula, com carteiras, lousa e projetor, sala esta utilizada, em geral, em ações internas da instituição e atividades promovidas pelo Museu da Energia de São Paulo, e duas salas de reunião, sendo uma

espaço externo do Museu para uso por outras organizações (forma de parceria mais frequente).

Quando falamos da gestão do MESP e como ações são planejadas para atender a demanda do Museu para com o território, Fernanda relata que historicamente falando, a relação da equipe do Museu com a Fundação, ela teve fases, com momentos de maior e de menor aproximação, tendo como resultado impacto negativo para a equipe educativa acaba sofrendo, porque a curadoria, mudanças de exposições ou mesmo conteúdo produzidos para as redes sociais, pouco (ou até nada) refletia o que de fato acontecia no MESP.

E, quando a gente fala especificamente dessa questão do Educativo e do Museu intervir nos projetos, isso é muito novo para nós. Isso vem com muitas distensões, então uma hora a gente vai puxando a corda para o lado de cá, de repente a captação puxa a corda para o lado de lá, e a gente vai buscando um caminho comum, né. O ano passado a gente teve bastante turbulência [...] às vezes a gente sente que muitos projetos que vêm, principalmente com o foco de captação, eles estão muitos anos luz do que a equipe consegue fazer, pelas condições que ela trabalha. [...] A gente está falando de uma equipe muito reduzida, de estrutura mesmo. É uma sala de trabalho para essa equipe, a mesma sala onde está a recepção do Museu, então você tem uma circulação de pessoas muito grande no espaço, a equipe não consegue fazer reuniões ali, quando faz, são interrompidas. São pequenas coisas que a longo prazo a gente vê o quanto isso impacta no desenvolvimento potencial dessa equipe mesmo.⁴⁷

A atual equipe do MESP indicou o fator financeiro como um grande dificultador para o planejamento e a execução das ações, bem como a pulverização das atribuições próprias do Museu em outras áreas, como a comunicação, realizada por área relacionada à comunicação institucional da Fundação como um todo, a expografia, realizada pelas áreas de Comunicação e Projetos e Produção Editorial, e a pesquisa, desenvolvida pelo Acervo e Projetos e Produção Editorial – muito em razão de reorganizações internas em momentos de crise financeira aguda, como também dos perfis dos funcionários.

E a gente tem que parar também de pensar que a instituição, ela precisa sugar tudo o que a pessoa tem para oferecer pelo salário que ela recebe e não, peraí! A gente tem que tornar algo muito mais profissional. [...] Então,

grande, com mesa e cadeiras, espaço em que ocorrem as reuniões do Conselho Administrativo. Os espaços são frequentemente cedidos para ações de organizações parceiras do MESP.

⁴⁷ MORAIS, Fernanda. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

são pequenas coisas que no nosso dia a dia, quando a gente está na ponta, percebe. Mas não adianta o Educativo propor se não tiver recurso para executar.⁴⁸

A relação com o Acervo, área responsável pela preservação, processamento técnico e conservação, também foi apontada como uma dificuldade no desempenho das ações museológicas, pois ela ocorre de maneira muito distanciada e

Quando você fala da relação com o acervo mesmo, a unidade de São Paulo tem um super trunfo que é o Vinicius, que tem uma facilidade. É o que não acontece nas outras unidades. Isso não é comum para as outras unidades de ter essa relação mais aproximada com o acervo. E mesmo quando a gente fala de uma questão de não só o acervo documental da Fundação, mas o acervo museológico, o fato da gente não ter um museólogo na instituição, a relação com esse acervo museológico, ela é muito complexa. A conservação desse acervo museológico é muito complexa. [...] como a equipe do museu é quem está na ponta olhando para esse acervo museológico que está todo dia e reconheçamos os problemas de conservação no dia a dia, muitas vezes quem está agindo em prol da conservação é a equipe do museu e não a equipe do Acervo. E quando é reportado para a equipe do Acervo, é tratado como irrelevante. [...] Então, assim, a gente entra em uns entraves que são bem complicados.⁴⁹

Sobre a exposição de longa duração, o atual Auxiliar Educativo, Vinicius, relata

Não tenho certeza de como foi pensada a exposição exatamente. [...] ela me parece, e acho que é um pouco real, que são como retalhos que foram modificados, que até nisso, com o público espontâneo, a gente tem essa dificuldade... A gente tem que completar essa exposição na fala ou fazer um percurso ali e sempre ir adaptando a fala. Com o público do entorno fica muito mais latente essas questões, apesar de ter algumas coisas que conseguem relacionar... Não, a maior parte, a gente não consegue relacionar, tanto mobiliário como vídeos. Os experimentos acho que a gente consegue trabalhar um pouco melhor, mas a parte mais fixa da exposição, mobiliários, vídeos e textos também não são pensados para o público do entorno, principalmente para pessoas em situação de rua, a gente não tem isso, mas a gente dá esse contorno para adaptar, sabe?⁵⁰

A Coordenadora do Educativo ressaltou que o MESP não teve, desde seu início, uma curadoria que pensou o Museu de ponta a ponta, havendo o projeto expográfico inicial desenvolvido pela empresa Expomus⁵¹, mas que sofreu uma série

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ KAVASHIMA, Vinicius. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

⁵¹ Expomus – Exposições, Museus e Projetos Culturais.

de alterações ao longo do tempo, o que resultou em uma não lógica na linha narrativa museal, fazendo com que essa narrativa seja sustentada quase que exclusivamente na voz do educador.

O educador não tem que estar lá para ser a professora do Snoopy, o tal do “blábláblá” na cabeça das pessoas, e trazendo as informações que não estão ali e sim sendo ponto de discussão sobre aquela exposição, sendo ponto de tensão entre a exposição e o visitante, de criar perguntas, de criar interações que sejam diferentes de somente produzir o que está faltando na parede, o que está faltando no objeto.⁵²

Os entrevistados da equipe atual perceberam mudanças no MESP. Vinicius, que antes de ser funcionário já era visitante da instituição, destacou

Antes, quando eu vinha, por exemplo, as ações que tinham com as entidades do entorno eram bem mais fortes, que a gente está tentando retomar agora, mas eu vejo isso. [...] Sempre tinha atividades e coisas que traziam o visitante para cá. O espaço estava cheio frequentemente, com diversas atividades. Podia ser uma semana de capacitação ou conversas nas áreas de museus e arquivos ou um show de hip-hop com a comunidade negra que trazia coisas ali. [...] Era frequente e agora diminuiu muito e a gente, eu vejo como aqui dentro a dificuldade de fazer tudo isso com tanto público que tinha antes.⁵³

2.5. As instituições culturais do entorno e suas ações sociomuseológicas

Como já citado, no território do Museu da Energia de São Paulo, localizado na junção dos bairros da Luz, Bom Retiro e Campos Elíseos, há uma grande variedade de instituições culturais. Com o panorama das ações museológicas realizadas atualmente e no passado pelo MESP, partimos para entender como os outros museus atuam junto ao território. Para isso, a pesquisa tem por base estudos já realizados sobre a mesma região, artigos sobre programas de museus e estudo de empresa especializada.

Sendo assim, citamos o “Plano Museológico e Estratégico do Museu do Palácio dos Campos Elíseos”, realizado pela Tomara! Educação e Cultura, que indica o contexto do território para um museu

⁵² MORAIS, Fernanda. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

⁵³ KAVASHIMA, Vinicius. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

[...] não necessariamente todos os públicos têm interesse ou pretendem ter qualquer relação com o museu, condição que também se constitui como um grande desafio tanto do MPCE [Museu do Palácio dos Campos Elíseos] como de qualquer instituição museal que se instale na cidade. Um sinal claro do impacto de tal desafio nos museus é o número cada vez maior de instituições que têm se esforçado para ampliar seus objetivos oficiais de servir ao conhecimento e à cultura para escutar, dialogar e servir à comunidade e ao seu desenvolvimento.” (TOMARA!, 2016, p. 14)

E enfatiza, ao analisar a região, que

Outro aspecto que reforça a importância da criação de elos entre pessoas, edifício, bairro, cidade e cultura é justamente o fato de que tais relações contribuem não apenas para o enraizamento da instituição em seu território, mas também para sua legitimidade e representatividade no contexto urbano paulista e no cenário museal brasileiro. (TOMARA!, 2016, p. 16)

Na dissertação de mestrado sobre o Memorial da Resistência e seu entorno, defendida no âmbito do PPGMus por Luiza Giandalia Ramos (2021), temos a afirmação da importância do Memorial da Resistência adotar uma relação efetiva com o seu entorno e com as demandas do tempo presente, de modo a colaborar com o desenvolvimento local, levando em consideração o papel, bem como as limitações da área cultural frente a esse cenário complexo. Ramos (2021) identifica o território como “um verdadeiro caldeirão sociológico”, posto que demonstra uma junção de questões de desigualdades sociais, violência policial, tráfico de drogas, ocupações de edifícios abandonados, prostituição, imigrações ilegais e sem acolhimento, a ausência de uma articulação efetiva entre as políticas públicas, que resultam em tensões.

No artigo “A ação educativa do Programa de Inclusão Sociocultural da Pinacoteca de São Paulo com pessoas que fazem uso problemático de drogas na região dos bairros da Luz e Bom Retiro”, de autoria de Renato Yamaguchi e Wilmhara Santos, temos uma apresentação do funcionamento do PISC. O Programa do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca teve origem em 2002, com o objetivo de promover

o acesso aos bens culturais presentes no museu a grupos em situação de vulnerabilidade social com pouco ou nenhum contato com instituições culturais oficiais. Por meio de parcerias com organizações públicas ou privadas, realiza ações educativas continuadas com estes perfis de público: grupos em situação de rua; moradores de habitações precárias; pessoas que fazem uso problemático de drogas sob tratamento de saúde; migrantes

e solicitantes de refúgio; crianças, adolescentes e jovens de setores populares participantes de projetos socioeducativos; educadores sociais, entre outros. (YAMAGUCHI; SANTOS, 2018, p. 169)

Dessa forma, as parcerias com as organizações pressupõem visitas educativas frequentes à Pinacoteca, de modo a possibilitar ao público a valorização de conhecimentos prévios, além da troca de saberes e vivências entre eles e a equipe do Programa. Assim, espera-se que a experiência educativa no museu auxilie no processo de reinserção social, o fortalecimento da auto valorização e os vínculos entre todos os participantes da ação.

Yamaguchi e Santos (2008) relatam que o primeiro passo é uma reunião entre a equipe do PISC e os profissionais responsáveis da instituição parceira, oportunidade na qual as expectativas para as visitas ao museu são apresentadas, assim como algumas possibilidades de abordagens e percursos pela exposição do acervo para aquele grupo específico. Há, também, o reconhecimento de referências pessoais para, através delas, estabelecer diálogos entre os objetos expostos (obras de arte) e o próprio espaço do museu. Em um segundo momento, são realizados recortes temáticos no percurso da exposição de longa duração, na mostra de longa duração do acervo e nas exposições temporárias em cartaz, para a realização de ações educativas mais focadas, por exemplo, em discussões sobre gênero e etnias, relações com as paisagens rurais e urbanas, entre outras. Segundo os autores, em uma “situação de vulnerabilidade social, essa troca envolve um valor simbólico, sobretudo, o sentimento de ser acolhido num espaço público” (YAMAGUCHI; SANTOS, 2018, p. 174-175).

A ação educativa do Programa entende que suas atividades diminuem as barreiras que impediam o acesso do público do entorno à Pinacoteca, contribuindo para as práticas de reinserção social, “finalidade comum de todas as instituições envolvidas”, sendo que “as visitas são o eixo dessa troca de relações, e o contato com a obra de arte é o meio” (YAMAGUCHI; SANTOS, 2018, p. 175).

Flávia Gama, em sua tese de mestrado em Filosofia intitulada “Uma reflexão sobre o curso ‘Ações Multiplicadoras: o museu e a inclusão sociocultural’ da Pinacoteca do Estado de São Paulo”, indica que

O intuito do PISC então seria, primeiramente, tornar o museu mais acessível a diferentes públicos. Em segundo lugar, promover o acesso

qualificado aos bens culturais, e isso inclui não somente o acesso físico – ao edifício, a circulação do público – mas também a oferta de recursos e serviços que fomentem o acesso cognitivo; ou seja, “o desenvolvimento da compreensão dos discursos expositivos” (CHIOVATTO, 2010a, p. 03). E ainda o acesso atitudinal, o que envolve o perceptivo e o afetivo, o que compreende “o desenvolvimento da identificação de produção e fruição, e da confiança e prazer pela inserção no espaço do museu” (CHIOVATTO, 2010a, p. 03). Terceiro, promover mudanças qualitativas no cotidiano dos grupos vulnerabilizados, além da intenção de formar novos públicos de museus. (GAMA, 2016, p. 25)

Na dissertação de mestrado intitulada “Diálogos entre a Pinacoteca e a Luz: uma reflexão sobre as práticas educativas do Programa de Inclusão Sociocultural”, defendida no âmbito do PPGMus por Nathalia Bevilacqua Aguiar (2022), temos que

a aceção de inclusão utilizada pelo Programa vai além de trazer pessoas vulnerabilizadas para dentro do museu, mas se propõe a pensar a própria relação da instituição e sua equipe com esses grupos e quais as mudanças necessárias para que o museu de fato dialogue com esse público vulnerável e gere impactos positivos para essas pessoas. (AGUIAR, 2022, p. 72)

Sobre o público atendido pelo Programa, Aguiar (2022) indica que no primeiro ano de existência, houve o mapeamento de potenciais parcerias com as organizações sociais da região e que, ao longo do tempo, o PISC teve o seu raio de atuação aumentado, com parceiros de localidades de fora do centro de São Paulo. Sendo que,

Atualmente, o Programa de Inclusão Sociocultural realiza uma série de atividades com diversos grupos em situação de vulnerabilidade e outras atividades relacionadas, as quais são agrupadas em cinco frentes de trabalho: parcerias e visitas educativas aos grupos; curso de formação para educadores sociais; ação educativa extramuros; pesquisas 75 de público e processos avaliativos; e publicações. Para esta análise, atento a todas as frentes de trabalho do PISC, mas com foco maior nas parcerias com organizações sociais (sejam elas públicas ou privadas) da região da Luz e na Ação Extramuros, a qual será detalhada mais à frente. (AGUIAR, 2022, p. 74-75)

Na pesquisa de Nathalia Aguiar (2022) é apresentada a equipe reduzida que atua no PISC, composta por uma coordenadora de programas inclusivos e dois educadores contratados, além prestadores de serviço para atividades determinadas, e, segundo a pesquisadora,

Essa realidade frente ao amplo reconhecimento do Programa entre seus pares e frente à longevidade do mesmo mostra que ainda é pequeno o investimento realizado pelo museu em ações educativas voltadas ao público

em situação de vulnerabilidade, não se configurando uma prioridade entre as ações da instituição. (AGUIAR, 2022, p. 80-81)

Outro museu que desenvolve ações no território é o Museu da Língua Portuguesa, que desde a sua reabertura, no segundo semestre de 2021, as têm como prioridade, conforme o Relatório de atividades de 2021 da instituição.

As ações de ativação e engajamento com o território da Luz tem destaque especial na programação do MLP, pois a instituição compreende o potencial dessas articulações para o fortalecimento da proposta do IDBRasil na relação com a comunidade do entorno da instituição. (IDBRASIL, 2022, p. 52)

Dentre as ações desenvolvidas descritas no documento, destacamos os projetos: Biricar e MLP: Museu e Território, com ações na calçada do Museu e no entorno imediato, com o objetivo de ampliar o alcance do museu, criar vínculos e promover a inclusão dos públicos de trabalhadores, pessoas em situação de vulnerabilidade social, que “historicamente não se sentem autorizados a entrar nos equipamentos culturais” (IDBRASIL, 2022, p. 52); Sonhar o Mundo – Mulheres na Luz, ação com o coletivo Birico que contemplou produção de cartazes no Saguão Oeste do Museu da Língua Portuguesa com artistas mulheres do Brasil e da Espanha, o evento aconteceu no dia 11 de dezembro de 2021, marcando o início de uma ação em rede com a participação do Museu da Energia, SESC Bom Retiro, Choque Cultural, Diversitas USP, Teatro de Contêiner Mungunzá, Coletivo Tem Sentimento e o bloco Ilú Obá de Min.

A equipe do Museu da Energia de São Paulo entrevistada no âmbito da pesquisa destacou o projeto Museu e Território, uma iniciativa do Museu da Língua Portuguesa. Nas palavras da Coordenadora do Educativo do Museu da Energia

[...] o Museu já tinha essa relação com o território, o Museu da Energia de São Paulo, e outras instituições museológicas perceberam a importância desse diálogo e foram se espelhando muito no que esse Museu fazia. E criando, dentro das suas estruturas, principalmente os museus do estado, que sempre foram muito mais distantes desses públicos em situação de vulnerabilidade... Esse é um olhar de quem está de fora, tá Vini, me corrija se eu estiver errada. Mas esse movimento dos museus do estado de criarem programas para essas pessoas em situação de vulnerabilidade, que era uma coisa que já acontecia de forma orgânica aqui e para eles foi necessário criar programas e criar outras metodologias de aproximação com esses públicos. Isso a gente viu acontecer na Pinacoteca, agora no Museu da Língua. [...] fazem um processo de ir até uma instituição, a organização, vão entender a dinâmica de trabalho deles e, a partir dessa

relação, eles colocam o Museu da Língua à disposição, para receber visitas e tudo mais. E algo diferente que nasceu lá, que pode ser futuramente incorporado por nós é a utilização de muitas instituições/organizações como fornecedores, então tem alguns grupos, algumas ONGs que produzem algum materialzinho como embalagem de bem-casados. O Museu da Língua faz casamento no espaço, então eles oferecem para as noivas “olha, a gente está aqui com esse trabalho em parceria e tal”. Então esse trabalho, esse tipo de relação que não fica só na visita, não fica só na festa, no encontro, mas ele devolve a esse grupo a questão de sustentabilidade, de rentabilidade. E eu acho que é algo que a gente pode ir encaminhando, uma vez que há o desejo na instituição de potencializar as locações do espaço, dentro da questão de captação de recursos e tudo mais, mas gente pensar nessa rede de fornecedores locais e oferecer a essas empresas que usam o nosso espaço aí.⁵⁴

Dessa forma, é possível perceber que o Museu da Energia de São Paulo já reconhece, e inclusive participa, de ações sociomuseológicas desenvolvidas e realizadas por outros museus, inclusive inspirando a equipe para atuação e estabelecimento de projetos e programas organizados e institucionalmente relevantes.

⁵⁴ MORAIS, Fernanda. Entrevista 01. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista equipe MESP_29.04.2022.mp3 (128 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

CAPÍTULO 3: APROXIMAÇÕES E DISTÂNCIAS: A SOCIOMUSEOLOGIA E AS PRÁTICAS DO MUSEU DA ENERGIA DE SÃO PAULO

“Sociomuseologia é isso mesmo; Liberdade de pensamento, cocriação e militância.” Mário Moutinho⁵⁵

Segundo Cristina Bruno, as “reciprocidades entre teoria e prática são essenciais para a elaboração, realização e análise das ações museológicas” (BRUNO, 2020, p. 39). Em consonância com essa premissa, após os dois primeiros capítulos, com a teoria (capítulo 1) e a prática (capítulo 2), o estudo chega ao confronto entre as duas. Dessa forma, o diagnóstico traçado tem como objetivo analisar as aproximações e distâncias entre o discurso e a prática. Além disso, explora as potencialidades na adoção da Sociomuseologia nas ações do MESP para gestão e comunicação em sua relação com o território, através de apontamentos propositivos acerca de ações sociomuseológicas possíveis a serem adotadas pela instituição.

3.1. As lições aprendidas: análise das ações sociomuseológicas do passado e do presente

Entendendo que os museus podem e devem agir em contextos socialmente complexos e que a Sociomuseologia está ligada às ações de museus de temáticas mais clássicas que estão em determinado território, mas não são fruto do desejo daquela sociedade a sua existência e temática, e a realidade do entorno interfere nas ações museológicas, como também os estudos dentro desse contexto, as ações ocorridas no Museu da Energia de São Paulo ao longo do tempo apontam para tentativas sistemáticas de diálogo com o território. Entretanto, essas tentativas, como é perceptível nos depoimentos coletados no âmbito do estudo, não seguiram um programa ou projeto, com uma diretriz clara a esse respeito, que se tornasse perene e com investimento técnico e financeiro a longo prazo, sendo que elas se

⁵⁵ MOUTINHO, 2019 Apud BRUNO, 2020, p. 39.

deram pela iniciativa e até mesmo pelo perfil dos profissionais que atuaram à frente do MESP.

Sendo assim, em um primeiro momento, a análise partiu da questão: qual papel o território desempenhou nas ações do Museu da Energia de São Paulo ao longo do tempo? E das atividades, quem teve mais proveito, uma parcela do território, grupos escolares ou turistas (sendo estes de outras regiões da cidade ou até mesmo de fora dela)?

Como podemos observar nas falas dos depoentes a preocupação de desempenhar a função social do museu, porém, na maioria delas, o território, em especial a região da “Cracolândia”, apareceu como um tema sensível, destacado enquanto local de perigo eminente, de ameaça ao Museu e suas atividades. Entretanto, se considerarmos que, para uma instituição museológica que pretende se inserir em um determinado território deve conhecê-lo, entender suas demandas e agir de acordo com elas, temos um descompasso entre a teoria e a prática.

Tendo em vista que a responsabilidade social do museu sobre o território pressupõe trocas, construções participativas e sustentáveis dos processos museológicos, a falta de intercâmbio entre a instituição gestora do Museu e as demandas do território, exemplificado na falta de diálogo entre quem pensa a curadoria das exposições e quem dialoga (ou poderia dialogar) com o território, resultou em descompassos com a população do entorno e suas demandas em relação ao Museu. As exposições temporárias deslocadas das temáticas do Museu da Energia contribuíram para esse tom desafinado entre o território e a instituição museológica.

Um ponto em comum nos documentos consultados e nas entrevistas coletadas, significativamente ligado ao anterior, é a questão da equipe, sendo que foram vários os períodos em que não havia uma pessoa exclusiva na coordenação, além dos problemas para reter funcionários. No Plano Museológico de 2003 eram previstos mais de oito profissionais de dedicação exclusiva ou parcial ao MESP – entre diretor dos Museus da Energia, coordenadores do Museu da Energia de São Paulo e do Educativo, profissionais de áreas específicas, além de estagiários de diversas áreas – um quadro bem diverso da realidade atual, com a presença de uma equipe composta por Educador, Auxiliar Educativo e dois estagiários, além da

Coordenação do Educativo dos Museus da Energia, que não é exclusiva, mas dá apoio à equipe.

Essas alterações na equipe do MESP se mostram de extrema importância quando cruzadas com as ações realizadas com o entorno. Pelos depoimentos coletados, é possível identificar que atividades com a população do entorno se deram como fruto do perfil e trabalho de alguns profissionais. Também é possível observar que, embora obtivessem resultados positivos, não houve continuidade das ações ou até mesmo o estabelecimento de um programa ou projeto perene. Atualmente, com uma equipe pequena e limitada às ações educativas e questões administrativas, não há uma dedicação para com as demandas do entorno como uma prioridade, mas sendo parte das muitas atribuições desses profissionais da “linha de frente”.

A problemática da equipe é considerada um dos pontos basilares, pois há de se ter em mente que, sendo o museu um espaço de encontro e trocas, o envolvimento de sua equipe é primordial para que ações sociomuseológicas possam ser planejadas e executadas. A Experimentoteca, uma sala educativa dentro do MESP, parte da exposição de longa duração, que tinha como objetivo colaborar com o desenvolvimento social do território, atendendo ao que seria a demanda de parte dos atores sociais do território – em especial as crianças da Comunidade do Moinho –, possibilitou ao Museu da Energia de São Paulo um ponto de contato com as problemáticas do território, adaptando ações e até mesmo a linguagem, uma forma de criar vínculos com uma população que não faria parte de seu público habitual do museu. Porém, a não continuidade das ações, em decorrência das trocas de gestão do MESP e de escolhas curatoriais para a substituição da exposição de longa duração realizada por equipe da Fundação Energia e Saneamento que, embora sendo da instituição gestora, não estava ativamente no dia a dia do Museu para entender as demandas do seu público, foi em extremo negativa, em termos de relevância no território, além da quebra do vínculo com o público próximo estabelecido anteriormente.

A questão das parcerias da instituição, com grande predominância para a cessão do espaço para outras atividades, demonstra um não aproveitamento no

aprofundamento das relações, de modo a auxiliar o MESP a ser mais conhecido e influente na região, como também em atuar mais ativamente no território.

Com isso, temos um diagnóstico das ações museais de caráter sociomuseológico realizadas pelo Museu da Energia de São Paulo ao longo de sua trajetória, com apontamentos das ações que obtiveram mais resultados positivos para a aproximação do MESP de seu território. Diante disso, a Experimentoteca e a participação em grupos de trabalhos de vizinhos, como instituições dos bairros próximos, se mostraram promissoras, com bons resultados na época em que foram executados, indicativos de novas ações a serem planejadas e executadas pela equipe atual.

3.2. Outras ações possíveis: as propostas para a atuação do Museu da Energia em relação ao seu entorno

“Acho que o Museu da Energia de São Paulo está em um território riquíssimo e não só ele tem essa potência, como precisa mesmo olhar para o lugar onde ele está e as condições que tem, sabe?” Mirela Leite de Araújo, ex Coordenadora do MESP⁵⁶

Após o diagnóstico realizado, com o confronto entre a teoria e a prática, de modo a contribuir com o planejamento das atividades do Museu da Energia de São Paulo, trazendo outros olhares sobre a relação do MESP com o território, temos algumas propostas para ações sociomuseológicas apresentadas a seguir, por meio de análises propositivas. Elas estão alinhadas com a Sociomuseologia, pois as questões da contemporaneidade poderiam ser vistas como obstáculos,

[...] mas também como novas oportunidades para a investigação em Museologia e em especial em Sociomuseologia. Por um lado se configuram como grandes desafios para serem enfrentados, mas por outro lado podem ser tratados como possibilidades para a realização da investigação no campo disciplinar da Sociomuseologia sobre as realidades locais e supranacionais. (PRIMO, 2019, p. 08)

⁵⁶ARAÚJO, Mirela Leite de. Entrevista 03. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista Mirela Leite_13.05.2022.mp3 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

As potencialidades das ações do Museu da Energia de São Paulo para com o seu território também foram abordadas nas entrevistas com funcionários atuais do Museu e ex-coordenadores. Para Mirela Leite de Araújo, o MESP

[...] tem total condição de se articular com grupos, movimentos socioculturais, com outras instituições e precisa. Acho que essa não é só uma questão, não é uma benevolência do Museu, é uma necessidade para que ele se mantenha e seja reconhecido naquele território. Sair de si mesmo, sair daquele tratamento do seu acervo, exclusivamente de tratar o seu acervo e a sua temática, mas compreender todas as suas dimensões. Todos os museus têm uma dimensão política, uma dimensão social, uma dimensão cultural. Então enfrentar essas dimensões e se colocar como um agente nesse espaço. Acho que ele tem sim toda a potência para isso e toda condição. E acho que isso é necessário em vários aspectos mesmo.⁵⁷

Já Maria Paula Cruvinel as potencialidades caminham em paralelo com as demandas do território, pois

[...] não tem como a gente estar em um lugar, no centro da cidade, que ele precisa de políticas públicas para as pessoas e para o entorno, e a cultura é fundamental para isso acontecer. A gente tem um espaço de acolhimento para que as pessoas possam tanto se sentir seguras como apropriadas é impressionantemente importante para qualquer desenvolvimento que a gente queira pela cidade, né? Nesse momento, a arquitetura de lá ajuda, porque ela não é tão opressora quanto dos outros lugares que são muito monumentais. Ela vira muito mais convidativa e acolhedora. Isso também... Que as pessoas conseguem entrar lá e não se sentirem ocupando espaço, de ter a integração suficiente para elas voltarem outras vezes. Acho que usar essa potencialidade dessa forma, nossa, com certeza, vai ser totalmente transformador lá.⁵⁸

Henrique Davini Rocha destaca que

[...] o Museu [da Energia de São Paulo] tem um potencial muito legal assim, a partir do momento que deixa de falar dele, que ele quer se mostrar como instituição, quando ele começa a trabalhar com o entorno, tem um monte de coisa, porque ele faz parte da história, o prédio faz parte da história do bairro, como ele sobreviveu ao passar dos anos e como ele se transformou no passar dos anos mostra muito como o bairro e como a cidade se transformou. É, então ele é um museu para falar de ciências, de conhecimento formal, de conhecimento intelectual, de construção de conhecimentos também, mas ele é um museu para falar dos problemas

⁵⁷ARAÚJO, Mirela Leite de. Entrevista 03. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista Mirela Leite_13.05.2022.mp3 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

⁵⁸CRUVINEL, Maria Paula. Entrevista 04. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista Maria Paula Cruvinel_13.05.2022.mp4 (35 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

sociais de São Paulo, do Brasil, do entorno, dos Campos Elíseos, sabe? Ele representa muito isso.⁵⁹

Michael Lopes Argento indica as potencialidades da importância histórica do casarão que abriga o MESP para o território, bem como a Coleção do Museu

Eu acho que o Museu da Energia, assim, ele está situado em um edifício que é um objeto de estudo para entender para as transformações dos Campos Elíseos e do Bom Retiro como um todo, e que não precisa só se focar só na documentação que a Fundação reuniu ao longo do tempo nos trabalhos de pesquisa, mas talvez desenvolvendo novas perspectivas, novos insights, sobre qual é essa relação com o casarão e as transformações que ele passou e como ele se relaciona com o entorno hoje. Porque, também a gente precisa estar aqui e o casarão restaurado tem um impacto que pode ser considerado [...] E uma coisa que eu acredito que o acervo da Fundação ajuda muito é o próprio conceito de transformações urbanas [...] que é justamente entender como o acervo da Fundação e o Museu enquanto espaço de comunicação, ele vai dialogar com o público sobre esse processo de desenvolvimento e transformação da cidade qual os Campos Elíseos é um super objeto de estudo assim.⁶⁰

Tendo identificado as potencialidades território, inclusive respeitando a experiência de quem já esteve à frente do MESP, e considerando o “alargamento do campo essencial (fato museológico)” (BRUNO, 2020, p. 59), com a expansão para as referências culturais, territórios e sociedades, o “Campo da Museologia com os aportes da Sociomuseologia atingiu um expressivo grau de contemporaneidade e de presença na busca de soluções para os dilemas da condição humana.” (Ibidem, p. 60), a Sociomuseologia é defendida como método de trabalho para nortear as ações museológicas do Museu da Energia de São Paulo com o seu território, tanto em sua gestão como na comunicação.

Há de se ressaltar que não o estudo não objetiva indicar soluções mágicas, mas sim propor ações potenciais para discussão e revisão dos processos museais, de modo que o MESP possa assumir o papel na mediação entre as trocas museológicas e o entorno. Sendo assim, a seguir seguem as propostas de ações sociomuseológicas.

⁵⁹ROCHA, Henrique Davini. Entrevista 02. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista Henrique Davini_12.05.2022.mp4 (44 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

⁶⁰ARGENTO, Michael Lopes. Entrevista 05. [mai. 2022]. Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite. São Paulo, 2022. Entrevista Michael Argento_25.05.2022.mp4 (52 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

Considerando as exposições como poderoso meio de comunicação no museu, a primeira ação proposta é a incorporação na exposição de longa duração⁶¹ elementos que a tornem mais acolhedora e evidenciando as heranças do Casarão (que pode ser entendido como um item do acervo que abriga outros itens) apresentadas de modo potente, permitindo a identificação e o reconhecimento por parte dos diferentes públicos, em especial os potenciais.

Nessa linha, propomos a exploração do potencial de comunicação museológica da exposição em si, retirando toda a carga da mediação com os educadores, incorporando na própria narrativa expositiva elementos educativos, tornando a exposição menos dependente da mediação. A alteração permitiria que as visitas espontâneas sejam mais intuitivas, além de possibilitar que os educadores se dediquem a outras atividades, como a pesquisa e construção de novos roteiros educativos.

Diferente do acontecido no passado recente, indicamos que as exposições temporárias dialoguem mais com a história e as problemáticas do território, de modo a estimular o diálogo da equipe do MESP com instituições parceiras que fazem atendimento social à população do entorno, abrindo espaço para novas linguagens e novos olhares.

No tocante à apropriação do papel no território, é necessária a inclusão de maior e melhor sinalização do lado externo do Casarão, de modo a quebrar a imponência da construção, identificar o MESP, gerar curiosidade aos transeuntes e deixando-a mais convidativa.

Com inspiração na antiga Experimentoteca, propomos a inclusão de um espaço ou sala dedicada à ação educativa dentro do Museu da Energia de São Paulo, sendo esse um espaço tanto para fortalecer vínculos com uma população do entorno de modo mais acessível, como um espaço para acolhida e recebimento de grupos.

⁶¹No ano de 2022 a Fundação Energia e Saneamento foi contemplada com a premiação do ProAC (Programa de Ação Cultural de São Paulo) Expresso de número 37/2022 – Museus e acervos / Realização de exposições em instituições museológicas –, com o projeto “Exposição de longa duração do Museu da Energia de São Paulo ‘Energia e Transformação’ (título provisório)”, com o objetivo de reformular a exposição de longa duração do MESP, com término da execução e inauguração da nova exposição previstos para os meses finais de 2023. Dessa forma, as propostas referentes à exposição de longa duração são cabíveis.

Para as ações com o território, a aproximação com a população é de extrema importância, tendo em vista não apenas a vulnerabilidade desses grupos, mas também a pluralidade de significados passíveis de serem levados e trabalhados no Museu. Dessa forma, é proposta a instituição de um Projeto de inclusão e articulação com o território, uma vez que o Casarão e a própria Coleção do MESP podem contribuir e estimular a construção de relações e vínculos com a memória do território, contribuindo para quebra de muros e abertura do museu para as vozes e narrativas que por tanto tempo foram silenciados. Dentro do Projeto, deverá ser contemplada a aproximação das instituições culturais do território, de modo fortalecer as redes de atuação, apoiar ações e receber apoio, e das instituições de caráter assistencialistas e sociais do território, de modo a entender as demandas, estreitar os laços e construir formas de atuação ativa do MESP junto aos públicos atendidos.

Outra iniciativa indicada é a instituição de um Programa de Visitação com vistas à formação de profissionais trabalhadores de instituições culturais e sociais que atuam no território para serem agentes multiplicadores do Museu da Energia de São Paulo e de seu acervo.

Mesmo entendendo as limitações financeiras da instituição gestora, é indicada a contratação de uma coordenação exclusiva à unidade de São Paulo e uma coordenação de Museologia/Expografia para os Museus da Energia, responsável pelos Programas de Comunicação, de Exposições e de Pesquisa, com ênfase na curadoria das exposições (longa duração e temporárias).

Pretende-se, dessa forma, colaborar para o planejamento das atividades do Museu e de sua gestão pela instituição maior, a Fundação Energia e Saneamento, bem como para os demais Museus da Energia. Com tais propostas, o estudo compreende que há um longo caminho para o Museu da Energia de São Paulo percorrer, mas que é possível seguir exemplos de museus maiores e que já desempenham papéis potentes no desenvolvimento social e cultural de seu território.

Escutar o território, abordando suas problemáticas e as perspectivas para o futuro, adotando uma postura explícita de envolvimento e comprometimento com o entorno, tratando-o como um diferencial do MESP, trará à luz a potência da

instituição museal, dialogando com as memórias esquecidas dos bairros próximos, do centro urbano de São Paulo, assumindo sua função social para com as problemáticas do entorno, sendo mediador e articulador para diferentes públicos, considerando suas diferenças, em especial do âmbito social, construindo novas estratégias para engajá-los, de modo inclusivo.

Nesse tocante, como explicitado ao longo do estudo, a Sociomuseologia poderá fornecer metodologias e ferramentas para o desenvolvimento dessas estratégias e ressignificação e apropriação de novos papéis sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa não pretende gerar revoluções, mas almeja ao menos inspirar. Inspirar novos olhares sobre um museu localizado em um centro urbano como o bairro dos Campos Elíseos, como também ações de museus como o Museu da Energia de São Paulo.

Partimos do pressuposto de que a atuação do museu se estende para além de seus muros e, com isso, a ideia de fronteiras em um mesmo território deve ser quebrada. Os portões que podem trazer a noção de segurança, também trazem o distanciamento da realidade externa. E não falamos de qualquer realidade externa, mas a da região conhecida como “Cracolândia”, que nos últimos meses se mostrou mais complexa, móvel e com muitas ações truculentas por parte do poder público, o que influi diretamente na dinâmica do território e de como ele é visto pela opinião pública.

Esse grande desafio estimulou a escolha do objeto do estudo, o Museu da Energia de São Paulo e sua relação com o território no qual está localizado. A gama de especificidades quanto à dimensão social desse entorno, intimamente ligada ao espaço que ocupa na cidade de São Paulo, indicou muitas potencialidades.

No território, o imóvel que abriga o Museu da Energia de São Paulo chama atenção por sua arquitetura, que evidencia sua idade avançada – embora muito bem conservado. A idade também é um indicativo de suas várias heranças, resultantes de usos desde moradia de elite cafeeira, passando por colégio, ocupação para moradia popular, até chegar ao Museu da Energia.

Como o museu não está à margem da sociedade, nem tão pouco dos problemas inerentes à ela, é parte essencial na comunicação e ressignificação de memórias. O momento indica para um amadurecimento do MESP como parte do território, sendo que esse não é um dado neutro, pois revela o transcurso da história e indica aos seus atores as formas de intervir conscientemente neste espaço geográfico.

Ao se apropriar de seu papel no território, também há o alargamento de suas funções, em especial para a esfera social. Dessa forma, os arcabouços teóricos consultados permitem adaptar as ideias e metodologias à prática museal para essa

realidade e suas especificidades, permitindo a construção de diálogos museológicos, em especial baseados na Sociomuseologia.

Para falar de Sociomuseologia, foi necessário traçar um caminho teórico, desde o alargamento das funções tradicionais do museu da Nova Museologia chegando à Museologia Social e à própria Sociomuseologia. Dessa forma, chegamos que o social da Museologia que a torna adaptada ao contemporâneo e às suas demandas, de modo a democratizar e tornar os museus e a prática museológica cada vez mais inclusiva.

Nesse ponto, destacamos que, embora com motivações similares, a Museologia Social e a Sociomuseologia não são sinônimos, enfatizando, além das distinções teóricas, a diferenciação na origem do museu e/ou das ações museológicas, ou seja, enquanto a Museologia Social se liga aos museus e às ações que nascem do desejo dos sujeitos de um determinado território sobre temáticas a eles conectados, a Sociomuseologia está relacionada às ações de museus de temáticas mais clássicas que estão em determinado território, mas não foram originados a partir do desejo daquela sociedade, mas que impactam e são impactados pela realidade do entorno. Assim, o estudo, bem como a análise propositiva que contempla, faz uso da Sociomuseologia para a análise das ações sobre o Museu da Energia de São Paulo e sua relação com o território.

Há de se ter em mente a missão do Museu da Energia de São Paulo – elaborar, fomentar e executar ações por meio da pesquisa, da preservação e da divulgação do acervo histórico (documental e museológico) do setor energético do estado de São Paulo, através da promoção de debates sobre o uso responsável dos recursos hídricos e energéticos e da promoção do conhecimento e a reflexão de seu entorno, contribuindo para o estabelecimento de diálogos – com as análises trazidas no estudo, em especial ao papel da Coleção do Museu da Energia de São Paulo no tocante à sua comunicação museológica e a importância das exposições, tanto de longa duração como as temporárias.

Nesse ponto é interessante que o MESP se assuma como museu de sua temática e Coleção, focando as ações de comunicação em consonância com o território, de modo a se adaptar a ele, dialogar com a sociedade a partir dele, não apesar dele.

A história do MESP não é constante; em vários momentos temos avanços e retrocessos na relação com o entorno, em razão de questões de gestão, ausência de coordenação em muitos períodos e não retenção de equipe. A quebra da fidelização do público conquistado nas gestões anteriores constatada se mostrou mais um desafio para a equipe atual, assim como para as propostas de ações.

Outro desafio é o próprio território, em extremo dinâmico; no período da pesquisa, o Museu da Língua Portuguesa foi reaberto, o Museu das Favelas foi aberto e várias ações policiais aconteceram na localidade. O Museu da Energia ficou fechado durante meses de endurecimento da pandemia do COVID-19 e também quando foi alugado para a gravação de uma série.

Quanto ao MESP, tendo alcançado seu amadurecimento institucional – e tendo equipe e recursos para isso – deve se apropriar de seu lugar de fala dentro do território. Continuar, e até mesmo retomar e melhorar, ações de coordenações anteriores voltadas ao social. À Fundação caberia se apropriar de seu lugar de fazer museológico, investindo na formação sociomuseológica de sua equipe. O MESP tem a oportunidade de minimizar, se não sanar, o descompasso entre a teoria e a prática, a população do entorno e suas demandas em relação ao Museu e o fazer museal, constatado no capítulo 3.

Há de se ressaltar que o estudo não objetiva indicar soluções mágicas, mas sim propor ações potenciais para discussão e revisão dos processos museais, de modo que o MESP possa assumir o papel na mediação entre as trocas museológicas e o entorno. No mesmo território, temos exemplos de atuações que podem ser inspirações para o Museu da Energia, uma forma de apreender as ações inclusivas executadas e com bons resultados.

Primo e Moutinho (2020) falam do dilema da Museologia que trabalha para ou da que trabalha com. Ao longo dos três capítulos, com discussão teórica, estudo de caso do Museu da Energia de São Paulo e o território em que está inserido, e articulação entre os dois anteriores, por meio de análises e reflexões propositivas, refletimos que a diferença sutil do dilema, mas em extremo significativa, aponta para a potência da Museologia que trabalha com, sendo com o território, com a sociedade e com as demandas contemporâneas. E a certeza de que há muito ainda a ser estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Nathalia Bevilacqua. Diálogos entre a Pinacoteca e a Luz: uma reflexão sobre as práticas educativas do Programa de Inclusão Sociocultural. 2022. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, 182 p. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-29082022-161048/publico/DISSERTACAO_CORRIGIDA.pdf. Acesso em 06 nov. 2022.
- ALMEIDA, Maria Mota. Mudanças sociais / Mudanças museais. Nova Museologia / Nova História - Que relação? Cadernos de Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Cadernos de Sociomuseologia, nº 5, 1996, p. 99 a 114. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/254>. Acesso em 02 jan. 2023.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Museologia: correntes teóricas e consolidação científica. Revista Museologia e Patrimônio, vol. 5, n. 2, 2012, p. 31-54. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/159/199>. Acesso em 02 jan. 2023.
- BARRETO, Francisco Sá. Por uma experiência da intersubjetividade museal: elementos para uma agenda de Comunicação e museus. Revista MUSAS, 2014, nº 6, p. 10-29. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Musas6.pdf>. Acesso em 02 jan. 2023.
- BERTOTTO, Márcia. Sistema museológico - Contributo para as políticas públicas. In GUIMARAENS, Cêca; RAGEL, Vera; BERTOTTO, Márcia. Museologia Social e cultura. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015, p. 35 a 68.
- BOCAYUVA, Pedro Cláudio Cunha. Museologia e o fenômeno urbano: reflexividade e recombinação para pensar o novo ciclo social. In CHAGAS, Mario de Souza; PIRES, Vladimir Sibylla (orgs.). Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade. Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018, p. 43-68. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/LIVRO-TERRITORIO-MUSEUS-E-SOCIEDADE_WEB____vers%C3%A3o-02.pdf. Acesso em: 02 abr. 2022.

BOGADO, Diana. O uso da dimensão social da memória como instrumento emancipatório em comunidades em situação de vulnerabilidade sociocultural. *Cadernos de Sociomuseologia*, 2019, vol 588, n. 14, p. 61 a 106. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6925>.

Acesso em 02 nov. 2021.

BRITO, Clóvis Carvalho. “As palavras continuam com os seus deslimites”: reflexões sobre Sociomuseologia e linguagem de especialidade. In PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). *Teoria e prática da Sociomuseologia*. Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento, Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 65 a 85.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. (Tese de Doutorado).

_____. Museologia: entre abandono e destino. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S.l.], v. 9, n. 17, 2020, p. 19–28. DOI: 10.26512/museologia.v9i17.31590. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31590>. Acesso em: 12 jul. 2021.

_____. Os museus servem para transgredir: um ponto de vista sobre a museologia paulista. In SISEM SP (Organizador). *Museus: o que são, para que servem?* Brodowski (SP): ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011 (Coleção Museu Aberto), p. 29-41. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus_o_que_sao_para_que_servem.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

_____. Os territórios da memória e a memória dos territórios (palestra). Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias. Centro de Estudos Interdisciplinares de Educação e Desenvolvimento. Lisboa, 23. jan. 2015. Disponível em: https://ceam2018.files.wordpress.com/2018/07/texto-1_ulht_territorios-da-memoria_memoria-dos-territorios.pdf. Acesso em: 02 abr. 2022.

_____. Políticas Públicas no Brasil Contemporâneo: qual é o papel dos museus e dos Centros de Memória. Sistemas e Redes de Museus: políticas para a gestão de acervos. Cadernos Tramas da memória 2011. Memorial da Assembleia Legislativa do Ceará Deputado Pontes Neto; Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará, n. 1, maio 2011, Fortaleza, p. 115-125. Disponível em: <https://www.al.ce.gov.br/index.php/publicacoes-malce?download=314:tramas-da-memoria-1>. Acesso em: 31 mar. 2022.

_____. Sinergias e enfrentamentos: as rotas percorridas que aproximam a Museologia da Sociomuseologia. In PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). Teoria e prática da Sociomuseologia. Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento, Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 39 a 63.

_____; ARAÚJO, Marcelo Mattos; COUTINHO, Maria Inês Lopes. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Gestão de museus: modo de usar. In GUIMARAENS, Cêca; RAGEL, Vera; BERTOTTO, Márcia. Museologia Social e cultura. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015, p. 15 a 33.

_____. Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Cadernos de Sociomuseologia, v. 20, nº 20, 2003. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/37>. Acesso em 01 maio 2021.

_____. Sistemas e Redes de Museus: políticas para a gestão de acervos. Cadernos Tramas da memória 2011. Memorial da Assembleia Legislativa do Ceará Deputado Pontes Neto; Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará, n. 1, maio 2011, Fortaleza, p. 103-113. Disponível em: <https://www.al.ce.gov.br/index.php/publicacoes-malce?download=314:tramas-da-memoria-1>. Acesso em: 31 mar. 2022.

CHAGAS, Mário de Souza. A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). Introdução à Sociologia. Edições Universitárias Lusófonas, Departamento de Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 53-75.

_____. Há uma gota de sangue em cada museu. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Cadernos de Sociomuseologia, nº 13, 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/30>. Acesso em 18 abr. 2021.

_____. Memória e poder: dois movimentos. In PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). Introdução à Sociomuseologia. Edições Universitárias Lusófonas, Departamento de Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 291-320.

_____. Museu, museologia e pensamento social brasileiro. Cadernos do CEOM, ano 18, n. 21, 2014, p. 13-44. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2270>. Acesso em: 02 abr. 2022.

_____; PIRES, Vladimir Sibylla. Sociedade, museus e território. In CHAGAS, Mario de Souza; PIRES, Vladimir Sibylla (orgs.). Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade. Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018, p. 285-299. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/LIVRO-TERRITORIO-MUSEUS-E-SOCIEDADE_WEB____vers%C3%A3o-02.pdf. Acesso em: 02 abr. 2022.

_____; PIRES, Vladimir Sibylla. Território, museus e sociedade. In CHAGAS, Mario de Souza; PIRES, Vladimir Sibylla (orgs.). Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade. Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018, p. 9-24. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/LIVRO-TERRITORIO-MUSEUS-E-SOCIEDADE_WEB____vers%C3%A3o-02.pdf. Acesso em: 02 abr. 2022.

CHAUI, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. In CHAUI, Marilena; SANTIAGO, Homero (org). Conformismo e resistência. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramos, 2014, p. 15-147.

CURY, Marília Xavier. Museologia: novas tendências. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia. N. M. Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, 2009, p. 25 - 41. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_mast_colloquia/pdf/mast_colloquia_11.pdf. Acesso em 24 jun. 2021.

_____. Museu e Memória. Que memórias? Que museu? Sistemas e Redes de Museus: políticas para a gestão de acervos. Cadernos Tramas da memória 2011. Memorial da Assembleia Legislativa do Ceará Deputado Pontes Neto; Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará, n. 1, maio 2011, Fortaleza, p. 127-139. Disponível em: <https://www.al.ce.gov.br/index.php/publicacoes-malce?download=314:tramas-da-memoria-1>. Acesso em: 31 mar. 2022.

_____. Museus em transição. In SISEM SP (Organizador). Museus: o que são, para que servem? Brodowski (SP): ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011 (Coleção Museu Aberto), p. 17-28. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus_o_que_sao_para_que_servem.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. Nueva museología. Alianza Editorial: Madrid, 1999, 2012.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzuchi; RAMÍREZ, Jesus Antonio Machuca. Comunidade, identidade e gestão: um estudo sobre os museus comunitários de Oaxaca, México. In: VASCONCELLOS, Camilo de Mello; FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline. Museus e identidades na América Latina. São Paulo: Annablume/UNICAMP, 2015, p. 37-53.

FIGURELLI, Gabriela. Memória, identidade e criticidade na Educação Museal. In PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). Introdução à Sociologia. Edições

Universitárias Lusófonas, Departamento de Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 321-352.

GABRIELE, Maria Cecília Filgueiras Lima. Musealização do patrimônio arquitetônico com vistas à inclusão social, identidade e cidadania. In GUIMARAENS, Cêca; RAGEL, Vera; BERTOTTO, Márcia. Museologia Social e cultura. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015, p. 69 a 90.

GAMA, Flávia dos Santos Oliveira. Uma reflexão sobre o curso “Ações Multiplicadoras: o museu e a inclusão sociocultural” da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, 147 f.

GOB, André. A museologia: história, evolução, questões atuais. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

GOUVEIA, Inês; PEREIRA, Marcele. A emergência da Museologia Social. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). Introdução à Sociologia. Edições Universitárias Lusófonas, Departamento de Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 35-52.

JORGE, Otília Morgado F. Evolução entre as declarações de Santiago e de Caracas. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Cadernos de Sociomuseologia, nº 1, 1993, p. 13 a 138. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/478>.

Acesso em: 20 jun. 2021.

IDBRASIL Cultura, Educação e Esporte. Relatório Anual de 2021 – Museu da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2022/03/REL-3QUAD-2021-MLP.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

MARZIALE, Nicole Palucci. A importância da reafirmação da função social dos museus antes, durante e depois da pandemia. Perspectivas de mudança? O público e o privado, n. 38, jan/abr 2021, p. 23-53.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MOUTINHO, Mário. Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão. Cadernos do CEOM, ano 27, n. 41, p. 423-427, 2014. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2617/1516>>.

Acesso em: 30 mar. 2022.

_____. Prefácio. In GUIMARAENS, Cêca; RAGEL, Vera; BERTOTTO, Márcia. Museologia Social e cultura. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015, p. 9 a 13.

_____. Sobre o conceito de Museologia Social. Cadernos de Museologia, n. 1, 1993, p. 7-9. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>.

Acesso em: 28 mar. 2022.

_____; e PRIMO, Judite. Sociomuseologia e Decolonialidade: contexto e desafios para uma releitura do mundo. In PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). Teoria e prática da Sociomuseologia. Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento, Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 19 a 38.

NEVES, Kátia Regina Felipini. A potencialidade dos lugares da memória sob uma perspectiva museológica processual: um estudo de caso. O Memorial da Resistência de São Paulo. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Departamento de Museologia. Lisboa, 2011. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/katia_felipini.pdf.

Acesso em 29 jun. 2021.

PEREIRA, Marcele. Museologia, Nova Museologia e Museologia Social: interfaces e conjuntura. In PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). Introdução à Sociologia. Edições Universitárias Lusófonas, Departamento de Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 77-112.

PIRES, Vladimir Sibylla. A museologia social, o comum e o perspectivismo da luta. In PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). Introdução à Sociologia. Edições Universitárias Lusófonas, Departamento de Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 437-452.

PRIMO, Judite. Os desafios contemporâneos na Investigação em Sociomuseologia. Cadernos de Sociomuseologia, 2019, vol 58, n. 14, p. 03 a 16. Disponível em:

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6925>.

Acesso em: 02 nov. 2021.

_____ ; MOUTINHO, Mário. Referências teóricas da Sociomuseologia. In PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). Introdução à Sociologia. Edições Universitárias Lusófonas, Departamento de Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 17-34.

RAMOS, Luiza Giandalia. Musealidade e Território: uma metodologia de curadoria colaborativa para o Memorial da Resistência de São Paulo. 2021. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, 171 p. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-07072021-115553/publico/Luizagiandaliamoscorrigida21.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

RECHENA, Aida. Consequências para a Sociomuseologia da integração da perspectiva de gênero. In PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). Introdução à Sociologia. Edições Universitárias Lusófonas, Departamento de Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 271-290.

RUI, Taniele Cristina. Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título Antropologia Social. Campinas, SP: [s. n.], 2012.

RUI, Taniele Cristina. Usos da “Luz” e da “cracolândia”: etnografia de práticas espaciais. Saúde Soc. São Paulo, v.23, n.1, p.91-104, 2014.

SANTANA, Cristiane Batista. Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre museu e entorno. Brodowski: ACAM Portinari, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. A preservação da memória enquanto instrumento de cidadania. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Cadernos de Sociomuseologia, nº 3, 1994, p. 68 a 78. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/307>.

Acesso em: 16 abr. 2021.

_____. Museologia social / MINOM 30 anos. In CHAGAS, Mario de Souza; PIRES, Vladimir Sibylla (orgs.). Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade. Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018, p. 85-98. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/LIVRO-TERRITORIO-MUSEUS-E-SOCIEDADE_WEB____vers%C3%A3o-02.pdf. Acesso em: 02 abr. 2022.

_____. Uma abordagem museológica do contexto urbano. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Cadernos de Sociomuseologia, v. 5, n. 5, 1996, p. 35-57. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/251>. Acesso em: 06 mar. 2021.

SANTOS, Milton. Metrópole Corporativa Fragmentada: o Caso de São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019, 2ª ed.

_____. O espaço da cidadania e outras reflexões. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

_____. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2020, 30ª ed.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro. Memória e Movimentos Sociais: o caso da Maré. In BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini (coords.). Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento: Propostas e reflexões museológicas. São Cristovão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008, p. 183-194. Disponível em: https://ceam2018.files.wordpress.com/2018/07/texto-5_museus-como-agentes-de-mudanc3a7a.pdf. Acesso em: 30 mar. 2022.

SIQUEIRA, Juliana Maria de. Corozonar um Museologia onde caibam muitas museologias: a interculturalização do campo como projeto decolonial. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). Introdução à Sociologia. Edições Universitárias Lusófonas, Departamento de Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UHLT, Lisboa, 2020, p. 113-152.

SOARES, Bruno César Brulon. A experiência museológica: Conceitos para uma fenomenologia do museu. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 5 no 2 – 2012.

Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/216/200>. Consulta em: 02 jan. 2023.

_____. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. *Anais do Museu Paulista*, v. 28, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e1>. Acesso em: 6 set. 2021.

_____. Os mitos do Ecomuseu: entre a representação e a realidade dos museus comunitários. *Revista MUSAS*, 2014, nº 6, p. 30-47. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Musas6.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

STRÁNSKY, Zbynek Z. Sobre o tema "Museologia - ciência ou apenas trabalho prático?" (1980). *Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio. PPB-PMUS Unirio|MAST*, p. 101-105. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/10/5>. Acesso em: 30 jun. 2021.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. *Acessibilidade, Inclusão Social e Políticas Públicas: uma proposta para o Estado de São Paulo*. In BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini (coords.). *Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento: Propostas e reflexões museológicas*. São Cristovão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008, p. 115-135. Disponível em: https://ceam2018.files.wordpress.com/2018/07/texto-5_museus-como-agentes-de-mudanc3a7a.pdf. Acesso em: 30 mar. 2022.

VARINE-BOHAN, Hugues de. *Museus e desenvolvimento social - um balanço crítico*. In BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini (coords.). *Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento: Propostas e reflexões museológicas*. São Cristovão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008, p. 11-20. Disponível em: https://ceam2018.files.wordpress.com/2018/07/texto-5_museus-como-agentes-de-mudanc3a7a.pdf. Acesso em: 30 mar. 2022.

WICHERS, Camila A. de Moraes; ZANETTINI, Paulo; TEBA, Glória. *Entre seres e coisas: a aplicação de tecnologias 3D como ponte entre patrimônio arqueológico e*

sociedade. VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica Volume 11, Número 1, Janeiro – Junho 2017.

YAMAGUCHI, Renato; SANTOS, Wilmihara. A ação educativa do Programa de Inclusão Sociocultural da Pinacoteca de São Paulo com pessoas que fazem uso problemático de drogas na região dos bairros da Luz e Bom Retiro. TOJO, Joselaine Mendes Tojo; AMARAL, Lilian (organizadoras). Rede de Redes - diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil. São Paulo: SISEM-SP, 2018 p. 166-176. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/redederedes/artigos/media/pdfs/nucleo3_artigo6.pdf. Acesso em: 24 out. 2022.

Documentos textuais

ARAÚJO, Mirela Leite de. Relatório Encerramento de Coordenação. 2010.

FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA. Fundação Patrimônio Histórico da Energia: Gerando Educação e Cultura. Sem data.

FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA. Museu da Energia de São Paulo e Energarium. Plano Museológico. Novembro de 2003.

FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA E SANEAMENTO. Projeto Experimentoteca Museu da Energia de São Paulo. 11 set. 2009.

GRUPO ARTICULADOR BAIRRO ESCOLA LUZ. Dossiê. Grupo Articulador Bairro Escola Luz – Boletim Informativo Bairro Escola Luz. Sem data.

MACHADO JR, Laerte. Plano Diretor do Museu da Energia de São Paulo 2006. In Relatório de serviços prestados por Laerte Machado Júnior. 2006.

MUSEU DA ENERGIA DE SÃO PAULO. Projeto Extramuros – Museu da Energia de São Paulo. 2014.

ROCHA, Henrique Davini. Plano de Coordenação para o Museu da Energia de São Paulo – ano 2012. 2012.

TOMARA! Educação e Cultura. Plano Museológico e Estratégico do Museu do Palácio dos Campos Elíseos. A Casa – Museu de Artes e Artefatos Brasileiros Organização Social de Cultura. Dezembro 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO ENTREVISTAS

Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo

Linha de Pesquisa: 2 - Teoria e Método da Gestão Patrimonial e dos Processos Museológicos

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno

Nome: Danieli Giovanini do Carmo Leite

Título: O Museu da Energia de São Paulo e sua relação com o entorno

Roteiro

1. Em qual período trabalhou no Museu da Energia de São Paulo?
2. Sobre o seu trabalho no Museu da Energia de São Paulo, conte um pouco das atividades que você desempenhava e do seu dia a dia.
3. Fale sobre o perfil do público do Museu da Energia de São Paulo nesse período.
4. Conte sobre a relação do Museu da Energia de São Paulo com o seu entorno, em especial com “Cracolândia”, durante o período de sua atuação na instituição.
5. Conte sobre a relação do Museu da Energia de São Paulo com as demais instituições culturais próximas durante o período de sua atuação no Museu.
6. Sobre as ações museológicas para gestão do Museu, conte sobre as atividades no seu período de atuação no Museu da Energia de São Paulo.
7. Havia a preocupação com as questões sociais do bairro no planejamento das atividades do MESP no período? Se sim, cite exemplos de ações.
8. Fale um pouco de sua percepção das diferenças de como o Museu da Energia de São Paulo era quando você começou e como é agora.

APÊNDICE B – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

ENTREVISTA 01

Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite

Entrevistados: Fernanda Moraes e Vinicius Kavashima

Data: 29/04/2022

Local: Fundação Energia e Saneamento – Alameda Cleveland, n. 601, Campos Elíseos, São Paulo – SP

Duração: 01 hora, 20 minutos e 8 segundos

Transcrição

Danieli – Vou iniciar a gravação aqui. Entrevista com a equipe do MESP, no dia 29 de abril de 2022. Então eu vou pedir primeiro o nome de vocês e a formação.

Vinicius – Vou começar. Eu sou o Vinicius, eu sou Auxiliar Educativo aqui no museu e eu sou formado em História, Bacharel e Licenciatura, e eu fiz uma pós em Museologia também, no Instituto Butantã.

Fernanda – Eu sou a Fernanda, sou historiadora, bacharel e licenciada, sou especialista em Docência no Ensino Superior e História da Arte e atualmente coordeno os educativos dos Museus da Energia e dou um suporte para a equipe de São Paulo mais próxima.

Danieli – Queria perguntar desde quando vocês trabalham aqui no museu.

Vinicius – Eu trabalho desde 2020, março de 2020. Entrei como estagiário, fiquei um ano e fui efetivado no ano passado.

Danieli – Você entrou bem na pandemia.

Vinicius – Acho que eu fiquei um mês assim, de presencial, e depois fiquei remoto.

Danieli – Remoto, nossa...

Fernanda – Mas a relação com o museu antecede, né?

Vinicius – Ah, sim...

Fernanda – Esse momento de você...

Vinicius – Antes da pandemia, acho que em 2018, 17, 18, eu já vinha em algumas atividades aqui, quando a Lu e a Suelen estava aqui já, fazia algumas atividades,

como cursos e apresentações. Eu fui me aproximando um pouco antes, estreitando o laço. Eu acho que foi legal isso, um museu que eu via, que tinha bastante atividades abertas e tudo mais, eu estava gostando bastante e depois acabei voltando, depois de dois anos mais ou menos.

Fernanda - Eu estou na Fundação desde 2009. Eu entrei como estagiária, passei a Auxiliar Educativo, Educadora e assumi a Coordenação de Educativo em 2021.

Danieli – E aí começou a atuar mais junto com o Museu da Energia de São Paulo?

Fernanda – Isso, nas três unidades e mais próxima ao Museu de São Paulo. Porque, até então, o foco era mais a unidade de Itu.

Danieli – E aí eu vou perguntar das atividades que vocês têm feito no dia a dia?

Vinicius – Acho que o principal de nossas atividades de visitação, que é está ao cargo nosso, na nossa responsabilidade, fazer visitas tanto de público espontâneos ou agendados, como Auxiliar eu fico mais com públicos agendados, espontâneos que às vezes acabo cobrindo, mas os estagiários pegam muito mais, e eles vão amadurecendo e a gente já vai passando para eles também os públicos agendados para fazer essas visitas. Com a pandemia, a gente pegou muito a questão de fazer conteúdos para as redes sociais, então é uma frente que acabou abrindo que a gente não tinha antes. Então quando eu entrei, nos primeiros dois meses, a gente não tinha esse escopo, mas com a pandemia a gente focou muito nisso, de pesquisar no acervo, as obras que a gente tem, os objetos e passar para as redes sociais, foi um desafio até essa transformação de atender o público, de entender qual é a reação na hora do público, entender qual é o nosso público, para depois ter que fazer isso online, sem ver a cara do público, sem saber quem ele era, então foi desafiador no começo, de se achar, mas a gente já conseguiu entender como é que funciona, um pouco mais de dinâmica e de como fazer essas produções. Também tem mais coisas para pensar, preparação de atividades e oficinas, pensar em programação cultural ou algo do tipo, por exemplo, agora a gente vai ter a Semana Nacional de Museus, então a gente pensa na programação, atividades, qual público que a gente quer. Sempre com a Suelen e com a Fer trabalhando nessas questões do planejamento para as nossas atividades. Tem outras questões burocráticas de prestação de atividades e público que a gente, como a gente está sem uma

coordenação no museu integral, tem a Rita que acaba dando esse suporte, mas tem aqui dinâmicas do museu, conta também. Eu acho que é isso.

Danieli – Vocês estão com quantos estagiários agora?

Vinicius – Um só agora. A gente está com um processo seletivo para dois estagiários. A gente trabalha geralmente com três, a Thainá saiu e a gente está fazendo essa renovação de estagiários. Aqui acaba sendo, principalmente, aqui em São Paulo, não sei se é tanto nos outros museus, mas a gente tem uma troca, uma rotatividade muito grande. Quando dá um ano, às vezes já é bastante até para a gente, porque os estagiários acabam saindo antes. Em São Paulo, como tem uma dinâmica muitos museus e os estagiários rodam muitos lugares, sabe? E tem essa dificuldade de reter os estagiários.

Danieli – E você, Fer? É, bastante!

Fernanda – Eu até fiz uma listinha. A minha relação com a unidade esse mês se intensificou por conta da minha temporada MESP, né Vinicius?

Vinicius – Sim.

Fernanda – E eu vim com o objetivo de repensar o fluxo de trabalho com a equipe educativa e passar algumas diretrizes para a coordenação e reorganizar a distribuição de funções, porque ao longo do tempo, o Museu de São Paulo sempre teve algumas questões na gestão que difere das unidades do interior. Então... Enfim, se você vai entrevistar outras pessoas, não sei se você vai entrevistar o Denis, mas é muito comum ouvir do Denis e de outras pessoas que passaram pelo Museu que o estagiário fazia de tudo, que o Educador fazia de tudo, que o Auxiliar fazia de tudo. E isso faz com que não exista uma divisão de trabalho e um foco no trabalho de cada integrante da equipe, tornando o trabalho cada vez mais travado. Então, muitas vezes o Educativo não tem uma liberdade de criação tão grande porque ele precisa desempenhar alguns papéis que sejam da Coordenação. E isso não é só agora, pós contexto pandêmico aí que a gente está vivendo, que há uma ausência presencial da coordenação na unidade todos os dias. Isso já é algo sintomático de muitos anos, né Vinicius?

Vinicius – Sim.

Fernanda – Então, a minha vinda para cá, ela veio com esse objetivo, fiquei um mês de observadora ativa da unidade, aproveitando para cobrir um pouco as férias do

Vinicius, que ele saiu esse mês, mas a licença médica da Suelen agora, então, no final das contas, eu fiquei observando e colocando a mão na massa nesse meio tempo. Mas, basicamente, as funções do Educativo, que é o que a gente espera que seja implementado com essa revisão do fluxo de trabalho, é que o Educativo, ele tenha uma dedicação exclusiva para os projetos educativos e ao atendimento ao público e aí a gente divide esses projetos educativos em grupos de estudos, pesquisa e produção de novos roteiros temáticos e ações educativas, o suporte, ainda dentro dos projetos educativos, o suporte aos projetos da instituição, então, eventualmente colaborar na curadoria de novas exposições, colaborar com o desenvolvimento de projetos de captação de recursos, que faz parte também do nosso escopo de trabalho. A equipe de São Paulo, assim como Salesópolis, mantém uma horta comunitária, então o Educativo tem a responsabilidade de fazer a gestão e o cuidado com essa horta. Ao Educativo, de forma colaborativa com a coordenação local, existe a relação com o território e é uma relação que se dá de várias formas. Então, a gente tem o nicho da visitação, que são os grupos escolares, organizações sociais que fazem visitas com os seus usuários e equipes que acabam vindo para o Museu dentro de programas como da Semana Nacional de Museus, que a gente abre para receber esse público do território e assim como outras ações que o Educativo acaba fazendo essa interface de contato com as outras instituições do entorno. E, ao mesmo tempo, a gente tem o outro lado da relação com o entorno, que está ligada à programação cultural, que o Educativo propõe e a coordenação, teoricamente, é ela quem irá fazer essa ponte para participação de grupos musicais, de teatro, de dança e afins, que possam usufruir esse espaço e oferecer ao público uma atividade diferenciada. Deixa eu ver o que mais que eu tinha marcado aqui. Até então, o Educativo tem gerido algumas questões técnicas, como a bilheteria, o fluxo de caixa da venda de produtos da loja e tudo mais e a ideia é que a medida que a gente tenha uma coordenação presencialmente, ela faz a gestão desses documentos. Então, o Educativo não fica mais com essa responsabilidade, toda a equipe é treinada para a venda, mas quem faz a prestação de contas é a coordenação. E o que o Educativo colabora é a produção de fotografias, textos de apoio para relatórios técnicos e a coordenação faz a sistematização desses relatórios. Já é um montão de coisas.

Vinicius – Nossa.

Fernanda – É que está fresco na minha cabeça porque eu estou escrevendo.

Vinicius – O bom de fazer entrevista junto, porque eu fui falando e nossa, um milhão de coisas, perfeito. Assino embaixo.

Fernanda – Tem mais alguma coisa, será?

Vinicius – Acho que não, completou bastante.

Fernanda – Grupo de estudos, a questão de curadoria... O Vini tinha falado da curadoria de conteúdo, né? Que isso acabou sendo incorporado ao trabalho do Educativo, e também acho que faz parte do trabalho do Educativo repensar essa curadoria de tempos em tempos com a equipe de PPE [Projetos e Produção Editorial], a equipe de Comunicação, porque, enfim, as redes sociais mudam o tempo todo e acho que cabe também a nós acompanharmos essas mudanças, de rever os formatos e tudo mais.

Danieli – Fer, você já adiantou bastante coisa, tá?

Fernanda – Tudo bem.

Danieli – Exatamente o que eu ia perguntar.

Fernanda – A pessoa se empolga. Aperta o play e vai.

Danieli – Eu vou agora perguntar para vocês o perfil do público, qual é o perfil do público do MESP?

Vinicius – Acho que a Fer vai estar de cabeça mais fácil...

Fernanda – Até 2019, o perfil de público que nós tivemos na unidade eram visitantes, muitos visitantes espontâneos, pessoas do território, né, poucos turistas, a gente não tem essa tendência aqui em São Paulo, diferente de Itu e Salesópolis, que o grande movimento é de turista. Aqui em São Paulo a gente tem um perfil de homens, entre 31 e 40 anos, brancos, e boa parte deles exercendo atividade profissional remunerada. Quando nós reabrimos... Ah, e assim, isso público espontâneo, mas a unidade sempre teve fases de visitação, então tinha época que o público maior era oriundo de projetos escolares, então o “Lugares de aprender”, que era do FDE, muitas vezes grupos que vinha com guias de turismo e fazem o receptivo em São Paulo, então eram grupos de São Paulo visitando São Paulo e alguns grupos do território mesmo, de organiza es que acabavam visitando. Então, sem pré oscilava esse público, tinha uma incidência maior de público escolar ou um

aumento no público espontâneo e uma queda no escolar, isso sempre estava associado ao momento do ano, então em julho até meados de agosto, em novembro e dezembro, a maior incidência de públicos espontâneos. A partir de fevereiro, final de fevereiro e começo de abril é quando a gente tem aumento do público das escolas e tudo mais. Com a pandemia, os museus reabriram com um formato de visitação diferente, então públicos reduzidos, atendimento de grupos em horários específicos e quantidade de pessoas bem pequena. A gente abriu com cinco pessoas no horário e eram três horários no dia... Eram dois horários no dia primeiro...

Vinicius – Um de manhã e um à tarde.

Fernanda – E depois nós abrimos mais um horário à tarde. E esse formato, ele começou a funcionar, mas a gente tinha muito o problema da pessoa agendava e não vinha ou, como a gente não tinha um sistema de venda de ingressos, como a Pinacoteca, o Museu do Futebol e o Museu da Língua têm, o agendamento era feito por formulário Google, então a equipe precisava ficar tipo o dia inteiro com aquele formulário aberto acompanhando e eventualmente aos finais de semana, quando os Museus estavam fechados, as pessoas entravam em contato e agendavam, se o formulário ficasse aberto, podiam agendar vários no mesmo horário, então isso gerava um trabalho extra para a equipe ficar reorganizando esse fluxo de agendamento. Mas a gente teve, assim, uma procura pequena...

Vinicius – É.

Fernanda – Tanto aqui como nas outras unidades. Isso foi super comum na reabertura, na primeira foi mais tímida. Na segunda reabertura é que a gente já conseguiu, outros museus também já estavam abertos e tudo mais, e a gente conseguiu aumentar um pouco a quantidade de visitante por horário, aumentar um pouco o horário de visitação e sentir um pouco mais esse retorno das pessoas ao espaço. É, mas a gente ainda sente, aqui em São Paulo especialmente, que a visitação, ela está bem devagar, a gente uma entrada muito pequena de pessoas durante a semana e aos finais de semana. O nosso público maior vem com essa relação que o Educativo estabelece com as instituições do entorno, com escolas... Inclusive essa semana eu estava conversando com as coordenações de Itu e Salesópolis para a gente criar campanhas para a visitação, principalmente para as

escolas, porque aqui a gente teve até agora, acho que a gente teve o que, umas cinco escolas que visitaram o Museu esse ano?

Vinicius – Para esse ano? Acho que umas sete. Umhas duas antes e...

Fernanda – É. Acho que fevereiro não teve, né? Então, março e abril.

Vinicius – É.

Fernanda – Então, assim, é um número muito pequeno perto do que nós já atendemos, isso pré pandemia, né? Então é uma forma de estabelecer essa relação com o público. Acho que um diferencial da equipe de São Paulo para Itu e Salesópolis, no atendimento ao público, é a acolhida da população em situação de vulnerabilidade. Então, as pessoas em situação de vulnerabilidade sentem à vontade, alguns, claro, né? Para entrar e visitar o Museu. Para entrar e fazer uso do espaço para comer uma marmita, para tomar uma água. Ontem mesmo eu estava sentada na sala e vi uma pessoa que vive em situação de rua, tinha ganhado uma marmita, pediu para sentar ali na área coberta, almoçou, pegou o cachorrinho e foi embora. Então, assim, essa empatia que existe não é algo de toda a instituição, que é importante deixar claro, e que essa relação que é construída, ela é muito força da relação que o Denis tem com as pessoas em situação de vulnerabilidade, que é a equipe que o Museu tem, então são pontos focais nessa instituição que olham para essas pessoas com empatia e que permitam que elas sejam usuárias do espaço, assim como qualquer outra pessoa. Isso é muito característica destas pessoas: da equipe do Museu e do Coordenador de Patrimônio.

Vinicius – É, a abertura dos portões, eu acho que foi significativa também.

Fernanda – Isso, Vini! Verdade.

Vinicius – Porque esse período, que no começo a gente estava só com agendamentos, estava com os portões fechados. Depois, a gente começou a reabrir, com os agendamentos mesmo, a gente abriu só um dos nossos portões. E como a gente pega duas ruas aqui, muita gente vinha até o portão e achava que estava fechado. E antes a gente tinha um fluxo muito bom de pessoas passando por aqui, quase como se fosse uma passarela de uma rua para outra, e acabava parando, sentando no Museu, nas cadeiras embaixo das árvores, e quando a gente estava com um portão só, a gente via um volume baixo de pessoas, deu uma... Mudou um pouco com os dois portões. Então, mostrar que o Museu está aberto, esses dois

portões ajudou bastante isso, as pessoas se apropriarem do espaço, circularem pelo espaço, mesmo que não vão entrar e fazer toda a visita do Museu, mas elas vem, sentam, dão só uma passadinha no primeiro andar. E já mudou disso, de deixar totalmente aberto o espaço.

Fernanda – Sim.

Vinicius – Essa relação com o público do entorno também, apesar de ter várias tensões na região e tudo mais, a gente sempre tenta buscar isso... As pessoas estão dormindo aqui na rua, aqui perto, são do território e não entram no Museu. A gente tenta quebrar essa, esses muros, que a gente sempre colocou esses muros historicamente, e a gente tentar trazer esse público para dentro mesmo. A gente está tentando fazer parcerias para a Semana Nacional de Museus, por exemplo, com casas de acolhidas, com CAPS, com a Fundação Casa também e com o público do entorno que é atendido por instituições, para se apropriar do Museu, ver como parte da região mesmo, sabe? Com menos muros.

Danieli – E vocês vêem potencialidade nisso, nessa ação com essa população?

Vinicius – Sim, aham, sim. E a gente teve, por exemplo, no ano passado, a gente conseguiu atender duas vezes o Pop Rua, que é uma atividade do Centro de Direitos Humanos de São Paulo, que traz pessoas em situação de rua, então, para fazer atividades em museus. E acho que foram visitas muito ricas, essas duas visitas que a gente fez para essa população, que eu acho que a maioria nunca tinha entrado em um espaço expositivo. Eu acho que nenhum deles, dos 20 ou 30 que vieram, e foi uma visita muito boa, eles participaram bastante, muito mais do que outros visitantes que vêm aqui que só olha e tchau. Então teve uma participação rica e interessante, e acho que a gente sempre quer aproximar isso, porque a gente não trabalha muito, e eu acho isso muito bom, eu gosto bastante de tentar fazer esse esforço, sabe? Porque é um esforço que a gente tem que fazer, porque não é comum e não vão acessar a internet para abrir um formulário para fazer inscrição, sabe? A gente tem que fazer esse esforço, mas vale a pena. Acho que dos dois lados, para a gente e para eles também, eu acho legal.

Fernanda – O que eu vejo como um diferencial, é que o Museu de São Paulo tem essa relação com as pessoas em situação de vulnerabilidade há muito tempo. Isso começa lá na época em que o Denis ainda estava no Educativo, que ele era

estagiário, Michael, Henrique... Tanto que existia o carnaval na “Cracolândia”, tinha o bloquinho da “Cracolândia” que era algo que movimentava aqui o entorno. Então, esse olhar sensível ao território é algo antigo que a unidade foi construindo com cada coordenador que passou, cada educador que passou, e entendeu a necessidade de, como o Vinicius falou, de derrubar os muros e as grades e trazer essas pessoas de volta para cá. E quando eu falo trazer de volta para cá é justamente isso, porque esse espaço já foi uma ocupação. Esse espaço tem em sua história essas camadas de história, esse marco de ter sido um lugar de moradia para essas pessoas, que muitos estão em situação de rua. Então é interessante fazer esse contraponto, né, de ter vivido aqui enquanto residência, enquanto moradia, e voltar para cá enquanto museu. Eles continuam tendo esse diálogo com alguns dos antigos moradores. Isso começa lá atrás, quando vai repensar a exposição do casarão, e volta. E essa relação com os antigos moradores, ela é contínua. De tempos em tempos o Educativo tenta conversar, levantar algumas dessas memórias, e isso acaba sendo introjetado nas medições, ainda que as exposições não privilegiem de modo mais evidente essas memórias, é pela voz do educador que essas histórias chegam ao público, criando debates, porque muitos visitantes, a gente já teve, eu estava aqui em janeiro e teve situações de visitantes que chegam e reclamavam sobre o lugar, sobre o território, sobre a questão do fluxo da “Cracolândia”, do tráfico, e que tinha medo de chegar até aqui, que veio do carro, que não viriam de transporte público. E aí quando a gente começa a conversar e a falar da história desse casarão, como foi e como ficou e tudo mais. As pessoas ficam “Nossa, aqui já foi uma moradia?” Sim. “Mas aí destruiu tudo.” Não, pelo contrário, a gente tinha pessoas que cuidavam do espaço, porque era a casa delas, que elas depois foram retiradas daqui, foram removidas daqui, né.

Vinicius - Então, eu acho, que essa ação com o público, esse olhar crítico, e as fases da construção da casa, às vezes, a gente sempre tenta abordar, falando por mim, sempre e falam que estragaram tudo e tudo mais, as pessoas não vêem isso como parte da história, sempre como um saudosismo, da época do café e dos casarões lindos e maravilhosos, e tudo tem que ser original. As pessoas querem que tudo volte, que fique uma cúpula de vidro por 100, 130 anos e que esteja assim e não... Olha, essa ideia de restauração para original e não entende o processo do

espaço, do edifício, como a construção da história, sabe? Foi uma escola, foi uma Sociedade Pestalozzi, por exemplo, e foi uma ocupação, e todos esses momentos, eles agregam história para o espaço, e eu entendo que a restauração não pode apagar todo esse momento para essa ideia gloriosa do café que construiu esse espaço lindo e maravilhoso europeu e se apaga todo esse período entre esses dois momentos. Então a gente sempre tenta trazer esses meio períodos ali, para mostrar que o espaço é bonito, é rico, mas com essa parte também das histórias, sabe? E é um pouco isso.

Fernanda – E a gente já deve ter pulado umas 50 casas na entrevista da Dani, né?
[risos]

Vinicius – [risos]

Danieli – [risos] Não, mas é ótimo. Eu acho até que também eu vou pular aqui e depois a gente volta, porque o Vinicius já começou a falar das parcerias com instituições de atendimento social do entorno. É, está acontecendo agora? Como é? Quais instituições que fazem parcerias?

Vinicius – Agora, por exemplo, na Semana Nacional de Museus, a gente está fazendo parcerias com elas... Na semana passada que teve a reunião, né?

Fernanda – Isso!

Vinicius – Do Territórios, com o pessoal da Língua Portuguesa [Museu da Língua Portuguesa] e foi aqui, teve várias instituições do território, e teve esse convite para eles virem para cá fazer visitas, por exemplo. Fazer visitas mediadas com a gente. Com a Fundação Casa, nós estamos entrando em contato com algumas, a gente já teve essa experiência anterior, uma experiência boa, de trazer os adolescentes para cá, em esquema de ressocialização. Eles têm um programa pedagógico, então a gente quer ser um espaço, para trazer eles para cá, fazer parte do programa pedagógico deles. A UBS a gente está voltando a fazer parceria também, antes da pandemia era bem forte, de trazer os idosos para cá, para utilizar os espaços, a horta, fazer atividades com o corpo mesmo, né, que eles têm aqui. O que mais? Tem o Programa Reviravolta também, que é um programa que trabalha com catadores de recicláveis. Então a gente está fazendo trabalho com eles de catar reciclado aqui e mandar para lá, e também trazer eles para cá fazer visitar ou

atividades deles, para usar o espaço como deles também, sabe? Hum... Esqueci de algum?

Fernanda – Foi tudo, Vini. Acho que a gente pode dividir em frentes, né. Então, a gente trabalha com atendimento ao público em situação de vulnerabilidade e já usuários de alguma cada de apoio, CAPES e afins. A gente trabalha com a cessão de uso do espaço, que essas entidades e organizações usem o nosso espaço como um espaço para as suas atividades. Isso ocorre em diversos momentos do ano. E um outro processo que é essa ação com o território com as reuniões de vizinhos. Isso, o Museu já tinha essa relação com o território, o Museu da Energia de São Paulo, e outras instituições museológicas perceberam a importância desse diálogo e foram se espelhando muito no que esse Museu fazia. E criando, dentro das suas estruturas, principalmente os museus do estado, que sempre foram muito mais distantes desses públicos em situação de vulnerabilidade... Esse é um olhar de quem está de fora, tá Vini, me corrija se eu estiver errada. Mas esse movimento dos museus do estado de criarem programas para essas pessoas em situação de vulnerabilidade, que era uma coisa que já acontecia de forma orgânica aqui e para eles foi necessário criar programas e criar outras metodologias de aproximação com esses públicos. Isso a gente viu acontecer na Pinacoteca, agora no Museu da Língua. No Museu da Língua tem um cargo da Evelyn [Evelyn Ariane Lauro], e da Uma Sorrequia, de articulação social, se eu não me engano...

Vinicius – Isso.

Fernanda – E elas, primeiro a Evelyn, depois a Uma começou a fazer parte desta equipe, elas fazem um processo de ir até uma instituição, a organização, vão entender a dinâmica de trabalho deles e, a partir dessa relação, eles colocam o Museu da Língua à disposição, para receber visitas e tudo mais. E algo diferente que nasceu lá, que pode ser futuramente incorporado por nós é a utilização de muitas instituições/organizações como fornecedores, então tem alguns grupos, algumas ONGs que produzem algum materialzinho como embalagem de bem-casados. O Museu da Língua faz casamento no espaço, então eles oferecem para as noivas “olha, a gente está aqui com esse trabalho em parceria e tal”. Então esse trabalho, esse tipo de relação que não fica só na visitação, não fica só na festa, no encontro, mas ele devolve a esse grupo a questão de sustentabilidade, de

rentabilidade. E eu acho que é algo que a gente pode ir encaminhando, uma vez que há o desejo na instituição de potencializar as locações do espaço, dentro da questão de captação de recurso e tudo mais, mas gente pensar nessa rede de fornecedores locais e oferecer a essas empresas que usam o nosso espaço aí.

Vinicius – A gente teve a experiência do Moinho também, da Comunidade do Moinho, que uma parte dela surgiu quando teve uma reintegração de posse aqui do espaço. Alguns moradores foram para lá, quando o Moinho estava crescendo, começando a surgir, e no final do ano passado, começo desse ano, a gente teve algumas ações lá e trouxeram para fazer atividades. Então a gente teve o Programa Fazendo a Diferença. Lá, a gente fez capacitações e trabalhou junto à comunidade e teve uma das atividades, que foi uma atividade com o pessoal do Ilú, que fizeram uma apresentação e eles vieram vender algumas comidas e alguns artesanatos. Então, teve essa tentativa de aproximação também.

Fernanda – É, que dentro da área cultural eles chamam de economia criativa e é algo que a gente tem total abertura na instituição, uma vez que, como somos uma instituição privada, a gente não tem que passar por alguns crivos que outras instituições públicas precisam alinhar dentro de programas e falar com um milhão de pessoas. Aqui a gente tem essa possibilidade, principalmente porque é desejo da gestão, da direção, de ter essa relação com o território de forma diferente. Ah, bom, só voltando, o Museu da Língua começa a organizar essas reuniões de vizinhos, que começa bem tímida, né, Vini? As primeiras tiveram poucas pessoas. E eu participei esse ano da primeira, que foi no Museu da Língua, e a segunda, a Evelyn pediu para usar o nosso espaço para a reunião, e nós tivemos mais de 50 pessoas de representantes de diversas organizações, que vão de centros de acolhida e apoio a usuários, a organizações como o pessoal da Gaviões da Fiel que faz um trabalho de capacitação profissionalizante na região onde eles atuam. Então, a ideia é de ir expandindo no bairro, nos bairros, porque nós somos entrelaçados por bairros aqui, ir expandindo essas instituições e criando essa rede de troca. Então, se a instituição não tem uma pessoa para dar uma capacitação x, o museu pode oferecer essa capacitação. Se o museu tem uma possibilidade de receber uma programação cultural e essa instituição, esse grupo, produz algo no sentido cultural, ele pode ser contratado pelo museu para isso. Então, essa reunião de vizinhos, ela vai

justamente extrapolando essa visão de ver o museu só como espaço contemplativo, mas de ver os museus e as equipes dos museus como aliados nessa relação com o espaço, no desenvolvimento das pessoas e tudo mais.

Danieli – E começaram com a reabertura do Museu da Língua Portuguesa, essas reuniões?

Fernanda – Foi...

Vinicius – É.

Fernanda – Tinha antes...

Vinicius – Em 2018, 2019, tinha antes essa ideia, uma rede de articulação aqui do território também, só que ela foi criando corpo. Em 2020 não estava muito articulada. Mas teve algumas tentativas anteriores. Mas com o Museu da Língua, acho que eles agora estão puxando um pouco depois da pandemia, aí deslançou as atividades.

Fernanda – E assim, o bom é que eles têm uma pessoa exclusiva para lidar com isso, diferente do nosso caso, que todo mundo acaba fazendo, né Vinicius? Essa relação com o território. Mas lá eles têm um funcionário exclusivo que cuida dessa articulação, que permite a liberdade. Tanto que no primeiro encontro, a Coordenadora de Educativo estava lá e nesse segundo encontro ela já não veio, então permite também que a equipe tenha essa fluidez no momento de participar de algumas ações da reunião de vizinhos.

Danieli – Vocês enxergam que seria interessante uma pessoa aqui naquele cargo, como no caso do Museu da Língua, ou haver um programa voltado ali, seria interessante?

Fernanda – Eu entendo que é fundamental a revisão do programa educativo. Está na meta aí de vida, né Vinicius? Quando sair a revisão do programa educativo, a equipe de São Paulo, dentro desse programa, ter um projeto exclusivo dessa ação com o território. Mas é essencial, e isso pode se concentrar na figura do coordenador da unidade essa relação. O educativo participa e tudo mais, mas eu acho que essa relação com o território, ela pode partir da coordenação da unidade.

Vinicius – Acho que nos dois casos, ter uma pessoa na coordenação seria muito interessante, porque acaba ficando muito com os educadores e os auxiliares educativos essa mobilização, então a gente acaba abrindo mão de algumas partes

que caberiam ao educador, para fazer articulações, sabe? Então, seria bom essa pessoa, essa figura.

Danieli – Entendi. Espero poder contribuir até nisso, porque eu, com a minha dissertação, eu vou fazer uma análise propositiva. Então, na verdade, a ideia é trazer ideias e propostas que aí eu vou apresentar, que aí vai ser também para avaliação dentro do âmbito do mestrado, mas que eu vou apresentar aqui também para direção, e se a gente tiver uma coordenação exclusiva ao MESP também, isso, com esse olhar. Esse era um dos pontos muito importantes de conversar com a equipe, para entender isso. Eu até vou voltar e perguntar mais algumas coisas assim, que fazem parte mais do dia a dia. Acho que é só, vocês começaram a falar dessa relação com instituições culturais, então está dentro desse âmbito de todo o território.

Fernanda – Sim.

Vinicius – O SESC.

Fernanda – Aí vem, a gente tem essa reunião com os vizinhos, que acaba mobilizando várias instituições culturais e tudo mais, mas o Museu de São Paulo cria relações com outras instituições dentro de projetos e dentro de cessões de uso de espaço, que é o que ocorre com o SESC. O SESC, enfim, um milhão de atividades dele acontecem aqui, inclusive atividades de programação cultural, né, que não cabem no espaço deles e eles acabam estendendo e a gente cria um corredor aqui de ações de cultura e educação. Esse ano a gente começou uma parceria com o Museu da Saúde Pública, desde o ano passado com eles. E como, antes de eu vir para o cargo de Coordenação de Educativo, o Museu de São Paulo já integrava a Rede de Museus de Ciências e Tecnologia, né. Então isso já criava uma outra relação com Museus de Ciências e instituições culturais e que atuam nesse sentido. Desde o ano passado a gente tem uma parceria muito forte com o Catavento para realização de exposições conjuntas e esse ano o foco são ações educativas e vamos ver o que o ano que vem reserva, se a gente vai continuar ou se a gente vai para alguma outra instituição aí, para parceria.

Vinicius – O SESC é bem isso. A gente tem organizações que usam o nosso espaço. A nossa horta também, a gente teve aquela conversa, de fazer parcerias para a gente dar uma força para ela, para eles também trazer público para cá, para

usarem essa horta aí, cuidar dela melhor. E o Emílio Ribas, a gente está fazendo um projeto com uma escola parceira, que então a gente está indo até a escola, que é um projeto que chama “Quando eu crescer quero ser... cientista!”, então como Emílio Ribas é do Butantã, a gente traz cientistas para cá, para as escolas, para fazerem entrevistas, conversar com eles, para também oficinas de ativação, então tanto a gente como o MUSP, a gente faz oficinas com as crianças sobre ciências, para elas, para instigar elas a essa ideia de ciências, mas desmitificar um pouco a figura do cientista, aquela pessoa distante, e trazer pessoas pesquisadoras para cá, para conversar com elas.

Danieli – Isso é bem legal.

Fernanda – Acho que é... Estou pensando se tem mais alguma coisa. [risos]

Vinicius – Tem o Salesiano...

Fernanda – Isso, o Museu da Obra Salesiana, é verdade! Tanto que na Semana Nacional de Museus, já tem uma parceria. O Museu da Obra Salesiana, ele fica muito escondido, né? Apesar de todo monumental, ele é escondido e eu não consegui visitar. Eu volto para isso. [risos] Ele fica um pouco escondido, então as ações deles acabam ficando bem retraídas ali para o espaço da escola e mesmo essa relação com a escola é bem mais complexa, tanto que o coordenador de lá, acho que ele é coordenador, né?

Vinicius – Esqueci o nome dele.

Fernanda – Marcos!

Vinicius – Marcos.

Fernanda – Ele buscou o Museu para fazer essa parceria durante a Semana Nacional de Museus, para criar esse diálogo com a própria instituição escolar que está ali no mesmo complexo. Então a gente vê que, como o Museu, ele tem um trabalho educativo consolidado, tem essa relação com as escolas consolidadas, ele acaba sendo alvo dessas instituições para apoio nas suas ações, então isso demonstra a força desse educativo. Mesmo pequenininho, é valente. [risos]

Danieli – E vocês já falaram um pouco, mas eu queria retomar, se então, isso, se há preocupação com as questões sociais do bairro no planejamento das atividades. E, se sim, para citar exemplos de ações que já aconteceram recentemente ou que estão acontecendo ou irão acontecer.

Vinicius – Vou passar a bola. Eu acho que sim. Acho que essa preocupação é bem presente na parte do Educativo, a gente sempre tenta debater isso, essa ideia de se relacionar com isso, trazer as pessoas para cá. É... Eu acho.

Fernanda – Eu vejo assim que, para quem está no dia a dia aqui, é muito mais sensível às questões do território do que as pessoas que estão mais distantes, né. E a pandemia, ela criou esse abismo. Então, muitas vezes quem está trabalhando de casa não sente o mesmo que a equipe sente aqui no dia a dia. E isso vai afastando... Vai mudando a relação de afeto das pessoas com o espaço. Então, ano passado, quando a gente lançou o primeiro episódio do podcast do Educativo, que não saiu mais nenhum, né Vinicius? Vai, vai voltar, tenho fé que vai voltar.

Vinicius – Sim, temos.

Fernanda – É, quando a gente pensou o primeiro episódio, que ele tinha um misto de saudosismo, de lembrar da rotina de trabalho, de quem ficava aqui na sede, principalmente, de pegar o metrô, de pegar um transporte público, de caminhar pelas ruas e chegar aqui, e lembrar, lembrar do cheiro, de lembrar das pessoas que estão ali na rua e lembrar disso, fez parte de uma ação de sensibilização da equipe do Educativo, foi uma parceria nossa, para uma sensibilização para a sede de uma forma geral. A gente vê isso, não é privilégio nosso, mas isso acontece em outras instituições, que muitas vezes há um abismo entre o que se pensa de projetos de exposição, enfim, de projetos que sejam rentáveis e consigam obter captação de recursos, com o que acontece no espaço e com o que acontece com as pessoas do espaço. Têm alguns dias, a gente estava rediscutindo a história da casa sustentável e a gente se pegou pensando: imagina só, a gente vai ter mais uma casa, são três complexos que seriam três casas aqui no espaço, mas uma casa e agora toda pensada no conceito de sustentabilidade, enquanto isso temos pessoas deitadas na calçada com lonas e tapumes ali e vivendo ali. Então a gente começa a sentir que muitas vezes, quando a gente parte para alguns discursos expográficos, a gente distancia do nosso público, a gente distancia dessas pessoas que estão aqui. E aí a gente cai naquela “enfim, a incoerência”. Como que a gente vai discutir esse conceito, sem olhar para quem está do lado, sem se sensibilizar por quem está no dia a dia aqui, com o fluxo que acontece aqui na “Cracolândia”.

Vinicius – Era exatamente esse ponto que eu queria falar. Enquanto você foi falando, eu fui pensando aqui e queria falar de fazer visitas com, por exemplo, a gente fez com população em situação de rua, como falar de economia de água e de energia para um grupo que não tem acesso à água e à energia? Então, faz sentido o Educativo ficar repetindo um discurso já quadradinho ou a gente tem que pensar quem é esse público e qual o sentido da gente trazer eles para cá para falar “ah, tem que economizar água, tem que economizar energia”, não faz sentido para esse público, sabe? É desumano a gente ter esse discurso de uma visita nesse caminho, sabe? Então, é olhar para esse público e entender quem ele é para a gente... Para como a gente pode conversar, a questão gigante desse prédio, gigante, com uma população que não tem uma casa, que não tem um teto. Era bem isso mesmo.

Fernanda – E aí vem a necessidade do Educativo intervir diretamente na curadoria.

Vinicius – Sim, com certeza.

Fernanda – Então, quando a gente começou a trabalhar o grupo de estudos do Espaço das Águas, porque ele foi sofrendo muitas alterações ao longo do tempo e ele está precisando ser repensando mesmo, eu acabo escolhendo um livro chamado “A escassez da água”.

Vinicius – “O século da escassez”.

Fernanda – “O século da escassez”, que ele trata sobre as questões críticas sobre saneamento, né. E o objetivo não era trazer conceitos como água virtual, enfim, que vêm sendo discutidos, mas trazer algo que faz muito sentido para o território, que faz sentido para o pessoal do Moinho, faz sentido para quem está aqui, que é a falta de saneamento básico e como isso muda a relação das pessoas com o espaço. E a ideia dessa intervenção na exposição ali do Espaço das Águas é justamente para trazer esse novo discurso. A gente não vai falar da economia da água, mas sim da falta de acesso a esse bem, que deveria ser de todos.

Vinicius – Antes tinha, antes da pandemia, tinha o uso mais frequente, porque a gente tem uma torneira aqui perto, né. Aí tinha o uso mais frequente de moradores virem aqui, às vezes lavarem, tomarem um pouco de água, encherem a garrafa, mesmo às vezes a gente oferecendo água do bebedouro, eles não se sentiam confortáveis em entrar no espaço. Mas essa questão da água no território é muito

latente, sabe? O SESC, eles colocaram um filtro ali agora, lá fora, e eu acho que foi isso que diminuiu um pouco o uso daqui.

Fernanda – É.

Vinicius – Ficou bem na porta, eles não precisam entrar no espaço e tudo mais. Então, essa questão da água é bem forte na região.

Danieli – Vocês já começaram a falar que muito dessa... Das ações, o que... Na pesquisa, eu estou pensando muito nisso, na gestão e na comunicação do Museu. E aí, falar de como são, como essas ações são desenvolvidas pela instituição gestora, a Fundação, se elas são pensadas realmente para essa necessidade do Museu com o entorno e se tem a participação do Educativo nelas?

Fernanda – Historicamente falando?

Danieli – Sim.

Fernanda – Historicamente falando, a relação da equipe do Museu com a Fundação, ela teve fases. Teve momentos de maior aproximação e teve momentos de grande distanciamento. Então, nesses momentos de distanciamento que a equipe educativa acaba sofrendo, porque toda parte de curadoria, de mudança de exposição ou mesmo de produção de conteúdo. Antes de a gente ter produção de conteúdo, mas o que saía nas redes sociais muitas vezes não refletia o que de fato acontecia no Museu. Quantas e quantas atividades, isso não era privilégio só de São Paulo, né, ou desprivilegio no caso, mas das outras unidades também aconteciam e ninguém ficava sabendo. Não tinha uma força na assessoria de imprensa, na Comunicação, para divulgar o que as unidades estavam fazendo. E, quando a gente fala especificamente dessa questão do Educativo e do Museu intervir nos projetos, isso é muito novo para nós. Isso vem com muitas distensões, então uma hora a gente vai puxando a corda para o lado de cá, de repente a captação puxa a corda para o lado de lá, e a gente vai buscando um caminho comum, né. O ano passado a gente teve bastante turbulência quando a gente falava de coleta seletiva, de um projeto que era “Recicladores”, que era um projeto que estava muito descolado da realidade para as equipes de uma forma geral e eu lembro que foram vários embates com a equipe de captação de recursos da época e para fazer aquilo não chegar às unidades com aquela visão, eu parei, olhei lá para o Plano Museológico e falei: “olha, lá tem um Programa Socioambiental, lá tem coleta seletiva, então a

gente vai começar de lá”. A gente não vai parar nesse ponto que era algo extremamente comercial, enfim, que tinha uma pegada x para a captação, mas não fazia sentido para aquele momento para nós. Aí eu voltei lá para o Programa Socioambiental e falei: “olha, vamos trocar todas as lixeiras? Vamos trocar todas as lixeiras! Vamos fazer relação com alguma cooperativa local?”, Salesópolis já tinha, Itu conseguiu contato, São Paulo também. Então, assim, às vezes a gente sente que muitos projetos que vêm, principalmente com o foco de captação, eles estão muitos anos luz do que a equipe consegue fazer, pelas condições que ela trabalha, né. E eu acho que essa questão, essa relação do que o Educativo faz com que a captação espera que precisa ser cada vez mais afinada. Hoje eu vejo que mudaram um pouco isso. A pessoa que entrou na captação agora, ela tem um olhar da Museologia, tem uma visão muito mais pé no chão, que permite a gente, nos ouve mais, entende mais a nossa realidade. A gente está falando de uma equipe muito reduzida, de estrutura mesmo. É uma sala de trabalho para essa equipe, a mesma sala onde está a recepção do Museu, então você tem uma circulação de pessoas muito grande no espaço, a equipe não consegue fazer reuniões ali, quando faz, são interrompidas. São pequenas coisas que a longo prazo a gente vê o quanto isso impacta no desenvolvimento potencial dessa equipe mesmo. Enfim, já estou dando *spoilers* do meu diagnóstico. [risos]

Danieli – [risos] Acaba sendo muito desmembrado da Fundação e... Da Fundação, historicamente, porque a gente tem aqui de áreas mais diferentes, dos Museus e um Acervo, e uma Comunicação que faz tudo. O Educativo participa de decisões ou poderia participar de outra forma?

Vinicius – Decisões, eu não entendi muito bem.

Danieli – Dessas decisões mais estratégicas, vamos dizer, de programas, projetos ou até de ações que acabam se tornando museológicas, se o Educativo participa.

Vinicius – Acho que em partes. Não sei, eu vejo... Tem, acho que nos últimos, por exemplo, no planejamento anual, teve uma participação, mas quando isso é consolidado ou é considerado depois, tem vários entraves aí, sabe? Ou quando são coisas enormes, acho mais possível, agora pequenas ações pontuais funcionam, a reformulação da exposição em uma sala, já vira uma coisa que a gente pode propor, mas não necessariamente vai rolar ou às vezes só chega para gente uma proposta

de reformulação sem essa escuta ou essa participação tão efetiva, sabe? Eu como educador sinto falta desse momento de escuta ou de opinião, não sei.

Fernanda – Eu acho que tem um ponto, e aí depois Dani, você analisa se dá para entrar na sua dissertação ou não essa questão...

Danieli – Pode deixar.

Fernanda – Mas tem um ponto que pesa para gente que é o financeiro. A gente bem lembrou disso hoje, né Vini? E assim, temos um objetivo, queremos chegar nesse objetivo, mas nós não temos dinheiro, então “criem, sonhem, pensem!”. Mas para a gente chegar lá, a gente precisa de investimento e muitas vezes quando você fala da relação com a Comunicação, com a área de Projetos e tal, ela pode acontecer, mas ela vai acabar acontecendo em um nível de demagogia, a gente vai ficar discutindo, discutindo, discutindo, e faz projeto, senta, escreve, pensa, muda, vira, revira, aí submete a uma lei de incentivo, aí não é aprovado, aí fica todo mundo assim “ok, perdemos, aí não vai rolar a galeria de grafites, não vai levar... Então, a gente conta com isso em uma programação, num plano anual da unidade. E aí ok, estamos aí muito próximo do aniversário do Museu, a galeria de grafite não vão acontecer, a nossa meta era inaugurar no espaço da universidade, então tá, plano B. Então a gente acaba ficando muito refém dessa ausência de recurso real na instituição. Um trunfo que o Educativo tem e já tem há alguns anos, é ter uma verba de Educativo. Por muitos anos eu trabalhei na instituição com verba de papelaria. Isso impediu o Educativo de fazer coisas: não? Com verba de papelaria que Itu ganhou o primeiro Prêmio Darcy Ribeiro que a instituição recebeu. Com verba de papelaria, com cartãozinho impresso, colado e plastificado com... Esqueci o nome... Contact. E foi assim que a gente criou material educativo que permitiu a unidade ganhar um prêmio. Mas, assim, quando a gente entra em outras discussões e aprofunda essas discussões como acessibilidade, se a gente não tiver recurso, o museu não vai ser acessível. E não é assim ser criativo, porque mesmo para ser criativo é preciso comprar material e tudo mais. E eu preciso de profissionais que saibam fazer. Eu posso ter muito jeito para cortar o E.V.A. e fazer um azulejo tátil para Itu como eu já fiz, mas eu não posso exigir que todas as pessoas que estão na equipe tenham essa habilidade manual para desenvolver um objeto tátil, porque não é o perfil da pessoa. E a gente tem que parar também de pensar que a instituição,

ela precisa sugar tudo o que a pessoa tem para oferecer pelo salário que ela recebe e não, perai! A gente tem que tornar algo muito mais profissional. Não é porque eu sei cortar um E.V.A. que eu vou fazer todo o material tátil da instituição; existem profissionais que se especializam nisso. E pode ser que o que eu esteja fazendo não seja plenamente acessível. Então, são pequenas coisas que no nosso dia a dia, quando a gente está na ponta, percebe. Mas não adianta o educativo propor se não tiver recurso para executar.

Vinicius – Essa situação entre a expectativa e a realidade é bem complicada. A Galeria de grafite tem uma coisa. Pensar a Galeria, escrever um projeto, pensar em tudo, fazer um orçamento e tudo mais, já deixar planejado, então para esse ano a gente já pensou nessa atividade para o aniversário, uma atividade grande, que não tem isso certo. Então foi um gasto, uma energia do Educativo que foi gasta, a gente poderia estar fazendo outras coisas e a gente está ali, dedicado, e depois não rola, por causa da captação, dos entraves nesse caminho. Essa distância com os projetos maiores é bem complicada. Eu acho que é um dos maiores problemas que temos, nessa relação.

Fernanda – Quando você fala da relação com o acervo mesmo, a unidade de São Paulo tem um super trunfo que é o Vinicius, que tem uma facilidade. É o que não acontece nas outras unidades. Isso não é comum para as outras unidades de ter essa relação mais aproximada com o acervo. E mesmo quando a gente fala de uma questão de não só o acervo documental da Fundação, mas o acervo museológico, o fato da gente não ter um museólogo na instituição, a relação com esse acervo museológico, ela é muito complexa. A conservação desse acervo museológico é muito complexa. Novamente, veja o que dá para colocar...

Danieli – Sim.

Fernanda – Na sua dissertação [risos]. Como trabalhadora da instituição, você sabe o que eu estou falando. Tem a ciência, então assim, como a equipe do museu é quem está na ponta olhando para esse acervo museológico que está todo dia e reconhecemos os problemas de conservação no dia a dia, muitas vezes quem está agindo em prol da conservação é a equipe do museu e não a equipe do Acervo. E quando é reportado para a equipe do Acervo, é tratado como irrelevante. Porque o importante é a coleção de fotografias do Gaensly. O importante é a coleção de

clippings. Então, assim, a gente entra em uns entraves que são bem complicados. Você entendeu como é.

Danieli – Depois que não estiver gravando, eu falo de outra forma [risos].

Fernanda – [risos]

Danieli – Até relacionado a isso, eu ia perguntar das exposições, tanto a de longa como as temporárias, se elas foram ou são pensadas para atender esse público do entorno? Já que é perceptível assim, até mesmo agora conversando, que é muito mais na fala do educador, nessa mediação do que nas exposições, então só para entender isso, se essa minha percepção, se ela é real, se realmente há essa ausência com o entorno, e como que está no dia a dia... O que poderia, se essa minha percepção é real, o que poderia ser feito?

Vinicius – Não tenho certeza de como foi pensada a exposição exatamente. A exposição de longa, eu não sei, ela me parece, e acho que é um pouco real, que são como retalhos que foram modificados, que até nisso, com o público espontâneo, a gente tem essa dificuldade... A gente tem que completar essa exposição na fala ou fazer um percurso ali e sempre ir adaptando a fala. Com o público do entorno fica muito mais latente essas questões, apesar de ter algumas coisas que conseguem relacionar... Não, a maior parte, a gente não consegue relacionar, tanto mobiliário como vídeos. Os experimentos acho que a gente consegue trabalhar um pouco melhor, mas a parte mais fixa da exposição, mobiliários, vídeos e textos também não são pensados para o público do entorno, principalmente para pessoas em situação de rua, a gente não tem isso, mas a gente dá esse contorno para adaptar, sabe? A gente acha, como a Fer estava falando, pensando na exposição da sala do Espaço das águas, o Educativo trabalhando mais ativamente pensando que já tem essas deficiências em outros espaços do Museu, a gente conseguir pensar no espaço não do zero, mas pensar esse espaço um pouco mais nesse público. A gente tem esse público que não entra no Museu, mas a gente precisa de espaços que são de todo mundo. Então, eu vejo um pouco nesse sentido.

Danieli – Sim.

Fernanda – Tem uma questão, que isso não é privilégio só do Museu de São Paulo, ou melhor, desprivilegio, mas Itu e Salesópolis também carecem, que é ter clareza no sentido dessas unidades, sabe? Porque quando a gente pega o histórico das três

unidades, e das outras unidades também que já tivemos, é, elas tinham um objetivo. Então, Itu era trabalhar história, energia e cotidiano; Salesópolis tratava a geração de energia a partir da perspectiva ambiental e da relação com o rio, o Rio Tietê; São Paulo era essa transformação urbana; Jundiaí trabalhava a questão da energia a partir do viés mais industrial; a Corumbataí, a geração da energia mesmo, lá era tudo focado na geração e na Física. Ontem eu estava assistindo, participando da rede temática de Museus de Ciências, a gente teve um encontro e na fala do Aníbal, que foi a pessoa que trabalhou na curadoria, na primeira curadoria do Museu Catavento, e ele falou uma coisa que me marcou muito, que é o museu, não só museu, ele não gosta de usar o termo museu, ele chama tudo de centro cultural, centro de ciências e tal, ele fala assim que esses espaços, eles precisam fazer sentido, terem a sua identidade, a sua história, preservarem a sua identidade em toda a sua curadoria. Aqui em São Paulo a gente nunca teve uma preocupação curatorial, que pensou o Museu de ponta a ponta, assim como Salesópolis e assim como Itu, né. A única experiência que a gente teve em Itu de pensar a curadoria de ponta a ponta foi lá na exposição inaugural de 99, que era uma super exposição incrível, que, enfim, foi uma mudança gigantesca do que era a concepção de uma exposição no interior, mas que ela não foi pensada na sua manutenção. Então, à medida que as coisas iam quebrando, iam sendo tiradas, retiradas. Quando foi inaugurar o Museu de São Paulo deliberadamente foram retirados acervos em exposição em Itu, porque eram bonitos, e foram trazidos para cá. Eu estava lá, já era educadora na época, não... Foi em 2005, eu não estava na unidade, mas eu acessei documentos que estavam arquivados na unidade e falavam da retirada destes objetos. Então, assim, isso aconteceu posteriormente, mesmo quando eu já estava lá, quando fizeram uma exposição sobre o Bom Retiro aqui, a mesma coisa. A gente tinha uma máquina de costura que fazia parte da última sala, que é a sala das maquetes, que foi retirada, trazida para cá e nunca mais voltou. Isso aconteceu aqui em São Paulo. O projeto que a Expomus fez para a exposição de longa do Museu era um projeto incrível e ele trabalhava a transformação urbana de ponta a ponta e era, o projeto, ele oferecia uma experiência para o visitante. Que eu acho que isso é um ponto, de uma forma geral, das nossas exposições que é sair da ideia de simplesmente reproduzir informações do acervo e criar experiências, não ser

sustentado na voz do educador apenas. O educador não tem que estar lá para ser a professora do Snoopy, o tal do “blábláblá” na cabeça das pessoas, e trazendo as informações que não estão ali e sim sendo ponto de discussão sobre aquela exposição, sendo ponto de tensão entre a exposição e o visitante, de criar perguntas, de criar interações que sejam diferentes de somente produzir o que está faltando na parede, o que está faltando no objeto. Então eu acho que esta questão é que me pega, acho que falta pensar a exposição como experiência e não como linha do tempo. Odeio linha do tempo... [risos]

Danieli – Eu também! [risos] Basicamente, gente, eu fiz todas as perguntas para vocês. A única mais que eu coloquei, que eu acho que já veio muito na fala de vocês, que eram as diferenças de antes do Museu para agora, mas acho que vocês já trouxeram bastante coisa, não sei se vocês queriam...

Fernanda – Você diz antes da pandemia?

Danieli – É.

Fernanda – Da pandemia para agora?

Danieli – Isso. Ou até quando vocês chegaram, é que no caso do Vinicius, chega bem na pandemia, mas tem até a relação anterior, mas como o Museu era antes e como ele é agora, se vocês perceberam mudanças.

Vinicius – Acho que, não sei, mas do espaço eu não vejo um pouco mais dessa, de um novo Museu fisicamente. Antes, quando eu vinha, por exemplo, as ações que tinham com as entidades do entorno eram bem mais fortes, que a gente está tentando retomar agora, mas eu vejo isso. A Lu, por exemplo, acho que você vai falar com ela depois, eu via muito isso, ela tocando a milhão várias atividades quase todo o final de semana, todo mês tinha muita coisa aqui, que eu acho que me atraía isso como visitante ou aluno de História interessado em museus. Sempre tinha atividades e coisas que traziam o visitante para cá. O espaço estava cheio frequentemente, com diversas atividades. Podia ser uma semana de capacitação ou conversas nas áreas de museus e arquivos ou um show de hip-hop com a comunidade negra que trazia coisas ali. Então tinha coisa... Era bem diverso e tinha essa periodicidade, sabe? Era frequente e agora diminuiu muito e a gente, eu vejo como aqui dentro a dificuldade de fazer tudo isso com tanto público que tinha antes.

Eu vejo bastante isso. Mas, acho que, como espaço, nem tanto. Vou ficar devendo pela memória.

Fernanda – Eu, mas de memória como visitante de ver o espaço antes, como funcionária do interior, então eu me lembro da primeira exposição que eu visitei aqui em São Paulo que foi justamente a do Bom Retiro, de ver a minha máquina... A minha máquina de costura? Ótimo, né? [risos] A máquina de costura que eu usava muito na mediação aqui e sentir a lacuna lá de Itu, então... Mas enfim, brincadeiras à parte, mas eu vi que esse Museu sempre teve uma dificuldade de encontrar sua identidade. Isso, em 2005, eu não conheci quando abriu a primeira exposição. Acho que não teve uma primeira exposição, abriram só o Complexo e tudo mais. E rolou essa exposição do Bom Retiro, depois teve a Grafia da Luz, que essa exposição foi uma das exposições experiência que eu achei muito bonita e que existia o desejo de levar essa exposição para itinerar e nunca aconteceu, mas certamente é um tipo de produto que a gente pode recuperar e trabalhar isso em captação de recursos para itinerância, porque era uma exposição muito legal e ela vinha justamente com uma pegada de criar uma experiência para o público dentro desta exposição. Depois houve esse projeto de criar a exposição de longa, eu sei que foi um processo bem complexo. Teve envolvimento do Educativo na época, tanto que tinha um painel, acho que ainda tem na exposição, mas tinha um painel que falava sobre a ocupação, não sei se nas mudanças foi retirado, mas existia esse painel do movimento de moradia e tudo mais. Então era aquilo, você conseguia marcar esses tempos, essas camadas de história do Complexo sem desprivilegiar grupos, né. Isso foi algo que foi levado pelo Educativo da época. Eu me lembro que nós tínhamos reuniões exatamente nesta sala [sala de reuniões da Fundação Energia e Saneamento, no casarão anexo ao Museu], onde vinham coordenadores e educadores de cada uma das unidades e eu me lembro de várias discussões do Educativo de São Paulo batendo o pé de “vai ter que ter esse painel, porque as pessoas precisam saber porque esse prédio chegou no ponto de degradação”... Isso não é só da ocupação, isso veio de outros processos de ocupação do espaço e de abandono do espaço até ser ocupado. E, enfim, foi bem interessante. Só que isso de ouvir os Educativos. Mas a exposição, ela nunca foi completa, ela nunca foi montada de forma completa, então, como visitante, se eu percorrer essa exposição, eu não

consigo entender começo, meio e fim. Então, eu sei que tem uma exposição aqui hoje do Gaensly, quando eu termino a exposição do Gaensly eu caio, teoricamente, na primeira sala da exposição de longa, mas quando eu subo, se eu subir pelo elevador, eu já perdi o fluxo. Se eu subir pela escada, eu fico pensando para que lado eu vou. Eu volto uma casa, eu vou para frente, eu olho para cá... Então, eu acho que o fato da gente não ter uma coerência nesse percurso da exposição e não sei, talvez um código de cor que possa indicar para o visitante o percurso que ele está fazendo, se ele está fazendo o percurso histórico da casa ou da energia, enfim, faz essa diferença e o fato de que o grande trunfo da unidade de São Paulo que é a sua identidade, de trabalhar a transformação urbana, ela fica fechada na primeira sala. Ela começa e termina ali. Então, se a gente for parar para pensar, o Museu cumpre a sua identidade na primeira sala da exposição de longa e depois isso é perdido na exposição do piso superior. Começa a se olhar para a casa, que é a vocação do Museu de Itu, aí vai falar de geração que é a vocação do Museu de Salesópolis. Então parece que está tudo pela metade. Essa é a sensação que eu tenho, não sei você, Vini, na mediação.

Vinicius – É exatamente isso e a gente tem um período ali, eu acho que de 4 a 3 meses que a gente teve duas exposições temporárias, então a primeira e a última sala eram de exposições temporárias. A primeira, porque no primeiro piso são três, e lá em cima, na última sala. É bem difícil para os visitantes, a gente tinha que ficar falando de uma sala, tanto que a gente teve na de transformações climáticas, acho que teve mais na outra, na de...

Fernanda – Acessibilidade.

Vinicius – Acessibilidade. A pessoa chegava, olhava para mim, olhava para a exposição e pensava “mas a gente estava falando de energia ali, o que isso tem a ver com a outra?”. Tinha muito visitante que ficava na dúvida “mas por que a gente está falando disso agora?”, sabe? Mesmo a gente tentando explicar e tudo mais, dava uma travada no visitante, isso quando tem a mediação. Se o visitante está sozinho ali, não tem muito uma indicação clara ali. Como a Fer estava falando, do que é cada espaço, qual a linha de raciocínio realmente que a gente tem, eu acho que o visitante sozinho fica muito mais perdido do que com todo esse formato que o Museu está estruturado, entendeu?

Fernanda – Sim.

Vinicius – E eu acho que é uma exposição que não foi finalizada, com vários anexos que foram adicionando espaço, tirando espaço, e ela se perdeu. Então fica difícil.

Fernanda – Nós estamos sem a ficha técnica da exposição de longa até hoje. Isso saiu no período da gravação do “De volta aos 15” [série da Netflix gravada no casarão] e até hoje não voltou. Então são assim, coisas que acontecem e que, assim, eu me lembro na reabertura do Museu mesmo para julho, a maratona que a gente fez naquela semana para reabrir, para deixar tudo em ordem, mesmo assim, imagina, o acervo não tinha a limpeza dele desde 2015. Não se abria a vitrine para limpar. O que estava fora, a equipe fazia a limpeza periódica, mas o que estava dentro, não havia nenhum tipo de limpeza desde 2015. Então essas pequenas coisas é que vão tornando cada vez mais difícil tanto a conservação desse acervo quanto mesmo a fruição dele. Tinha uma coisa que eu ia comentar, ainda sobre essa questão da exposição de longa... Aí, gente, deu um branco agora... Enfim, vou tentar lembrar e depois eu te falo.

Danieli – Eu ia perguntar agora, na verdade veio isso na cabeça quando vocês falaram. Isso tem relação, essa exposição acabar parecendo vários recortes com a não retenção de equipe, dessa rotatividade grande da equipe, mesmo de coordenação? Que é o que o diferente, é o mais perceptível de diferente... É a principal diferença com as outras unidades. Que em Itu, você tem uma equipe que está há bastante tempo. Em Salesópolis também. São Paulo é uma equipe há menos tempo. É uma equipe que tem uma rotatividade muito grande.

Fernanda – Na verdade eu não atribuiria à equipe, à rotatividade da equipe, mas à ausência de recursos permanentes para revisão e manutenção das exposições. Isso para as três unidades. Porque Itu sofria da mesma coisa de que em São Paulo. Então, até 2014, 2015 mais ou menos, a gente tinha uma exposição de longa que tinha inaugurado em 99 e foi perdendo muito no meio do caminho. Tinha um jogo de luz no térreo, tinha um painel de estratigrafia, tinha Acervo Arqueológico exposto, então, assim, era uma outra exposição. Tinha um vídeo sobre o rio Tietê, enfim, era uma outra exposição. E aí a gente, em 2014, a Ana e eu enchemos o saco do pessoal da sede para fazer um Proac de modernização para a unidade de Itu. Hoje

eu faço um milhão de críticas a esse processo, porque a expografia ficou horrorosa, mas ela minimamente deu um sentido para o visitante. O visitante sabe onde começa e onde termina a exposição, que é claro que não existia antes para a gente. Então, para a medição... E foi uma coisa que eu briguei o tempo todo, porque a gente começava falando da iluminação, então era uma sala que a gente falava da iluminação sem energia elétrica, aí a gente ia para uma sala que falava da energia elétrica em si e todos os seus componentes e acessórios para a instalação, a gente caía numa sala com três maquetes de casinha de 1910, 30 e 50, para falar do boom da eletricidade. E depois a gente ia para uma sala do início do século XIX para falar da primeira moradora, da história do sobrado. E aquilo ficava absurdo! Do lado da sala de visitas da primeira moradora do sobrado, a gente tinha um quarto de banho [risos] e na sequência a cozinha, repleta de eletrodomésticos. Então, assim, enfim a incoerência, sabe? Era muito maluco fazer mediação naquela exposição de longa pensada em 99, né? E aí foi, de tanto a gente debater isso, a gente escreveu o projeto, fizemos toda a pesquisa, enfim, para repensar, inclusive incluir painéis textuais para dar liberdade para que o visitante faça esse percurso sozinho, porque antes não existia texto em nenhuma sala. Então o visitante entrava e saía e não sabia o nome da primeira moradora, não sabia o que era aquele espaço antes de ser museu. Se não fosse na voz do educador, nada, nenhuma informação era contemplada na visita. E como a gente tinha muitos objetos dentro da sala, tinha vitrines assim com uns 60 objetos expostos e não são grandes as vitrines de Itu, vocês conhecem. Você não conhece, mas você vai conhecer muito em breve. Chegou um ponto que eu olhava para aquilo e falava: “gente, está parecendo uma vitrine das Casas Bahia!”. Porque era aquele monte de objeto e muita repetição. A gente tinha um painel de relógio medidor e tinham relógios medidores exatamente iguais. Então, era bem divertido. Acho que isso faz parte, sabe?

Danieli – Faz parte da concepção?

Fernanda – Da forma de como os Museus foram concebidos. E eu acho que também, para a Fundação e para algumas pessoas, demorou-se a entender que a Museologia está mudando muito. Ela mudou muito nos últimos 30 anos, né? E se faz necessário a instituição acompanhar essa mudança. E acompanhar essa mudança não só no discurso, mas também na sua estrutura. Mudando as suas

exposições, tendo mais polifonia, enfim, isso é meio que urgente, né, quando a gente discute o que é ser um museu hoje.

Danieli – Vou agradecer vocês dois... Já tenho bastante coisa aqui!

Fernanda – [risos]

Danieli - E eu vou parar a gravação aqui.

Entrevista 02

Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite

Entrevistado: Henrique Davini Rocha

Data: 12/05/2022

Local: Remota (online, via Skype)

Duração: 44 minutos e 58 segundos

Danieli – Então, eu vou começar e pedir para você falar o seu nome completo e a época em que você trabalhou no Museu da Energia.

Henrique – Então o meu nome completo é Henrique Davini Rocha e eu trabalhei na Fundação Energia e Saneamento entre 2008 e 2014. Eu fiquei até fevereiro de 2014. Nesse meio tempo eu trabalhei em alguns projetos, mas o local que eu fiquei mais foi no Museu da Energia de São Paulo, onde eu entrei como estagiário, passei para educador e fiquei dois anos como coordenador do Museu.

Danieli – Pedir para você contar um pouquinho de como eram as suas atividades dentro mesmo do Museu da Energia de São Paulo.

Henrique – O Museu da Energia de São Paulo foi a minha primeira experiência direta com Educativo de museu. Eu já tinha trabalhado por um ano e meio, quase dois anos em dois projetos, um da Fundação Energia e Saneamento e outro em parceria com a Fundação Energia e Saneamento com a ACAM Portinari, mas que, basicamente, eram projetos que lidavam com acervo, né, com catalogação, arrolamento, tanto com a própria higienização de parte de acervos. E a minha primeira experiência com Educativo, ela foi no Museu da Energia. Eu entrei como estagiário, nos meus últimos anos da faculdade de História, e para mim foi bem significativo, foi bem bacana. Essa área para mim, quando eu comecei a fazer a

minha graduação, ela não existia assim, eu não tinha consciência de que eu poderia cair para esse lado. Apesar de ter feito a Licenciatura, também como uma garantia do curso de História, porque normalmente quem faz História vai para as escolas, já que a gente tem muito investimento em pesquisa, coisas nesse sentido, mas eu queria ser pesquisador, eu queria trabalhar com pesquisa. E aí um dia, nos corredores da faculdade, eu encontrei com uma colega e ela me falou que fazia estágio na Fundação e que estavam precisando e aí levou o meu currículo, logo depois eu fui chamado para trabalhar lá e foi o que abriu as portas de um mundo que até então eu desconhecia, achava completamente inacessível para quem era da área de História. Tanto que eu me apaixonei que estou até hoje! Eu entrei em 2007, que eu tinha 21 anos e hoje eu tenho 37 e continuo trabalhando na área da Museologia, de equipamentos culturais, na gestão de equipamentos culturais. E, para mim, o Museu da Energia de São Paulo e a Fundação Energia e Saneamento foi uma escola, foi onde eu aprendi sobre essa profissão, sobre esse mundo e foi ali que eu me apaixonei. O meu primeiro contato como educador foi muito bacana, porque eu tive o privilégio de aplicar os ensinamentos que eu tive, que eu estava adquirindo na Universidade, principalmente na área da Educação, da Licenciatura, na prática, de uma maneira um pouco diferente, porque era voltada para educação formal e no caso o museu lida com a educação não formal, com a rotatividade de grupos e assim por diante, o vínculo é bem menor, é completamente diferente do vínculo que você tem em uma educação formal, em uma escola principalmente, mas para mim foi muito importante, porque eu consegui desenvolver muito a minha dialética, a minha oratória, consegui aprender bastante, consegui envolver a minha pesquisa. Então eu focava muito apenas nos temas voltados para História, História Social principalmente, consegui dentro do Museu da Energia vincular História com Ciências, História com Física, História com uma série de outras áreas de conhecimento, o que me deu essa visão muito mais multidisciplinar e eu consegui também trabalhar com um pouco de História Aplicada, então trabalhando essa questão de História Social mesmo, até pelas questões que o bairro tem, né, porque o Museu da Energia está localizado ali nos Campos Elíseos, muito próximo da região que hoje é conhecida como “Cracolândia”, próximo a uma favela, que é a Favela do Moinho, que eu não sei se ainda existe, porque eu não moro em São

Paulo desde 2014, não estou atualizado, mas na época existia. Então é uma região com diversos problemas sociais e poder aplicar um pouco do nosso conhecimento ali para tentar ajudar a comunidade foi bem importante. Eu tenho muito como escola, eu tenho muito carinho pelo Museu da Energia, eu aprendi muito lá, foi onde eu pude me tornar profissional, até então acho que eu era muito amador, estava caindo de pára-quadras na área e ali eu me inspirei até para buscar conhecimento, especialização depois na área de gestão, porque eu comecei no Educativo, basicamente atendimento de público, atendimento de visitante espontâneo. Depois, como Educador, eu já comecei a fazer mais na questão de montagem de exposições, conceito de oficinas, desenvolver mais essa parte teórica e de conteúdo mesmo para as visitas e aí fui conhecendo um pouco do que é a área administrativa, que hoje é a área que eu mais gosto, é até a área que eu foquei nesse sentido. Então, apesar muito de estar com um grupo, de estar à frente do Educativo, o que me atrai é ter mais essa visão do geral, do todo, do projeto, do programa, da instituição em si. E isso foi muito graças ao que eu aprendi no Museu da Energia e na Fundação, assim eu agradeço todos os profissionais que tinham lá, que já tinham anos de carreira e que tiveram muita paciência comigo no começo, porque eu ainda estava bem cru, bem na coisa da Universidade, bem quadrado com a educação formal e tive meio que me reprogramar completamente só para aprender essas novas técnicas, esses novos métodos, que para mim era tudo uma novidade e que hoje eu sou apaixonado.

Danieli – Você falou de outros profissionais que você teve contato lá. Você pode falar? Você lembra dos nomes, quem estava na coordenação quando você começou, educador também, ou até se tinham outras funções além de educador?

Henrique – Tá, quando eu entrei, mas foi por um período mais curto, a coordenadora era a Mirela, eu não me lembro o sobrenome dela, mas era Mirela e o educador responsável era o Maurício. Eu era estagiário e eu não me lembro quem era a estagiária. Nós éramos em quatro, até então, a equipe. A Mirela ficou, se eu não me engano, uns 7 ou 8 meses ali depois que eu entrei e depois ela foi chamada para um... Acho que ela saiu da Fundação, se eu não me engano, foi trabalhar na Secretaria de Cultura, se eu não me engano, e quem entrou foi a Maria Paula, a Maria Paula Cruvinel, minha grande amiga também, com que eu tive todo o meu

período aí de sei lá, de 2009, 2010, a Maria Paula entrou e eu fiquei trabalhando em parceria com ela até 2014. Ela foi coordenadora de 2009 ou 10, não me lembro exatamente quando ela entrou, mas foi até o ano de 2012 e em 2012 ela subiu como uma coordenadora geral das unidades, ela virou uma coordenadora do acervo, do Núcleo de Documentação, que na época ainda era ali no Cambuci, e dos Museus, das unidades dos Museus e até das Usinas que estavam sendo adquiridas ou que estavam chegando na Fundação naquele momento, e o Museu da Energia acabou passando para a minha coordenação. A Superintendência naquele momento era da Mariana Rolim, a Marcia Pazin, se eu não me engano, era uma das coordenadoras também, de acervo e de arquivo, mas ela saiu nesse meio tempo, se eu não me engano, 2011, 2010, ela saiu da Fundação, e tinha a Bel [Isabel Félix] que cuidava mais da parte administrativa da documentação, assim como a Rita [Rita Martins] era responsável pelo jurídico. Se eu não me engano, hoje ela é a Superintendente ali na Fundação, né?

Danieli – Isso.

Henrique – Acho que a Mariana não está mais na Fundação. É isso?

Danieli – Isso, hoje é a Rita que é, o cargo deu uma mudada, não é mais Superintendência, é a mesma função, mas está com o nome de Diretoria Executiva e a Rita que está à frente. Depois da Mariana, foi a Rita e desde então ela que segue.

Henrique – Isso mesmo. E foram as pessoas que eu mais trabalhei. Acho que a pessoa que eu mais aprendi e foi a pessoa que eu mais aprendi dentro da Fundação é a Maria Paula, porque ela foi minha coordenadora por quatro anos ou três anos e meio, alguma coisa assim, a gente desenvolveu até uma relação de amizade fora do âmbito profissional, a gente é bem amigo até hoje, então foi muito bacana e por ela ser museóloga, ela me trouxe bastante conhecimento, ela que me inspirava a ler. No começo ela me emprestava as leituras dela, os livros que ela tinha, as xerox que ela tinha feito na graduação dela e foi através do incentivo dela que eu fui procurar uma especialização para adquirir conhecimentos que ali na prática eu não conseguiria, porque na prática você vai até certo ponto, vai aprendendo no dia a dia, no ritmo daquela instituição, isso eu aprendi muito, isso foi bem bacana, porque eu aprendi meio que fazendo as coisas e vendo as pessoas fazendo, de escrever projeto,

formular relatório, laudos e assim por diante, então tudo isso eu aprendi vendo a Maria Paula, a própria Mariana, a Marcia fazendo e depois eu fui aprendendo quando eu fui estudando mesmo, e fui adquirindo mais conhecimento acadêmico mesmo, dentro dessa área. Acho que foram as pessoas mais importantes com quem eu trabalhei. E uma outra pessoa que eu tenho bastante carinho, que também é um amigo hoje em dia, a gente tem uma relação pessoal, além do profissional, que é o Michael Argento, que foi coordenador depois de mim, inclusive eu indiquei ele depois que eu saí da Fundação. Ele foi contratado quando eu era o educador responsável, ele foi contratado para ser estagiário, ele ocupou inclusive o meu cargo, depois meio que a gente foi fazendo uma escadinha, quando eu subi para coordenador, ele subiu para educador, quando eu saí da Fundação, eu indiquei ele como coordenador e ele ficou um ou dois anos como coordenador. E é uma pessoa que eu aprendi muito também, apesar de hierarquicamente eu sempre estar acima dele dentro da instituição, ele é uma pessoa que me ajudou sempre nesse aspecto de construção de um Educativo. O Michael tem muito conhecimento em educação, em educação não formal, ele sabe muito, tem uma sensibilidade muito grande e é uma pessoa que, quando eu assumi a coordenação e a gente quis mudar algumas práticas, algumas rotinas referentes ao que vinha acontecendo na última coordenação, a gente quis adaptar para o nosso estilo mesmo, ele é uma pessoa que colaborou muito e me ajudou a construir. Mas eu tenho a plena consciência de que tudo que a gente fez ali, todo o trabalho que foi desenvolvido nesse período, em momento algum, por mais de ser coordenador eu tenha recebido alguns méritos de números, de atividades que foram aprovadas, eu tenho total consciência de que foi a equipe toda, não só o Michael, mas a Vivian, que era nossa estagiária, o Rafael, que era o nosso estagiário, o Denis que foi meu estagiário por um tempo. E todo esse pessoal, eles foram muito importantes para construir e consolidar mesmo essa noção de Educativo do museu que o Museu da Energia foi adquirindo com o tempo. É lógico que a gente já pegou trabalho consolidado, trabalho em andamento, a gente não trouxe nada do zero, mas a gente conseguiu dar uma continuidade para isso muito bacana, assim até em relação à comunidade, no bairro, em parcerias com o SESC que abriu posteriormente, se eu não me engano, abriu o SESC Bom Retiro

em 2011 ou 12, então logo estabeleceu umas parcerias bem legais com eles, então foi bem bacana assim.

Danieli – Vou perguntar para você justamente... Bem, acho que acabei te contando antes por mensagem, mas a minha pesquisa é justamente da relação do Museu da Energia com esse entorno, com o território, e você já começou a falar sobre isso nas suas respostas. Aí eu quero te perguntar justamente isso: na época que você atuou, como era isso, a relação com a comunidade, se tinha programas ou projetos do Museu relacionado a isso, como que era?

Henrique – Tinha. Assim, quando eu entrei como estagiário, a gente tinha um foco muito para atividades agendadas de escolas e instituições, principalmente de uma parceria com a FDE, que disponibilizava o ônibus e o transporte e, aí o Museu, dentro da parceria, era uma das opções para as escolas visitarem. Então a gente tinha o nosso carro chefe, vamos dizer assim, que dava os maiores números para a instituição eram essas visitas agendadas. A gente não tinha tanto público espontâneo assim, porque primeiro, e aí é minha opinião, analisando depois de um tempo ali, ele é um prédio muito imponente e muito bonito em um bairro com grandes problemas sociais onde a maioria dos prédios ali do entorno não são, não possuem essas características. São pouco preservados e que a maioria das pessoas que vivem ali é de uma classe social um pouco mais baixa, então ele se destacava como alguns outros prédios, como o Liceu Coração de Jesus, ali o colégio, depois o SESC, que virou, que é um prédio bem moderno. Mas ele se destacava, então a primeira impressão que as pessoas tinham, e o portão estava sempre entreaberto, nunca aberto completamente, então acho que a primeira impressão de que as pessoas tinham, e até eu tinha vindo de fora, é que é um lugar inacessível, que não era para a comunidade, era um local que não estava, era uma empresa, algum lugar muito fechado e que as pessoas do local não tinham esse acesso. Com a Mirela, a gente já... Eu já que havia uma preocupação, com a Mirela e com o Maurício, uma preocupação em trazer esse público do entorno para dentro do Museu. E eu lembro que tinha um projeto que até então que era teórico, que era o projeto da Experimentoteca, que até então era muito teórico e o objetivo era pegar uma das salas do Museu, ou até a casinha, aquele anexo que tinha do lado de fora, anexa ao Museu, e transformar em um espaço que a criação e demonstração de

experimentos e que as pessoas pudessem circular e utilizar esse espaço para educação e entretenimento dentro do espaço museal. E aí, mas ele estava muito cru ainda, muito no papel. E aí quando a Maria Paula assumiu, ela começou a trazer políticas e a tomar atitudes com o intuito justamente de fazer essas atividades e a essa relação com o entorno. Então foi com a Maria Paula que a gente conseguiu colocar em prática a primeira versão da Experimentoteca. A gente começou a desenvolver uma série de atividades de visita, de oficinas para público espontâneo e começou um trabalho de panfletagem no entorno mesmo, de convidar, de ir até ali, descer no Bom Retiro e se apresentar para os lojistas, os que trabalham ali o entorno, apresentando que aquele era um espaço aberto e que as pessoas, que elas poderiam frequentar. Eu lembro que em alguns pedidos foi a abertura total dos portões. Então ficava fechado só aquele portão que era a entrada do estacionamento, deixando o portão de pedestres entreaberto aberto totalmente, com umas placas de identificação dizendo que as pessoas iriam me esperar. E o primeiro movimento que teve foi as pessoas entrarem e ocuparem o jardim, porque é um jardim muito bonito ali do Museu, para conversar, descansar, comer alguma coisa, tomar um sorvete antes de voltar do horário de almoço. Esse foi o primeiro movimento. Aí depois, quando eu assumi de coordenador, com o Michael do meu lado, a gente começou a desenvolver uma série de parcerias com instituições ali do entorno para literalmente convidar o público para vir e participar das atividades do Museu. Primeiro com o SESC, a gente fez uma parceria bem bacana com o SESC onde eles traziam o público deles para uma oficina, alguma atividade, recreação no SESC, e aí eles tiravam uns 5 minutos para ir conhecer uma sala do Museu, conhecer um experimento do Museu ou às vezes ir para a própria Experimentoteca e fazer uma atividade prática ali com a gente uns 10 ou 15 minutos, porque o tempo deles era bem curtinho, e a gente começou a ver um movimento bem bacana, principalmente de crianças, que gostavam de ir lá no Museu, de ficar na Experimentoteca, do que ir para o SESC, do que ir para uma piscina, do que ir para a recreação do SESC, então foi bem bacana. A gente teve alguns problemas nesse primeiro momento, principalmente com a comunicação, porque o Museu tem algumas regras e ele necessita que essas obras sejam cumpridas dentro do seu espaço museológico, espaço expográfico que o SESC não tinha, que outras

instituições que aquelas crianças frequentavam não tinham, então, em um primeiro momento foi muito legal, as pessoas vieram, aí a gente começou a dizer muito não “não pode isso, não pode isso” e deu uma assustada, o público diminuiu, aí a gente viu que a gente precisava rever o discurso, ao invés de falar não, vamos educar o porquê disso ser importante, vamos ressignificar isso para essas pessoas. Então foi um momento que a gente começou a ressignificar isso para essas pessoas, a gente começou a conversar com a família e falar “cadê seu pai, sua mãe, sua irmã, sua avó, seu vizinho? Venham vocês aqui, fazer uma visita com vocês” e isso foi bacana. A gente sentiu que aquele ano, que foi 2012... 2013 já, foi 2013 que a gente teve um acolhimento muito grande da comunidade, com uma visitação bem bacana. Se eu não me engano, aquele ano foi o único que em números a gente teve uma maior porcentagem de visitantes espontâneos, não chegou a ser maior do que os visitantes agendados, como eu disse era o carro chefe, sempre foi, pelo menos no período em que eu estive, mas, sei lá, percentualmente era uma coisa assim 90 a 10 e com o crescimento do público espontâneo, chegou a 65 a 35, 70 a 30, os números. E seu eu não me engano, 2013 ou foi 2012, foi o primeiro ano que o Museu da Energia de São Paulo foi o museu da Rede com mais visitação, porque normalmente é Itu, que até um museu mais famoso na cidade como referência e o Museu acaba sendo mais escondido em um bairro com uma série de problemas sociais, então tinha uma série de dificuldades para trazer público espontâneo para o Museu da Energia. E as parcerias ajudaram muito... O Colégio é Jesus, Coração de Jesus?

Danieli – É o Liceu Coração de Jesus?

Henrique – É que aqui em Curitiba tem um que chama Bom Jesus, por isso estou confundindo. Com a própria Porto Seguro que é dona de metade do bairro, então com funcionários da Porto Seguro, então a gente fazia umas visitas curtas de 10, 15 minutos, porque eles tinham ali uma hora de almoço e em 40 minutos eles gastavam para fazer a refeição deles e mais uns 20 minutos. Então, foi bem legal, foi um período que a gente tinha muita comunicação, até com escolas do entorno. Tinha um colégio ali na Cleveland, perto da Estação Júlio Prestes. Mas eu lembro que a gente fez uma parceria com eles que os professores de Física, para as aulas do terceiro ano, eles iam para o Museu dar as aulas lá. Então nas aulas de Física os

alunos iam até o Museu e a aula acontecia dentro do Museu. Aquela sala no primeiro andar, onde fica o elevador, a gente preparava ela, colocava projetor e tudo e o professor dava aula de Física ali. Então eles ocupavam como espaço de conhecimento ali, mesmo não estando diretamente ligado à exposição que estava ali naquele momento, mas o espaço do Museu começou a ser usado por essa comunidade e depois tinha até alunos que iam para lá estudar, então eles iam lá no Museu e gostavam de ficar ali no quintal sentado, ouvindo música e estudando. Às vezes eles iam para a sala da Experimentoteca, que tinha uns pufes bem gostosos, bem confortáveis, e eles ficavam lá sentados e estudando, eram adolescentes que tinha outro turno de aulas em outras escolas e tinham que esperar o pai ou alguma coisa para voltar para casa e eles escolhiam o espaço do Museu para ficar, então isso foi bem bacana, foi bem educativo para gente.

Danieli – Onde era a sala da Experimentoteca? Era dentro do Museu?

Henrique – A primeira Experimentoteca, ela foi dentro do Museu. A gente tinha a exposição “Grafia da Luz” e aí aquela sala maior, onde fica o elevador no Museu da Energia, lá no primeiro andar, a gente usava aquela sala, o primeiro espaço que a gente utilizou. Até o Maça [Claudio Maçarico, técnico de Patrimônio] fez um poste que eram uns fios que a gente pendurava os trabalhos das crianças, elas até brincavam com aquela coisa “eu tenho um trabalho exposto no museu, quem pode hoje em dia ter um trabalho exposto no museu?”. Foi um dos projetos legais. A primeira ideia foi lá, depois, e aí vou ser sincero porque a minha memória não ajuda, talvez o Michael saiba dizer melhor, não sei se você pretende entrevistá-lo ou se você vai entrevistá-lo.

Danieli – Sim, eu vou entrevistá-lo.

Henrique – Ou se você já entrevistou ele?

Danieli – Não, ainda vou entrevistá-lo.

Henrique – Ela mudou para o anexo, mas o anexo tinha um problema que ele não tinha um banheiro, então eles não queriam usar em um primeiro momento, mas eu acho que por conta da exposição de longa, aquela sala foi usada, aí ela desceu para o anexo, e até onde eu sei, ela ficou ali. Não sei se ela parou de existir, se passou para outro espaço.

Danieli – No momento, ela parou de existir. Desde a reabertura do Museu, em 2018, ela não existe, mas eu não sei em que momento ela parou de existir. É uma coisa que estou tentando recuperar essa informação.

Henrique – Quando eu saí, em fevereiro de 14, ela existia. Eu só não consigo te lembrar exatamente agora se ela ainda estava ali na sala do primeiro andar. Porque, quando eu saí, a exposição de longa ainda não tinha começado, mas não lembro exatamente se ela já tinha passado para o anexo ou se continuava na sala do primeiro andar.

Danieli – Entendi. Eu vou ir atrás, porque o que você me falou, já me traz vários... Tentar recuperar fotos desse período, porque pelo que você falou, devia ser muito interessante. Teve muito resultado, isso é muito legal. Mas é isso, de dar luz para essa experiência. Você acabou, eu falei que eu tinha organizado um roteiro aqui de perguntas, mas você já acabou dando várias respostas ao longo das primeiras respostas, isso foi muito legal. Eu vou perguntar agora, que é até acabou virando a sua especialidade, de gestão, se tinham, durante o período trabalhou e pode ser até específico de você enquanto coordenador, se tiveram ações museológicas do Museu pensando nessas questões do entorno ou que acabaram puxando mais para isso?

Henrique – Mas você diz, como assim ações museológicas?

Danieli – Se tiveram ações mesmo de planejamento do Museu, de planejar ações, de planejar exposições pensando nesse público.

Henrique – Tá, exposição, não. A gente tinha a “Grafia da Luz” que já estava há algum tempo e a exposição “Memórias do casarão”, que estava no térreo, e elas se mantiveram por um tempo. Tinha bastante aquelas exposições temporárias, que eram até uma parceria com o pessoal do Metrô, ficava em alguns lugares do Metrô e depois que rodavam pelas estações do Metrô, elas iam para a parte que é o estacionamento coberto ali, que é bem colado com o casarão. Teve alguma sobre águas, alguma coisa das águas, eu não lembro bem o nome, teve uma sobre os primeiros lampiões da cidade de São Paulo, do começo da luz elétrica na cidade de São Paulo, que ficavam ali naquele espaço, mas nesse meio tempo uma exposição pensada para o público do entorno, não. O que aconteceu foi que nós modificamos a nossa mediação para o público do entorno, abordando temas que eram mais

significativos para o entorno do que a gente tratava antes. Porque a nossa mediação ela tinha muito mais o intuito de trabalhar a história do processo de construção da casa e explicar porque ela virou museu. Então a gente tentava assim, às vezes em um período bem curto, os grupos tinham em torno de 1h, uma 1h15 para fazer a visita dentro do Museu, a gente falava em 20 minutos, às vezes 15 minutos, a memória do casarão, mas era no intuito assim “esse aqui é o prédio, construído em tal período pelo Henrique Santos Dumont, aqui funcionou um colégio rapidamente, depois virou um museu”, dando pouca ênfase, principalmente, ao período em que o prédio ficou abandonado e virou um ponto pesado de tráfico e consumo de drogas da região, até porque existia uma preocupação em passar uma imagem mais limpa, vamos dizer assim, socialmente limpa do prédio do que explanar os problemas sociais e aí o que a gente começou a fazer foi modificar esse discurso. Em vez da “Memórias do casarão” ser uma exposição que falava da memória do casarão, a gente começou a falar das transformações do bairro, que a gente entendeu que era algo muito mais significativo. Então a gente foi atrás de como a favela do Moinho foi constituída, o que foi ali antes, quem morou ali primeiro, porque era daquela forma, porque o Bom Retiro é um bairro conhecido como da imigração, porque a região da Luz e Campos Elíseos era considerada dos barões do café e se transformou na região onde hoje a gente tem a “Cracolândia”, porque que a gente tem todos esses problemas sociais. E a gente lidava de uma maneira muito, não sei se seria a palavra, educativa, mas de uma maneira formal, trazer a realidade destas pessoas, principalmente das crianças que viviam ali, para dentro do Museu, para que elas se sentissem representadas. E aí o que aconteceu que ao invés da gente ficar 15, 20 minutos na “Memórias do casarão” e 40 minutos na outra exposição, que era mais técnica, de Física e de alguma coisa que tinha a ver com Ciências, a gente ficava 40 minutos ali e quase 20 dentro daquela sala maior, que mostrava o casarão no período em que ele ficou abandonado, no período da reforma, na verdade, que eram fotos do período da reforma, de como a Fundação pegou o casarão e como foi feito esse processo de reforma. A gente conseguiu fazer umas impressões também, aí a gente tinha uns A4 e A5 em uns papelõezinhos que a gente construiu e mostrava outras fotos e fazia quebra-cabeça. A gente chegou a fazer uns quebra-cabeças, a gente mesmo, do casarão antes, do casarão depois, de imagens que estão na

exposição. Então as crianças ficavam ali tentando montar o quebra-cabeça, tentando jogar o joguinho de palavras. Assim, eram atividades educativas simples, mas que tinham uma relevância muito significativa no nosso ver, porque traziam muito essa criança para dentro do Museu. “Pô, é minha casa que está ali no Museu. É a minha história, a minha realidade. Ele também é meu”. E a gente sentia isso, sabe? E para mim foi bem bacana em termos de aprendizado, até a minha primeira especialização que eu fiz é uma especialização na área de Gestão de Cultura e Patrimônio e o meu tema de TCC, e eu até escrevi uma dissertação sobre isso, é justamente o papel do Educativo na Nova Museologia, então o que o Educativo, que antes era visto muito mais como um souvenir de informações, um pot-pourri, um catado de informações históricas, pode contribuir para que socialmente as pessoas se sintam à vontade em um museu, que ainda é um espaço limitado, um espaço de pouco ocupação, as pessoas ainda não tem consciência de que é um espaço aberto e que elas podem consumir o que está ali dentro e se divertir com o que está ali dentro por conta própria assim, sabe? A gente tem que, a gente se voltou muito para essa questão de fazer essa comunidade se fazer representada dentro do espaço museológico e autônoma, então o nosso objetivo passou a desenvolver, tinha até uma brincadeira que acabou como um mini programa dentro nosso que é transformar o visitante, principalmente a criança e o adolescente, em um mediador, para daí quando ele trazia a família, trazia os amigos, a gente incentivava ele a mediar, ele passar na exposição com a família dele e a gente só ia complementando quando necessário. [pausa] O que eu estava falando era assim, quando a gente percebeu que a memória do casarão tinha um potencial para trazer o público para dentro do espaço museológico, para o espaço expositivo, para dentro do Museu, porém a partir do momento em que ela não falasse só da casa. A casa era uma coisa que estava muito longe. Apesar de estar dentro do bairro, ela não representava o bairro, pelo menos não naquele momento mais, ela representava quando ela foi construída. A gente deixou de focar na casa para focar no entorno, na história do Bom Retiro, dos Campos Elíseos, do crescimento da cidade de São Paulo, sabe? E até das comunidades que estavam ali no entorno. Isso fez com que as pessoas, principalmente as crianças e os adolescentes, quisessem vir conhecer mais e aí a gente bolou pistas educativas como pequenos jogos, jogos caça-palavra,

aquela brincadeira de caça ao tesouro dentro exposição, com peças que contavam um pouco da história dentro da exposição e eles tinha que ir respondendo questões para pegar as próximas pistas, isso era bem legal. E quando eles traziam a família ou amigos, o mediador da exposição eram eles. Então você vai lá e convida os seus pais para visitar o Museu, porque é um lugar que você vai sempre, quando você chegava lá, não era eu, era você que iria falar para os seus pais o que era aquela exposição, o que você sentia, o que você via, e a gente ficava em volta, claro, mas só para dar uma ajuda se precisasse, senão a gente não falava nada, era só “bom dia, boa tarde e boa noite” se a pessoa levava e isso era muito bacana, muito bacana. Foi nesse momento que a gente conseguiu transformar o espaço em algo muito mais social mesmo, mais inclusivo do que ele era antes, sabe? Então foi bem bacana. Claro que tivemos problemas como eu falei para você, teve algumas pessoas que não curtiram, que deram um trabalho para a gente, mas foi mínimo assim, sabe. Para o resultado que a gente teve, foi mínimo.

Danieli – Nossa, que legal! Agora eu já fiquei na cabeça porque que não continuou. Agora a pesquisa vai ser nisso, de tentar descobrir porque uma atividade tão legal, que teve um impacto tão legal, que teve resultados interessantes, por que não continuou? Isso agora eu vou, em minha pesquisa, já fiquei com esse alerta.

Henrique – Que bom! Que bom, porque para mim é a parte que mais importa. Até hoje eu trabalho assim na Caixa Cultural aqui de Curitiba e coordeno o Programa Educativo daqui. E a gente está em uma região também aqui que é bem no centro, que tem outros equipamentos culturais aqui perto também, mas é uma região mais tranquila, vamos dizer assim, com um pouco menos de problemas sociais e tal, porque estamos aqui em uma região mais nobre do centro de Curitiba, vamos dizer assim. Mas a gente volta às nossas atividades, a gente vincula as nossas atividades justamente para o público da periferia, o nosso objetivo é sempre trazer esses públicos das periferias e da Região Metropolitana de Curitiba, porque Curitiba inteiro é do tamanho de um bairro de São Paulo, de um bairro grande de São Paulo, fica mais fácil porque as distâncias são menores, para trazer esse público para dentro da Caixa. O que é bem complicado, bem difícil, porque aqui a gente ainda nem tem esse entorno, porque esse entorno das pessoas que vivem aqui perto é de uma classe social um pouco mais alta assim, é claro que você tem pessoas em situação

de rua, que a gente tenta de alguma forma também fazer parceria para que a gente consiga trazer elas para dentro do espaço, mas é bem menos e bem mais complicado do que se eles fossem moradores mesmo da região.

Danieli – Nossa, agradeço muito por você ter compartilhado esse ponto, porque é bem interessante, você trouxe uma perspectiva que ainda não tinha sido trazida, desse potencial de ter esse território. Isso é bem interessante...

Henrique – Sim, acho que o museu tem um potencial muito legal assim, a partir do momento que deixa de falar dele, que ele quer se mostrar como instituição, quando ele começa a trabalhar com o entorno, tem um monte de coisa, porque ele faz parte da história, o prédio faz parte da história do bairro, como ele sobreviveu ao passar dos anos e como ele se transformou no passar dos anos mostra muito como o bairro e como a cidade se transformou. É, então ele é um museu para falar de ciências, de conhecimento formal, de conhecimento intelectual, de construção de conhecimentos também, mas ele é um museu para falar dos problemas sociais de São Paulo, do Brasil, do entorno, dos Campos Elíseos, sabe? Ele representa muito isso. Se você quiser puxar para esse lado, para esse viés de falar do entorno e não falar de si mesmo, sabe?

Danieli – Sim. Sim, eu acho que, na verdade, a gente acaba pensando muito parecido. Eu estou pesquisando, a minha pesquisa é sobre a perspectiva da Sociomuseologia, então eu acredito que há potencial em você pensar nessa função social do museu e do impacto que ele tem, o que o território impacta no museu e o que o museu impacta no território. Que precisa falar dessas questões sociais. Eu sinto, é engraçado, de como são ciclos, né? Porque eu tenho uma perspectiva que era parecida de quando você chegou ao Museu, que é de querer fazer, de não contar essas questões que são delicadas, que é simplesmente negar e vamos falar de outras coisas, sendo que é a realidade, não foge disso. É justamente aí que está a diferença.

Henrique – Exatamente, a partir do momento que você mostra, que você fala que aquele prédio garboso, pomposo, construído por um dos melhores arquitetos da história de São Paulo para um dos caras que era barão de café de uma das famílias mais importantes da cidade, ou do Brasil, talvez mundo, pensando no Santos Dumont. E você tira essa pompa toda e fala “cara, mas é um casarão que já foi um

ponto extremamente perigoso de consumo e venda de drogas, e que passou, foi um cortiço, foi um colégio, um colégio onde... Um colégio feminino bem moderno até para época, onde as alunas podiam não usar meias dentro da escola, o que para época era muito para “frentez”, muito libertário para o feminino e lidava com as questões de machismo, não tinha como não falar disso, que são questões atuais ainda hoje em dia. É isso, o museu tem significado, para mim, ele significa alguma coisa para a sociedade a partir do momento que ele lida com os problemas e com as questões que aquela sociedade está vivendo naquele momento. Eu falo assim, o primeiro museu que eu fui na minha vida, acho que a maioria dos paulistanos, foi o Museu do Ipiranga, o Museu Paulista. E eu lembro que eu fui lá e para mim aquilo não fazia o menor sentido quando eu fui quando criança. Eu vi um monte de móvel da Família Real ali e falava “gente, que coisa chata, quero jogar bola, prefiro ir no Playcenter”, porque na minha época tinha o Playcenter, eu sou velho. “Prefiro ir no Playcenter, prefiro ir em outro lugar, prefiro o circo”, a gente tinha muita excursão para o circo, eu estudei em escola pública a vida toda, tinha muita excursão para circo próximo ali na região, sei que tinha circo pequenininho nos bairros, e para mim aquilo fazia muito mais sentido do que o museu. Porque aquilo não me representava, um móvel que dormiu Dom Pedro, a cama que dormiu a Princesa Isabel, sabe? Aquilo não dizia nada para mim. A partir do momento que eu comecei a estudar História, que eu fui crescendo, eu sempre gostei muito de Artes, eu sempre gostei muito de História, eu comecei a frequentar aos espaços, comecei a fazer esses links com que fazia sentido na minha vida, isso passou a ser um espaço muito agradável. Não só trabalho com museus como eu consumo museus sempre que possível. Então sempre que eu vou para São Paulo, eu passo um ou dois dias visitando museus, visitando exposições, reencontrando amigos, conversando, debatendo e aprendendo, sabe? Porque para mim isso é muito bacana, significa muito. E eu tento levar isso que eu sinto para os outros. O mais importante é isso, eu como coordenador penso nesse sentido, como gestor, eu penso nisso. Não faz sentido eu ter um espaço aqui que eu fale de alguma coisa que não dialogue com nada do meu entorno, com nada dos problemas sociais que a gente vive hoje em dia, em nada com as questões que a gente discute hoje em dia. Então, não tem

espaço para esse tipo de coisa, senão você fica com um espaço completamente exclusivo, se ele não for inclusivo, não faz nenhum sentido.

Danieli – Nossa, exatamente. Bem, tive todas, além das respostas que eu precisava. Muito obrigada, Henrique.

Entrevista 03

Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite

Entrevistado: Mirela Leite

Data: 13/05/2022

Local: Remota (online, via Skype)

Duração: 25 minutos e 31 segundos

Danieli – Então eu vou pedir para você começar falando o seu nome inteiro e o período em que você trabalhou no Museu da Energia de São Paulo.

Mirela – Meu nome é Mirela Leite de Araújo e trabalhei no Museu da Energia de 2008 a 2010.

Danieli – E sempre foi na coordenação?

Mirela – Sim, sempre foi na coordenação. Quando a Fundação me chamou, em um primeiro momento, era para trabalhar em um projeto em Rosana, de memória regional, mas foi muito rápido entre o período que eles me chamaram para trabalhar lá e o período para ficar em São Paulo foi coisa de um mês, então não tinha nem dado tempo de eu ir para lá efetivamente. Eu fiz algumas visitas em um período em Rosana, mas trabalhar mesmo, eu já peguei no Museu.

Danieli – E desse tempo que você trabalhou, você se lembra das atividades, como era o dia a dia?

Mirela – Sim.

Danieli – Pode contar um pouquinho como era?

Mirela – É, bom, faz tempo, então eu tenho que aqui ir organizando as memórias, né? Mas foi um período muito bom de trabalho, o Museu da Energia fica em um entorno muito rico de referências culturais e de população, além de ter uma temática muito interessante. No começo eu tive um pouco de dificuldade, não de dificuldade

com o Museu, mas com o acervo. Era um acervo ainda muito desconhecido para mim e assim, de uma certa medida, eu tinha um pouco de dificuldade de trabalhar com ferramentas e lâmpada e transformador... Aquilo para mim foi uma novidade e foi um desafio também. Mas também tinha uma equipe, o Museu sempre teve uma equipe muito boa. Então, quando eu entrei tinha uma educadora, que era a Luciana, excelente, e o apoio de toda a Rede, que na época a gente não se entendia como Rede, foi uma construção daquele momento, né, mas dos outros Museus da Energia e a gente teve uma proximidade e uma interação muito forte e muito importante. Foi inclusive uma interação que eu levei para a vida mesmo. Foi a primeira vez que eu trabalhei em rede. Embora a gente estivesse começando, isso para mim foi um aspecto do trabalho que eu carrego comigo até hoje, sabe? Então, para mim foi muito importante conhecer os outros Museus [da Energia], os profissionais, as realidades em cada cidade, enfim, foi bem interessante. E naquele momento, nesse período do Museu da Energia, ele tinha sido aberto há pouco tempo, eu não me lembro exatamente, mas talvez dois anos antes, que a coordenadora anterior era a Juliana, uma profissional excelente, inclusive, fez muitos trabalhos, deixou um legado mesmo, especialmente deixou tudo organizado. Quando eu cheguei, as coisas estavam todas separadas, o que precisava ser feito, aquilo que já tinha sido feito, aquilo que deveria ser feito e tal, estava tudo muito bem. E a Luciana, que era a educadora, tinha uma articulação muito forte com o entorno. Ela vinha nesse trabalho anterior. Então ela participou do grupo de pesquisa, era um grupo de pesquisa do Bom Retiro, junto com o IPHAN e outras instituições, o Museu da Língua Portuguesa, a Pinacoteca, o Memorial da Resistência, já existia... Tinha uma escola também, agora não lembro o nome da escola... Mas eram diversas instituições culturais e de educação que se reuniam em um mapeamento das referências culturais do bairro. A Luciana participava disso e a gente sempre debatia sobre isso, e sempre me chamou muito atenção dois aspectos do Museu, nesse sentido da sua relação com a comunidade. Primeiro, esse entorno, e assim, quando eu estou falando do entorno do museu, não é que as coisas estão em volta dele, mas do lugar de fala do museu, da onde ele vê essas pessoas. Então, essa relação com o entorno e a relação com o próprio passado, com a história do casarão e como ele era uma referência para as pessoas que viveram e que viviam ainda ali. Então

não só uma referência em um território urbano, mas uma referência afetiva mesmo. Então durante muito tempo, por exemplo, passavam pessoas na rua e falavam “eu morei aí nesse casarão, a minha família morou aqui. Eu lembro de acontecimentos, isso era e foi muito instigante. Então, assim, paralelamente à temática do Museu de história e das ciências, que precisava se desenvolver nesse sentido, sempre teve a sua relação com o entorno e com as pessoas que viviam ali.

Danieli – Você se lembra dessa época do perfil do público?

Mirela – O perfil do público que frequentava o Museu?

Danieli – Isso, que frequentava.

Mirela – A gente tinha um público escolar, o público principal. O Museu não tinha ainda um público muito grande, ele estava ainda novo, muito recente, então a gente não tinha um grande público, mas a gente tinha o público escolar, o público de especialistas e ex-funcionários do setor elétrico, de uma forma geral, e tinha algumas pessoas, alguns grupos não pessoas, grupos que faziam parte desse passado do Museu, então, de uma forma geral, do Colégio Stafford tinham algumas senhoras que vira e mexe estão lá e a gente fazia atividades com elas, e a gente sempre buscando relação com essas pessoas que ocuparam, mas essa não era uma relação acessível. E também existia um público, mas esse era bem menor naquele período, era uma questão inclusive para desenvolvimento de público, dos trabalhadores ali do entorno, especialmente, naquele momento eram os imigrantes bolivianos, sabe? Tinham bastante, mas eles tinham horários, os horários em que eles passavam, eram antes e depois do trabalho. Tinham esse perfil.

Danieli – E essa, você já começou a falar até na primeira, é bom que já adiantou, mas essa da relação mesmo do Museu com o entorno. Então funcionava assim por meio de parcerias? Como era? Pode contar um pouquinho mais?

Mirela – Isso mesmo, naquele momento funciona por meio de parcerias que eu, sinceramente, não me lembro agora o nome do grupo, era um grupo bem articulado e que tinha representação, tinham muitas representações, na verdade, eram pessoas e instituições de origens muito diferentes e a gente trabalhava mesmo uma ação em rede, então a gente indicava muito o trabalho um do outro, eventualmente fazia visitas casadas, então as pessoas iam ao Museu, a gente indicava o Memorial da Resistência, o Museu da Língua Portuguesa, enfim, os pontos de referência, a

gente trabalhava muito com a questão do patrimônio no território, então quais eram os pontos de referência. Naquele momento, o IPHAN estava fazendo o inventário de referências culturais, então todo mundo se apropriou deste conteúdo, tanto para produzir como nas suas visitas. E aí também existem outros... Assim, esses são os aspectos bem positivos, mas o Museu carregava, carrega até hoje, eu imagino, um legado de... Um legado que muitos museus carregam, de desocupação das famílias que ali viviam para a construção, para a consolidação de um museu. Então esse é um fator comum a vários museus que eu já trabalhei, o Museu da Energia não foi o primeiro, mas, olha, vou te dizer sinceramente, todos os museus que, estou aqui passando na minha mente, mas todos os museus que eu já trabalhei têm esse histórico, sabe? Então, por exemplo, o Museu Bispo do Rosário, no Rio, que antes funcionava como manicômio, aí depois isso foi mudando, esse público foi mudando, talvez o mais diferente. Mas o Museu da Energia passou por uma desocupação do seu espaço, que é uma desocupação traumática para quem vivia ali. O Museu de Arqueologia de Itaipu também, o Museu da Abolição aqui em Recife também. Os museus lidam com essa sua trajetória e também o trauma das pessoas que foram tiradas de seu ambiente, por mais que ele não seja o ambiente ideal, um ambiente de ocupação tem várias problemáticas envolvidas, mas é a casa das pessoas, né? É onde elas vivem. Acho que esse era o lado que era mais difícil de abordar, porque as pessoas... Porque é uma memória trauma e porque as pessoas criam uma certa resistência com o espaço do museu.

Danieli – Como, com essa dificuldade de ser mais traumático, como vocês faziam nas ações? Como elas eram feitas?

Mirela – Olha, a gente tinha... Com esse público específico, você está perguntando?

Danieli– Sim, esse específico, que era o mais delicado, pela questão do trauma.

Mirela – A gente buscava contato com eles e buscava fazer ações de registrar as memórias deles, cientes de que a gente não poderia reparar o espaço, não poderia ter uma reparação daquele ambiente que foi tirado deles, mas que a história deles tivesse dentro do Museu. Então a gente buscava ativamente os moradores ali... Existia uma metodologia para isso. Então, era assim: uma conversa longa com os vigilantes, os seguranças do Museu, porque eles são o primeiro contato do público com o Museu sempre na área externa. Então, sempre passava alguém e falava com

eles, e a gente falava “olha, quando passar alguém e falar ‘eu morava aí’ e tal”, fala para a pessoa deixar endereço para conversar e saber mais dessa história. Então, esse era o primeiro ponto. Depois, a gente procurava também alguns moradores para que contassem para a gente como foi essa trajetória. Enfim, é isso. Não foi um projeto que teve muita adesão naquele tempo, mas vou te dizer que foi pouco tempo. Não é uma coisa que se recupera tão rápido. Se o Museu deu continuidade a essa ação, hoje ele já deve ter outra... Estou aqui dizendo, mas eu não sei... Deveria ter mais relação com essas pessoas. A gente conseguia, por exemplo, uma presença muito mais forte com as ex estudantes de quando ele foi Colégio Stafford, que era bem mais antigo e a gente frequentemente reunia essas senhoras, era um colégio de mulheres, né, então a gente reunia essas senhoras para um café, um chá, e elas traziam memórias, elas traziam cadernos, fotografias, enfim, lembranças que elas tinham daquele período.

Danieli – Naquele período em que você atuou, já no entorno já havia a questão da “Cracolândia”, do que é conhecido popularmente como “Cracolândia”?

Mirela – Já. Mas era bem menor, bem menos intenso, então tinha menos gente, mas já existia sim. Existiam, eu vou te dizer assim do meu ponto de vista, três grandes problemas sociais ali daquele território: a “Cracolândia”, a imigração ilegal e conseqüentemente... Não a imigração pela imigração, mas as faltas de condições adequadas de trabalho e de vida dessas pessoas que iam para ali, para trabalhar naquelas confecções, e a prostituição, que de uma forma ou de outra, está ligada a esses contextos também. Então era uma rede de problemas que nesse grupo do território, a gente sempre buscava conversar e abordar, de forma propositiva, quais eram as opções possíveis para isso, sabe? Mas cientes de que é um problema estrutural mesmo, social e estrutural.

Danieli – Dessas questões sociais do bairro, havia uma preocupação no planejamento das atividades do Museu para atender também essas questões?

Mirela – Sim. Havia uma preocupação de trazer para a discussão essas questões, por outro lado havia também uma certa resistência por parte da gestão da Fundação, porque é um museu de História da Ciências por que a gente falaria de imigração boliviana? Então eu precisava fazer essa sensibilização, que também não é uma questão fácil de ser abordada e de ser compreendida por quem não está

envolvido com o papel social e político do museu. Então precisava ter uma sensibilização interna também. Porque, se por um lado existia uma resistência com essas temáticas, por outro também existia a possibilidade da gente fazer trabalhos com relação a isso. Não era que impedia a gente de executar as nossas ações, elas só precisavam ser muito justificadas e negociadas. Mas a gente conseguiu montar uma exposição que foi, para mim, uma das melhores exposições que a gente montou, que foi “Bom Retiro, uma costura de povos”, tratando exatamente de todas as camadas... De todas, não [risos]... De algumas camadas de imigração no bairro.

Danieli – Estou só anotando aqui o nome da exposição, mesmo estando gravado, porque sei que essa é bem importante. Então, as ações eram mais então ali mesmo do Museu, e não sei, mas enquanto Educativo, com essa relação com o entorno?

Mirela – Educativo e exposições.

Danieli – E exposição?

Mirela – Isso, era sempre esse caminho, né?

Danieli – E você chegou a ter contato depois que saiu da coordenação do Museu?

Mirela – Contato com quem?

Danieli – Na verdade, se você acompanhou o Museu em si e se acompanhou as ações?

Mirela – Olha, durante um período, não. Então eu saí em 2010 e eu fui para Brasília e tal e não tive mais contato. Mas, quando foi em 2018, se eu não me engano, a Fundação me chamou para colaborar com a elaboração do Plano Museológico e aí sim eu voltei a ter mais contato e foi excelente, inclusive. Não só... E aí foi muito legal, porque não foi só com o Museu de São Paulo, mas com a Rede e aí a Rede já estruturada. Mesmo passando por uma série de dificuldades, como o fechamento de algumas unidades museológicas, foi um momento muito interessante e bom mesmo e afetivo, sabe? De retomar contato com algumas pessoas, para mim foi excelente. Foram quase 10 anos sem ter contato com o que foi feito depois.

Danieli – E nessa oportunidade, já com o olhar do Plano Museológico, você percebeu se teve mudanças nessa relação com o território do Museu?

Mirela – Quando eu voltei, nesse segundo momento, o Museu estava sem coordenação, então eu acho que essa é uma questão. É um dificultador para as ações do Museu. Um outro fator que eu acho que é muito importante, é que a

“Cracolândia” cresceu muito e se tornou um problema muito maior. Uma condição, não um problema, uma condição do território que ganhou uma outra proporção... Foram muitas mudanças. Na verdade, quando eu voltei, eu percebi muitas coisas. A constituição de novos espaços culturais muito próximos, não tinha o SESC, que eu acho que já tem uma outra interação tanto com o território tanto com o Museu. Tem um Centro Cultural da Porto Seguro do lado, que também não tinha antes, e eu, de uma forma geral, assim, posso estar dando uma opinião enganada, mas acho que o Museu um pouco que interagiu menos com as instituições culturais do que a gente interagiu naquele momento, sabe? Então aquela rede de parceiros, me parece, me pareceu naquele momento, um pouco menos articulada. Sabe? Menos...

Danieli – Sim.

Mirela – Acho que é essa a mudança. Enfim, eu não sei te dizer como é que foi que o Museu caminhou na interação com outros grupos, não me parece muito significativa. Não sei dizer, porque mesmo na elaboração do Plano Museológico, não tinha uma coordenação, e logo em seguida entrou a Luciana, mas ela não tinha acabado de chegar, então eu não sei dizer o histórico, né?

Danieli – Sim.

Mirela – E um outro fator que eu acho que é importante é que a Fundação passou por uma mudança muito grande de profissionais, então a saída de muitos profissionais, embora tenham ficado pessoas chave, a Rita, as pessoas nos outros Museus também, a Simone, enfim, as meninas de Itu, mas a Fundação em si passou por uma mudança de estrutura profissional, então eu acho que isso também impacta nas atividades do Museu. É isso o Museu, no meu ponto de vista, não é uma estrutura que por si só executa ações, ele é reflexo da equipe que está nele. Então quem faz o Museu acontecer num direcionamento social, político e cultural, enfim, das múltiplas dimensões de um museu, quem faz ele acontecer é a equipe que está nele.

Danieli – E aqui eu já consegui fazer todas as perguntas, mas eu queria aproveitar desse seu olhar de profissional que passou por lá e já passou por tantas outras instituições, aproveitar esse seu olhar para perguntar na verdade se você vê potencialidades no Museu da Energia ali, de retomar esses contatos de instituições culturais e até de organizações sociais, se você vê esse potencial.

Mirela – Nossa, eu vejo muito, vejo muito. Acho que o Museu da Energia de São Paulo está em um território riquíssimo e não só ele tem essa potência, como precisa mesmo olhar para o lugar onde ele está e as condições que têm, sabe? Acho que ele tem total condição de se articular com grupos, movimentos socioculturais, com outras instituições e precisa. Acho que essa não é só uma questão, não é uma benevolência do Museu, é uma necessidade para que ele se mantenha e seja reconhecido naquele território. Sair de si mesmo, sair daquele tratamento do seu acervo, exclusivamente de tratar o seu acervo e a sua temática, mas compreender todas as suas dimensões. Todos os museus têm uma dimensão política, uma dimensão social, uma dimensão cultural. Então enfrentar essas dimensões e se colocar como um agente nesse espaço. Acho que ele tem sim toda a potência para isso e toda condição. E acho que isso é necessário em vários aspectos mesmo.

Danieli – Eu acredito no mesmo que você, justamente por isso eu estou estudando esse Museu.

Entrevista 04

Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite

Entrevistado: Maria Paula Cruvinel

Data: 13/05/2022

Local: Remota (online, via Skype)

Duração: 35 minutos e 48 segundos

Danieli – Então eu vou pedir para você falar o seu nome inteiro e que período você trabalhou no Museu da Energia de São Paulo.

Maria – Eu sou a Maria Paula Cruvinel, museóloga, eu trabalhei de setembro de 2010... Aí, assim, na coordenação do Museu, eu trabalhei, eu acho, até abril de 2012, se não me falha a memória. Aí, depois, de abril de 2012 até setembro de 2014, eu fui para uma coordenação da Rede de Museus. Porque aí, na verdade, como eu estava dando muito suporte às cinco unidades, às quatro além do Museu de São Paulo, na época a Mariana, que era a Superintendente, a gente conversou e aí eu falei para ela: “é mais fácil eu ajudar todo mundo do que aqui está ficando sem

eu conseguir ajudar tanto”. E a gente fez essa mudança, eu fui para uma Coordenação de Museologia, digamos assim. Então, no Museu de São Paulo efetivamente, foi esse período.

Danieli – E você ainda continuou nessa Coordenação de Museologia?

Maria – Sim, eu só mudei de prédio. [risos]

Danieli – [risos] Entendi. Então eu vou te perguntar desses dois momentos, começando pelo seu início, de como eram as suas atividades, como era o seu dia a dia ali.

Maria – Bom, eu cheguei em dezembro de 2010. O Museu estava já com algumas exposições, já estava bem estruturado, o Educativo estava formado, assim em uma rotina mais organizada, digamos. Então, além de manter essa parte, eu comecei a entender um pouco onde eu estava, o que acontecia ali, ainda não tinha a abertura do SESC, o SESC ainda estava sendo construído, porque isso aconteceu também quando eu estava lá e foi um grande divisor de águas também, né, para o entorno. É, nessa época, as visitas estavam muito pautadas com o programa “Cultura é currículo”, da FDE. A gente recebia uma demanda bem grande dessas visitas e ainda não existiam tantos projetos ali com o entorno do Museu. Tinha frequência, a gente sabia. Como o Museu era gratuito e um espaço aberto, sempre passava uma pessoa ou outra e tudo mais. A gente começou, nesse período, a tentar entender um pouco mais quem eram essas pessoas e a gente viu que tinha uma demanda muito grande das pessoas que estavam ali no entorno, principalmente das pessoas ali na favela do Moinho, que era ali no final da rua, na Cleveland. E a gente começou a buscar atividades e pensar em coisas especificamente para esse pessoal, então uma das coisas que a gente fez bem legal, que teve uma adesão grande foi uma sala interativa. Então a gente separou uma sala da parte de cima para poder fazer meio que uma brinquedoteca de ciência. E foi bem bacana, teve uma adesão muito grande dos meninos na época. Inclusive tenho uma passagem ótima de uma mãe que chegou e falou assim “Aqui é um museu?” e eu falei “É”, aí ela “O Flávio está aqui?”, eu falei “está, ele sempre está aqui”, “ah, eu vim conferir, porque eu achava muito esquisito que ele ficava falando que ia para o museu” [risos]. Que, para a mãe, estava assim “como assim esse menino está indo tanto no museu? O que tem de tão diferente nesse museu?” Porque não deve fazer parte da ideia dela de que ele

poderia falar que estava indo no parque, estava indo no SESC, fazia sentido, mas no museu, para ela, não devia fazer o menor sentido. Aí eu falei “Vamos lá, vamos conhecer” e aí eu fiz uma visita, foi super legal assim, porque teve realmente essa adesão dos meninos lá com o espaço. Então foi bem legal esse tratado com eles. É época, eu estava... Eu cheguei em São Paulo para poder trabalhar no Museu, né, então para mim era tudo muito novidade. Então eu me aproximei do pessoal do SISEM, a gente fez bastante reuniões do SISEM lá, cedeu espaço para curso, então foi importante também. Como, assim, a Pina, o Memorial da Resistência ficava um pouquinho mais longe, a gente não teve tanto contato com eles, mas sempre com o espaço aberto para as reuniões do entorno e do centro. E aí nesse período que eu fiquei lá na Coordenação do Museu, a gente conseguiu desenvolver alguns projetos e algumas exposições, sendo que teve a verba de um Proac que a gente conseguiu e aí teve uma exposição para falar da parte elétrica da cidade de São Paulo, então teve investimento em tecnologia bem legal nesse período. Então foi uma exposição que ficou bastante tempo, foi bem bacana assim. A gente conseguiu bastante equipamento de ciências também, comprou alguns materiais interativos, que foram tanto para essa sala como para outras exposições. A gente fez, acho que foi uma sobre o uso doméstico e trouxe bastante coisa de Itu também, teve algumas ações interessantes. E a gente recebeu, mas não foi muito, alguns ex moradores que passavam e acabavam conversando, porque né, como lá foi a residência da ocupação, então a gente... Mas foi pouca gente, mas conseguimos, assim, trocar um pouco. Ninguém quis dar entrevista, que a gente queria fazer muito, mas ninguém queria. Acho que não fica muito convidativo às vezes, mas aí sempre foi uma coisa que eu fiquei, ficava com uma pulga, do como que a gente traz essas pessoas para poder dar um relato e a gente deixar como registro, mas no meu período eu não consegui sanar essa questão, mas ainda fico com essa pergunta: “Como a gente pode trazer essas pessoas para interagir mais dentro do espaço museal”. É, acho que foi isso. Estou pensando se aconteceu mais coisa...

Danieli – Você falou do perfil do público, que tinha muito o escolar e as crianças do Moinho?

Maria – Isso! A grande maioria era esse pessoal, que era mais frequente, e o atendimento das escolas via o “Cultura é currículo” e com as crianças ali do Moinho, que eles ficavam bastante tempo lá conosco.

Danieli – E era espontâneo, dessas crianças?

Maria – Totalmente.

Danieli – Eles só usavam...

Maria – Assim, como a gente começou a deixar esses espaços para eles, teve essa interação, né. Tanto que eu falei dessa história que teve da mãe que foi lá perguntar do filho porque ela não estava entendendo porque que ele estava indo tanto para o Museu, era isso, porque eles encontraram um lugar onde eles podiam ficar, brincar, eles brincavam de pique-esconde lá na parte do pátio, na parte externa, então aí eles iam lá, a gente deixava material. Teve uma vez que eles fizeram teatro de sombras, que a gente deixou um pedaço, e ficaram a tarde inteira lá, e no final do dia “a gente vai apresentar” e a gente ia lá assistir. Então, tinha bastante interação desse pessoal ali.

Danieli – Legal. E aí tinha, em todo o período que você ficou na Fundação, ainda tinha essa interação?

Maria – Sim. Sim. Depois, quando eu passei, eu troquei de prédio e fui para o prédio da frente, quando eu fui trabalhar nessa parte de organização museológica mesmo efetivamente, o Henrique assumiu a Coordenação, eu que indiquei e foi bem aceito, o que foi muito bom também, e foi muito legal, porque eu falo que o Henrique já tinha uma outra visão. Que ele entrou como estagiário, foi Educador, começou a coordenar lá o Educativo depois teve a possibilidade de coordenar o Museu. Foi muito bom, porque eu vi esse crescimento dele bem interessante assim, de ver as propostas, porque a gente conseguiu seguir uma linha, tinha o mesmo pensamento, então foi bem bacana. E aí quando eu fui para a Coordenação da Rede, foi uma coisa bem expressiva, porque, primeiro que eu consegui atender todo mundo com muitas demandas, que sempre acaba tendo e eu conseguir fazer muita troca também. Nos primeiros dois meses, eu fui para todas as unidades, fiquei alguns dias, combinei com a Mariana isso, então eu fui ver o dia a dia deles, fazer algumas sugestões, a gente foi fazer algumas adaptações também em alguns lugares. Dinheiro a gente nunca tem muito, mas a gente conseguiu fazer umas adaptações

bem interessantes para facilitar o trabalho. Lá em Itu mudou a sala, a gente fez uma proposta de sair algumas coisas assim do convencional e colocar um circuito diferente. E aí o mais legal foi que a gente conseguiu atender mais público, né. Então a gente, eu não vou lembrar de cabeça os números exatos, provavelmente vocês tem esses registros aí, eu lembro que a gente passou da Rede atender em torno de 15 a 20 mil por ano para a gente atender 100, foi um aumento muito significativo assim, justamente por todas essas questões surgiu, lá em Itu, por exemplo, surgiu o pessoal fazendo a interação ali no Beco que tinha ali do lado do Museu, que teve a programação de rua, eu acho que isso acontece até hoje, então foi mais ou menos nessa também que a gente foi incentivando e vendo a abertura desses espaços, montou exposição lá também, então... Em Salesópolis a gente conseguiu muita coisa também ali com a prefeitura, a gente montou uma exposição também fora do núcleo do Museu, nas feiras que tinha. Então eu lembro bem disso, que foi muito significativo a gente ter conseguido um aumento exponencial de visitação da Rede nesse período. Eu não lembro de cabeça os números, mas eu lembro que era assim, que a gente quase triplicou a visitação nesse período, acho que até um pouco mais.

Danieli – Nossa, que legal.

Maria – Foi bem bacana. E todo mundo comprava as minhas ideias doidas, sabe?
[risos]

Danieli – [risos]

Maria – Eu achava o máximo isso! [risos] Que eu chegava lá e “Ana, vamos tirar a sala dourada”, “meu Deus, socorro!”, mas todo mundo topava. [risos]

Danieli – [risos] É bom, né? Dessa essa movimentação.

Maria – É, porque eu fico falando assim, ainda mais de um prédio histórico, onde as pessoas têm, ainda mais em Itu, têm uma carga enorme ali dentro, “não, vamos mudar, fazer as coisas diferente, vamos montar de outra forma, tentar...”. Porque é isso, né, você movimenta. Porque, assim, fica sempre... Não, é legal... Eu brinco e falou que sempre é o desafio de onde eu trabalho, porque eu sempre trabalho em casa-museu! [risos] O meu karma museológico são casas-museu. Um karma ótimo, diga-se de passagem. [risos] Não é uma reclamação, é uma constatação. Essa ideia de movimento para mim, sempre foi um desafio, porque, assim, está sempre desse

jeito, que é o prédio você não muda, arquitetonicamente, dificilmente, os espaços onde você pode colocar é que as coisas acontecem com tanta leveza, porque aí você propõe tirar um núcleo daqui e pôr para cá ou repense esse ou repensa a expografia, isso é o que a gente pode dinamizar na vida museal, então... Um adendo, eu falo que eu gosto tanto desse negócio que o meu chefe agora, eu trabalho na Ema Klabin agora, eu estou na Casa Museu Ema Klabin, que o meu chefe gostou tanto que agora vai fazer 2 anos que eu estou lá e o nome da próxima exposição é “Reviravolta” [risos].

Danieli – [risos]

Maria – Olha, para mim já tem que começar melhor do que isso! [risos]

Danieli – Olha, cabe bem o nome [risos]. Muito bom. Eu vou só... Várias coisas legais... Vou voltar só para... Você já falou bastante da relação do MESP com as crianças, com tudo... Havia já nessa época ali a região da “Cracolândia”? Já era uma questão também do Museu?

Maria – Sim. A gente, enquanto eu estava lá, a gente teve dois episódios que foram bem difíceis, no sentido do acontecimento, não de lidar com a situação. A favela do Moinho pegou fogo e aí foi uma tristeza assim, e as crianças chegaram lá tudo... Assim, o Museu foi um lugar de acolhimento nesse momento, a gente abriu porta para tudo. De chegar assim com fuligem mesmo, sabe? Nossa, foi assim, meu Deus, uma grande comoção mesmo. Foi bem difícil esse episódio e a gente tentou acolher da melhor forma possível, eu deixei e “quem precisar ficar aqui no Museu, pode ficar”. O suporte que a gente conseguia dar no momento. E, ali na Nothmann, chegando quase na Rio Branco, tinha um prédio ali também que tinha um pessoal na ocupação e também teve lá uma ação super truculenta da polícia. Ou outro negócio assim... Eu lembro de estar chegando assim e vendo o povo de cima jogando as coisas das pessoas lá de cima. Foi, assim, socorro, foi horrível esse momento. Aí, também, a gente foi lá e tentou ajudar na maneira possível, não tinha muito o que fazer. Algumas pessoas foram e usaram o espaço do Museu, pelo menos naquele dia, de deixar algumas coisas ali no... Não sei nem se está assim, mas tinha ali aquele espaço, a coberta que era da garagenzinha?

Danieli – Sim, ainda tem lá.

Maria – A gente deixou o espaço livre ali para o pessoal. Então foram dois acontecimentos que foram mais pesados. Da “Cracolândia” em si, assim, não chegava tanto lá para gente. Como a gente está um pouco mais afastado, teve uns dois ou três episódios que eu me lembre assim, que uma das vezes só foi uma pessoa que sentou lá e começou a puxar cachimbo e tudo e a gente chegou e falou “olha, aqui não pode” e tudo mais, mas o máximo que tinha, às vezes ia um pessoal que ia e deitava ali, ficava deitado nos bancos. Era mais isso, não tinha um contato direto específico com o pessoal assim, de entrar no Museu ou qualquer coisa de violência, enfim, não, não teve em momento nenhum enquanto eu estive lá, não aconteceu nada desse tipo.

Danieli – Sim. E você já contou um pouco e vou pedir para você contar um pouco mais da relação do Museu, quando você estava lá, com as outras instituições, outras instituições culturais ou até com outras organizações sociais.

Maria – É, assim, quando eu estive na coordenação, a gente fez mais contato com o SISEM especificamente. Então, como eu estava ali na Regional, que eu estava coordenando o Museu e, como eu te falei, eu tinha chegado em São Paulo também, estava entendendo como funcionava, como as coisas tinham... Então a nossa troca foi mais de cessão de espaço do que, efetivamente, algum tipo de parceria ou ação conjunta. Porque esses museus são muito grandes, então a demanda... Grande que eu falo é assim, literalmente também, porque se você pegar o espaço físico da Pinacoteca, o Museu da Energia, né? Então, assim, não tem nem comparação. Isso tudo acaba também que influencia nas trocas. Eles tinham ali tantas demandas de tantos... E também pela questão do Parque da Luz ali. Eu lembro deles terem... Mas alguns projetos a gente até chegou a ver, porque eles tinham um pessoal principalmente com as pessoas que ficavam ali no Parque especificamente. A gente foi entendendo que era uma relação interessante de apropriação também, dessa fora do arquitetônico, né, nesse espaço verde, que para eles era o Parque inteiro e para a gente é só o jardim, mas dava acesso. É mais nisso. E com a chegada do SESC, deu uma melhoria um pouco, a gente acabou fazendo, por exemplo, o SESC fez uma corrida na inauguração, assim de rua, e o Museu foi base lá, então abriu os portões, colocou o espaço, montaram tenda e tudo mais. Então, foi... E fechou rua e tudo mais, então foi um espaço bem integrativo nessa questão. Mas

também é difícil, porque é o SESC, então eles têm uma demanda enorme de programação, que tem um monte de coisa. Eu lembro na época que a gente ficou falando com os meninos que estavam super empolgados com o negócio do SESC “Vamos fazer o Museu da Energia Futebol Clube!” e os meninos ficaram super empolgados, mas aí tinha uma demanda de ter que conversar com o pessoal, abrir o espaço e ter tudo, que acabou que eles estavam super no comecinho também e foi uma coisa que ficou no projeto, mas acabou não evoluindo tanto. Então, o que a gente conseguia mais de troca ali com eles era isso, espaço, literalmente. Quando precisava fazer alguma ação conjunta na rua ou coisas do tipo, a gente acabava auxiliando. Mas era bem mais isso do que uma troca mais efetiva, assim de... Eu gostaria muito se tivesse troca de treinamento, troca de experiências, mas, na época, não, realmente não aconteceu.

Danieli – Das questões sociais ali do bairro, do entorno, elas impactavam de alguma maneira no planejamento das atividades?

Maria – Sim, com certeza. Porque, assim, acho que o fundamental dali onde a gente está é a gente não esquecer de onde a gente está, mas também a gente não deixar esse lugar que a gente está ser só o que vai gerir todas as nossas ações, né. Então, a gente quer integrar... A ideia era essa. Integrar a comunidade do entorno, mas a partir da perspectiva de planejamento dentro de um museu de ciência, tecnologia e história. Porque lá também tem a história do bairro, está super presente. Quantas pessoas vão lá 50 mil vezes para saber onde está o avião do Santos Dumont e a gente tem que explicar que o avião não está lá, que ele nunca esteve. E faz parte, né? Mas falar que tem uma questão arquitetônica importantíssima do Ramos de Azevedo, tem a recuperação do prédio, que foi outro projeto enorme, que a gente também deixou em uma parte expositiva também. Mas entender isso, como eu falei, essas crianças estavam lá, que são da favela do Moinho, que estavam no entorno, a se apropriarem do Museu a ponto de estarem lá um tempo importante do dia deles, é, sim, e aí a gente pensa “vamos fazer atividades”. A gente fez caça ao tesouro... Então, assim, quando a gente faz uma programação, que a gente sabe que o nosso público é esse e que ele está lá, com certeza a gente está pensando já nessas pessoas. E era uma ação integrativa; quem estava no SESC, podia atravessar a rua e o filho podia participar tanto quanto essas crianças que já estavam lá. Então era, o

que eu falei, era um norteador, mas não era uma coisa assim, taxativa, digamos. Mas sim, a gente pensava bastante nessa ideia. Porque, na verdade, de toda a comunidade do entorno, as crianças foram as que se apropriaram do Museu naquele momento. Então a gente tinha que pensar em programações mais voltadas para elas mesmo, porque um levava o outro que levava o outro que levava o outro e, assim, apropriação no sentido deles chegarem e falarem “tia, a gente pode te ajudar a fechar o Museu?”, então, assim “vocês têm que cuidar, isso aqui é para vocês” e eles terem esse cuidado, de fazer visita “assim, se você quer saber, deixa eu te contar uma história”. Então foi muito legal isso e aí ficou muito específico para esse público nesse período, né?

Danieli – Como que era essa sala que tinha para eles?

Maria – Lá no casarão na parte de cima... A minha memória não está das melhores, mas vamos lá. Na hora que a gente terminava de subir aqui a escada, tinha aqui para o lado esquerdo uma sala menor, depois umas salas, e aqui no canto tinha até uma parte de vidros assim, né? Que é aquela sala maior? A gente usou aquela sala.

Danieli – A maior?

Maria – Isso! Sai o elevador.

Danieli – Sim.

Maria – Então a gente tinha umas mesas de cavalete e tampos assim grandes, umas duas mesas, a gente tinha um mobiliário e aí a gente deixou livro, gibi... E aí tinha, a gente conseguiu um lote desses brinquedos científicos, então tinha um negocinho de 3D que põe porquinho e você tentava pegar, tinha aquelas bolas de raio lá, que eu esqueci o nome, tinha jogo também, uns joguinhos que tinha... A gente comprou uns tatames, colocou uns pufes. Aí tinha TV, a gente passava alguns filmes sempre e tinha isso também, que passava um filme que relacionava ou a museu ou a patrimônio ou com a ciência, então a gente tentava, por exemplo, na semana das crianças, se não me falha a memória, a gente passou o Toy Story, o 2 ou 3, eu não me lembro... O que os brinquedos têm que ir para o museu e eles não querem ir para o museu?

Danieli – É o 2.

Maria – E a gente foi falar justamente do processo de musealização com eles falando “nossa, e o brinquedo, será que ele vai para o museu?” e eu lembro de um

“nossa, é muito legal, igual aqui!”, e o outro “não, imagina, ficar lá trancado o dia inteiro sem fazer nada”. Então a gente trouxe essas ideias. A gente trouxe uma TV lá também, aí dava para passar esse material. A gente fez algumas oficinas que a gente fez com sucata, com materiais acessíveis e coisas do tipo. Então, ficou... E esse espaço que ficou bastante tempo, acho que ficou pelo menos uns dois ou três anos assim. Do período que eu estava até o período que o Henrique ficou também mais um tempo.

Danieli – É, ele comentou isso e aí ele não lembrava direito em que momento que tinha ido para a Casinha.

Maria – É, deve ter sido depois, eu acho, porque eu não lembro de estar lá e ter ido para a Casinha, eu não lembro, na verdade.

Danieli – É que ele falou dessa experiência, o quanto que foi interessante. Isso também foi marcante na fala dele, quando ele era Educador já...

Maria – Sim.

Danieli – E você era Coordenadora, esse momento que os dois estavam lá.

Maria – Sim.

Danieli – E então, quando você estava lá, ainda existia. É uma coisa saber porque não existe mais esse formato.

Maria – É muito triste saber. Na verdade, faz tanto tempo que não vou lá, preciso até passar lá para falar um “oi”, ver como as coisas estão.

Danieli – Não tem mais esse espaço, tem... Ficou o nome, né, de Experimentoteca, não sei se já era esse o nome...

Maria – Era esse! Eu não lembrava desse nome, mas era esse!

Danieli – Ficou esse nome para algumas oficinas que acontecem com experimentos e acontecem algumas vezes por mês dentro da programação, mas não tem mais um espaço físico dentro do museu ou mesmo que fosse no anexo, na Casinha, não tem mais. Eu não sei desde quando, isso eu preciso buscar também na minha pesquisa. Esse é um outro ponto que tenho que evoluir. Eu acho só que, das minhas perguntas, a gente acabou passando por tudo. Só que você falou de exposição que aconteceu que foi legal nesse momento, e elas foram também pensando nisso, nesse público que estava indo ao Museu.

Maria – É, as exposições, eu não vou lembrar de cabeça todas as que a gente fez, mas eu lembro que a gente fez, logo que eu cheguei, a gente fez uma que tinha umas fotos muito bonitas de ampliação de redes de distribuição da cidade e a gente colocou como objeto decorativo, literalmente, os... Como chama aquilo? De louça, que fica empilhadinho? Gente, não lembro nem o nome do negócio. Mas era um negócio...

Danieli – Resistência?

Maria – É, como se fosse resistência. Ficou super bonito, foi uma coisa meio diferente, como se fosse um objeto artístico mesmo, sabe? Como se fosse uma coisa diferente para essa parte, que está no cotidiano urbano, né? A gente fez umas impressões na parede... Eu me lembro dessa exposição. Aí teve uma outra com usos domésticos, que a gente trouxe umas coisas lá de Itu. Aí veio geladeira, acho que umas máquinas, coisas de uso doméstico mesmo... Estou tentando me lembrar, mas não lembro de cabeça. E quando eu saí da coordenação, era essa outra, que teve um investimento um pouco maior, que tinha umas mesas digitais, que foi super legal, que tinha a parte contando da distribuição de energia pela cidade e como foi o crescimento dela nesse período. Aí tinha essa parte... A gente trouxe o poste que estava, o modelo do poste, que estava... Onde ele estava? Não lembro onde ele estava. A gente trouxe ele lá para o Museu. Colocou no centro da sala, ficou bem bonito. Tinha umas outras luminárias, inclusive uma criança quebrou a luminária... [risos] Uma dessas pessoas... Assim, é normal, acontece. A nossa preocupação era mais, obviamente, se ninguém machucou, se não machucou, a gente ia. A gente trouxe umas coisas de Rio Claro, porque tem lá a Reserva Técnica que ficava as coisas maiores lá, então a gente trouxe umas coisas de lá também. E aí no final a gente falava da história da casa também. Sempre ficava ali naquela última partezinha, eu não sei se o bebedouro fica ali, que também dá acesso ao elevador...

Danieli – Sim.

Maria – De azulejo hidráulico, então ali falava um pouco mais da situação da casa assim, de contar os períodos – o Henrique, o Colégio, o Stafford, depois o período que ficou sem ninguém, a ocupação e depois a chegada ao Museu. Então isso também estava, porque era uma coisa que a gente estava, por mais que a gente

tenha a vocação de ciência e tecnologia, essa parte de história da cidade, não tem como, então isso sempre estava, de alguma forma, contemplado na exposição.

Danieli – Sim. Nossa, bem legal. Olha, aqui, você já me trouxe mais ainda do que eu esperava.

Maria – [risos] Ai que bom, fico feliz.

Danieli – Sim, já me deu vários indicativos para pensar. Mas, só quero confirmar com você, você entrou na coordenação depois Mirela, isso?

Maria – Isso, depois da Mirela. Isso...

Danieli – Aí depois veio o Henrique?

Maria – A Mirela saiu e... Eu fiz faculdade no mesmo período do que ela e a gente morou juntas na faculdade. E aí, quando ela foi sair, ela “ah, eu queria te indicar” e eu “olha, vamos embora”. E eu já estava vislumbrando sair do Rio e vir para São Paulo... Ir para São Paulo, estou em Minas agora [risos]. E aí deu certo, eu já estava afim mesmo e falei “vamos, vai! Acho que vai ser uma coisa importante”. E aí fui e me apaixonei por São Paulo, inclusive, que estou lá até hoje. [risos] Gosto demais dessa muvuca paulistana, tenho uma identidade enorme com a cidade e, não sei, só gosto muito. E tenho um carinho enorme pelo Museu, porque foi lá onde eu... Porque, quando eu saí da faculdade, eu não fui trabalhar em museu, eu fui trabalhar com artista plástico, então a minha relação com a Museologia foi outra. E aí lá foi onde eu, efetivamente, lá foi o primeiro lugar que eu fui trabalhar com uma responsabilidade maior e que eu podia aplicar a Museologia efetivamente ali. E fui muito legal, assim, foi o que eu falei, eu cheguei com essas ideias doidas e todo mundo gostou das ideias bobas [risos], compraram, e foi muito bacana. Assim, tinha uma integração muito boa das equipes das unidades, porque, a Simone e a Ana continuavam, eu cheguei lá em Rio Claro e estava o Donizete, mas acabou mudando mais algumas vezes, e em Jundiaí, depois chegou a Charly também para trabalhar, que é uma amiga também da faculdade. Então a gente conseguiu, participou de Virada Cultural do interior e o Museu de São Paulo participou de Virada cultural enquanto eu estava lá também. A gente fez algumas ações noturnas. Então, assim... O Henrique assumindo o Museu também. Então, assim, as nossas reuniões tinham muito... Tinha até uma brincadeira de quem recebia mais público, porque foi uma competição “olha, esse mês eu recebi tanto”, “eu recebi tanto”, a Simone “a

Usina não conta, porque a Usina é diferente!”. Mas, assim, super saudável, porque todo mundo querendo, sabe, projetar ideia, expandir... Olha, foi super bacana, foi uma grande escola, realmente. Para um cargo que, assim, eu entrei como coordenadora, passei para a coordenadora das unidades na parte de Museologia, então, assim, foi um enriquecimento profissional e pessoal intenso lá.

Danieli – Agora eu vou aproveitar e vou perguntar para você então, enquanto pessoa que se apaixonou por São Paulo, passou por lá pelo Museu e por todas as questões sociais, você, como museóloga, vê potencialidades no trabalho do Museu da Energia de São Paulo, principalmente em relação a esse território dele?

Maria – Sem sombra de dúvidas, eu, como cidadã, inclusive, além disso, tudo acho que, assim, não tem como a gente estar em um lugar, no centro da cidade, que ele precisa de políticas públicas para as pessoas e para o entorno, e a cultura é fundamental para isso acontecer. A gente tem um espaço de acolhimento para que as pessoas possam tanto se sentir seguras como apropriadas é impressionantemente importante para qualquer desenvolvimento que a gente queira pela cidade, né? Nesse momento, a arquitetura de lá ajuda, porque ela não é tão opressora quanto dos outros lugares que são muito monumentais. Ela vira muito mais convidativa e acolhedora. Isso também... Que as pessoas conseguem entrar lá e não se sentirem ocupando espaço, de ter a integração suficiente para elas voltarem outras vezes. Acho que usar essa potencialidade dessa forma, nossa, com certeza, vai ser totalmente transformador lá. Acredito muito nas políticas que existem lá... Existiam, agora eu já não sei mais, porque está complicado, bem complicado... Mas alguma ação integrativa, onde as pessoas possam receber, poderem trabalhar e ter um espaço, os museus poderem ser um lugar onde as pessoas possam executar essas ações também seria fundamental de troca de parceria. Tomara que isso possa voltar em algum momento.

Danieli – Sim, também espero e acredito. É o que eu acredito também.

Maria – É o que eu digo, se eu deixar de acreditar nisso, eu não acordo todo dia para trabalhar, né? Porque, senão, fácil não é.

Danieli – Exatamente.

Entrevista 05

Entrevistadora: Danieli Giovanini do Carmo Leite

Entrevistado: Michael Lopes Argento

Data: 25/05/2022

Local: Remota (online, via Skype)

Duração: 52 minutos e 51 segundos

Danieli – Então eu vou pedir para você falar o seu nome inteiro e que período você trabalhou no Museu da Energia de São Paulo.

Michael – Sou o Michael Lopes Argento e trabalhei no Museu da Energia de São Paulo de 2010 a 2014.

[corte áudio]

Michael – As atividades com os grupos espontâneos eram muito centradas nesse viés, mas existiam atividades que eram demandas da própria rotina deles. Muitas vezes a gente parava para sentar e fazer lição de casa com eles, porque a gente sentia que era essa a necessidade deles naquele momento. Eles viam o Museu, por exemplo, como um espaço para fazer os seus deveres, poder fazer trabalho em grupo, então a gente acabava, dentro desse processo de conhecer o público e interagir com ele, até fazendo atividades que estavam “fora” do nosso escopo, sabe? Então, a gente desenvolvia atividades como até ajudar na lição de casa.

Danieli – Eles costumavam, esses estudantes, alunos da escola, eles costumavam ficar bastante lá no Museu?

Michael – Tinham visitantes que ficavam a tarde inteira. Eles vinham no meio do dia e ficavam a tarde inteira, alguns ficavam única e exclusivamente no espaço externo do Museu e da sede da Fundação. Então, é até engraçado, porque muitas vezes a gente conhecia eles pequeninhos e eles iam crescendo, mas, essencialmente, os que eram fidelizados, digamos assim, esse público espontâneo mais fidelizado, eles ficavam basicamente a tarde inteira quando vinham.

Danieli – A minha próxima pergunta é justamente da relação do MESP com o entorno. Acho que você já começou a falar, mas eu vou perguntar especialmente da região ali da “Cracolândia”, se tinha ações, como que era.

Michael – As ações relacionadas basicamente ao público que basicamente frequentava, aí eu vou chamar fluxo, mas não sei o termo correto, mas foi o que a gente acabou chamando, até o próprio pessoal que frequentava lá. Então, a gente fazia algumas ações com as ONGs que trabalhavam na região do fluxo da “Cracolândia”, isso foi bem mais efetivo depois que eu saí. Eu não sei se isso está vinculado a um crescimento geográfico em relação à própria “Cracolândia” ou se isso foi um processo que a gente acabou... Enfim, de amadurecimento institucional, que eu acabei não fazendo tão parte assim, mas as ações, elas eram mais dispersas na época que eu trabalhava lá, mas soube que foram mais efetivas depois que eu saí. Então, eram atividades mais voltadas para integração mesmo desse público para desenvolvimento de uma relação mesmo do Museu com esse público. Mas eu acredito que, enfim, minha opinião pessoal, é que talvez a gente pudesse ter feito mais, assim, pelo menos na minha época.

Danieli – Por que você diz isso? Você pode falar?

Michael – Posso. É porque, na verdade, não havia maturidade institucional na época para a gente desenvolver projetos focalizando nesse público. Então, eu acho que faltou um diálogo com as lideranças com os movimentos que são muito fortes ali na região. Acho que faltou até intercâmbio com outras instituições que estavam mais amadurecidas no desenvolvimento de projetos, como a própria Pinacoteca, por exemplo, eles têm trabalhos muito legais com o público do entorno e até situado, ficando geograficamente mais longe do que é a “Cracolândia”. Do que era, porque parece que agora eles estão transitando para outras regiões, principalmente da Santa Cecília. Mas eu acho que estava muito relacionado a essa parte de amadurecimento institucional mesmo, então esse processo foi sendo amadurecido ao longo do tempo, num ápice, talvez, com a coordenação da Luciana, mas isso é pelo que eu acompanho em mídias sociais, porque eu continuo seguindo todas as mídias do Museu, da Rede de Museus. Então, eu acho que é mais essa a impressão que eu tive. Foi um processo de amadurecimento que até começou na própria atuação mais ativa do Maurício como Educador, logo quando eu entrei como

estagiário, isso foi muito lentamente caminhando e chegou em um estágio mais amadurecido com a coordenação da Luciana [Nemes]. Eu acredito, mas eu já não estava, então é muito pelo que eu acompanhei pelas próprias mídias sociais do trabalho que havia sido desenvolvido.

Danieli – Tinha, essas ações que eram feitas, que você comentou da Experimentoteca, essas atividades, elas acabavam englobando crianças e adolescentes da favela do Moinho?

Michael – Então, a gente chegou a fazer algumas atividades com os públicos da favela do Moinho, mas elas eram bem... Eu não estou achando a palavra correta, mas eram esparsas entre elas, mas essa atividade de desenvolvimento científico, por exemplo, eu não me lembro de ter feito projeto exclusivamente para esse público. A gente fez projetos ao público que era oriundo da favela do Moinho, voltadas para o desenvolvimento científico, para pesquisa científica ou para a divulgação especificamente, eu acredito, pelo menos de memória, eu não me lembro.

Danieli – Quais você se lembra que tiveram? Mesmo se não... De qualquer outro tipo.

Michael – Tá. A gente fazia, basicamente, muita oficina que fazia parte da programação cultural. Era engraçado porque essas atividades voltadas para a divulgação científica, elas eram mais efetivas numa divulgação de boca a boca com esse público que frequentava de forma mais fidelizada o Museu, então eles participavam, eles mesmo já divulgavam com o seu círculo de amigos, com o seu círculo de conhecidos, e aí eles já vinham para fazer a atividade. Então, eu acredito... Eu não sei se seria uma forma de garantir tipologias de uma perspectiva fidelizada, fiel, assim, mas eu acredito que a gente foi muito mais atuante, pelo menos na minha época, com público voltado para famílias imigrantes da região do Bom Retiro e dos Campos Elíseos do que necessariamente com esse público que era oriundo da “Cracolândia” ou da favela do Moinho ou de outras regiões que a gente pode considerar como de vulnerabilidade.

Danieli – Mas havia demanda maior com a questão da imigração?

Michael – Em termos de temas, não. A gente trabalhava isso em ação com as crianças e com os grupos que vinha. Por exemplo, eu entrei um pouco tempo depois

que uma exposição imigração, se eu não me engano, tinha feito um relativo sucesso lá no Museu. Se eu não me engano, eles tinham instalado um bonde, na época, no pátio do Museu, então eu acho que teve uma visibilidade bem interessante lá. Então, a gente tinha ações que trabalhavam esse tema, mas o tema da imigração especificamente, a gente trabalhava em atividades, não sei se chegaram em outras entrevistas a comentar contigo, em 2010, mais ou menos, existiam duas exposições que não dialogavam muito bem entre si. A gente conseguia fazer as atividades educativas promovendo esse diálogo entre as duas exposições que eram temporárias, mas, em termos de temas, assim, elas não eram muito conexas. No térreo funcionava a exposição “Memórias do casarão”, era uma exposição sobre o prédio. Então era ali que a gente conseguia trabalhar os Campos Elíseos, a questão do desenvolvimento urbano da cidade, essa questão do diálogo de como é a relação dos Campos Elíseos na época que ele foi projetado e como os Campos Elíseos vão passando por um processo de evolução até ele se configurar como ele é hoje, ou como era na época que eu trabalhava lá, então a gente conseguia trabalhar sobre essas diferentes nuances a partir desse objeto que era o próprio casarão. Então a gente trabalhava em três grandes focos, a época em que o casarão era residência da família Santos Dumont, que acabava sendo, mesmo a gente não gostando muito disso, o grande cerne do interesse do visitante, então a gente tentava desenvolver atividades para sair desse grande foco apelativo dos Campos Elíseos como residência de cafeicultores ricos e parentes do Santos Dumont, sabe? Depois era a etapa do casarão como colégio, do Colégio Stafford, e por fim, e era a parte que a gente mais, que tinha mais dificuldade por falta de documentação na época, era a época da ocupação antes de virar museu. Então a gente tinha as fotos, mas a gente tinha pouquíssimo registro de pessoas que interagiam de fato com aquele local na época que ele era uma ocupação. A gente tinha pouquíssima informação, de vez em quando vinha algum dos ex moradores para visitar o Museu depois da restauração, eles ficavam fascinados e tal, não sabiam que era um museu, mas eles viam a porta aberta e entravam. A gente fazia a visita com eles normalmente, mas eles não tinham interesse, por exemplo, de fazer um trabalho de registro de história oral, então a gente também não forçava. A gente perguntava se eles tinham o interesse de contar como era, inclusive para a gente poder incluir essas informações para

poder desenvolver mais conteúdo, mas, pelo menos das interações que eu tive, nenhuma delas teve interesse. E, depois dessa digressão gigantesca, a exposição de cima era especificamente sobre o conceito da luz, né, da luz enquanto energia. Então, a gente conseguia formar esses paralelos entre essas duas exposições, mas o tema, especificamente voltando ao cerne de sua pergunta sobre a questão da imigração, então a gente trabalhava isso muito especificamente em um conjunto de atividades voltados para uma das exposições, mas o outro a gente não tinha esse enfoque especificamente, sabe?

Danieli – Sim. Mas assim, só para entender, porque você fez um bom panorama das exposições, então o que tinha, vamos pensar, de um planejamento das exposições para as relações com o entorno, então tinha mais dessa parte que contava a história, a memória do casarão, e mais nas mediações, vamos dizer assim?

Michael – Isso. Nossa, sim, é um conceito de instâncias consultivas, com participação do público que, assim, nossa, não existia, posso te garantir. [risos] Então, eu acho que é até um processo para os museus de pequeno porte bem recente. Assim, eu trabalho numa política chamada Cadastro Estadual de Museus e, assim, posso até adiantar que é bem raro a gente ter a participação popular no desenvolvimento de exposições. É uma questão até muito voltada para processos museológicos voltados para Museologia Social mesmo, então você vê iniciativas como a do Programa Quilombaque, que é ali da região de Perus, que é muito forte nisso, eu conheço gente que até mais diretamente com projeto do Museu Comunitário da Comunidade do Vermelhão que é, se eu não me engano, em Guarulhos, então, esses projetos, esses processos museológicos estão em um ponto infinitamente mais consolidado nesses processos do que esses museus de pequeno porte, com uma estruturação mais tradicional.

Danieli – E nem o contrário, da participação do público, e nem o... Como eu posso falar... De quem estava pensando essa exposição, pensar em incorporar, de como atingir esse público.

Michael – Sim, sim. Na verdade, o processo, a gente fazia atividades de diagnóstico e perfilação de público, era até um trabalho muito interessante que a gente fazia do ponto de vista estatístico, mas ele era extremamente vertical, se a gente for parar

para pensar hoje, sabe? Então ele era, realmente, nós coletamos essas informações e a gente tentava desenvolver atividades voltadas nessas informações. Mas uma atividade específica de incorporação do público numa perspectiva mais participativa mesmo, era muito raro. Existiam alguns projetos, por exemplo, que a gente fazia algumas parcerias, a gente fez, inclusive, com o próprio Colégio João Kopke, esse projeto foi bem legal, eu cheguei bem no finalzinho. Ele foi encabeçado também pelo Maurício Rodrigues... Eu acho até, não sei se você chegou a conversar com ele, mas ele é um cara bem legal, valeria a pena conversar com ele.

Danieli – Não, não conversei com ele. Ele ainda não havia sido indicado até para conversar. Essa foi a primeira indicação.

Michael – Eu acho que, assim, ele é um amigo... Faz muitos anos que eu não falo como ele, mas é um amigo muito querido. Então, eu acho que muito do que eu aprendi, foi com ele. Eu acho que vale bem a pena assim. Se eu não me engano, ele está trabalhando mais nessa área da Antropologia, ele gosta muito dessa parte da relação entre os movimentos LGBTQIA+ com o futebol, principalmente, então ele é bem atuante nessa área, mas acho que ele pode dar um panorama bem bacana em até momentos anteriores a minha chegada.

Danieli – E aí...

Michael – Oi, desculpa.

Danieli – Não, só falar, o Maurício, então, ele era educador quando você...

Michael – Quando eu cheguei. Isso, ele era o Educador quando eu cheguei. E ele tinha esse projeto de promover uma relação mais direta com o Colégio João Kopke. Então, como eu cheguei bem no final, não sei contar de uma forma tão bem quanto ele, que encabeçou o projeto. Mas basicamente ele tentava desenvolver ações de educação patrimonial com os alunos do colégio; por meio dessa relação de integração da relação patrimonial, a ideia era. Então, esse é um exemplo de ações mais participativas. Mas isso não se expandiu, por exemplo, para o desenvolvimento de uma atividade ou para um envolvimento mais participativo com participação do público para as decisões do Museu, sabe? Não existia, por exemplo, um grupo mobilizado, e a gente acabou também não mobilizando, um grupo focado para sugerir questões, sugerir atividades, enfim, sugerir uma programação cultural ou até sugerir tema de exposição ou um inventário participativo nosso. Nossa, isso aí eu só

fui aprender até depois que eu saí. Esse é um movimento até bem discreto, tímido na época em que eu trabalhava lá.

Danieli – Você já começou a falar um pouquinho da relação, foi até uma reflexão que você teve, falando da ausência da relação do Museu... Não da ausência, acho que me expressei mal, mas que podia ser melhor aproveitada. A pergunta em si é da relação do Museu da Energia com as demais instituições culturais ali do mesmo território. Você lembra como era no período em que você atuou lá?

Michael – Também era bem tímido. Tinha uma relação bem forte principalmente com o próprio SESC, justamente por ser vizinho de porta, então a gente fazia algumas atividades em conjunto. Mas, por exemplo, promover uma mobilização com os equipamentos culturais do entorno, como a Sala São Paulo, acho que nunca conversei com ninguém, na época que eu trabalhava no Museu, da Sala São Paulo. Estação Pinacoteca e Pinacoteca, a gente chegou a fazer algumas reuniões. Não sei se eu estou fazendo um mexidão na minha memória, mas era para discussão sobre a Nova Luz, tinha um movimento de debater o conceito da Nova Luz, mas era muito discreto. Com o Museu de Arte Sacra, se foi uma vez, foi muito. Então, essas parcerias acabavam sendo mais com o próprio SESC Bom Retiro, por uma questão até geográfica mesmo, e meio simbiótica, porque o público do Museu acabava consumindo a programação cultural do SESC e o público do SESC acabava vindo para o Museu até por ser um ambiente agradável, arquitetonicamente é bonito, o jardim é agradável e no SESC não existia uma área verde, então existia essa integração e conseqüentemente a gente chamava as pessoas para participar das atividades do Museu e fazer atividades com eles. Mas, para o desenvolvimento de parcerias interinstitucionais assim mais fortes, só o SESC. E esses projetos bem isolados como foi com a Escola João Kopke, que era a escola estadual que está lá. O Liceu Coração de Jesus, mas mais raramente do que o João Kopke, que era mais parceiro, o Liceu Coração de Jesus era mais raro, mais esparsos os períodos que a gente se aproximava institucionalmente, sabe?

Danieli – Sim, entendi. Vou pedir para você falar um pouco, então, que você já começou a falar e eu achei bem interessante e eu queria aproveitar para aprofundar, da sua percepção das diferenças de como era o Museu quando você começou, depois quando você estava na coordenação e hoje. Como que era?

Michael – É, eu acho que eu até acabei ficando no Museu por pouco tempo até por reconhecer que eu tinha 24 anos, eu era muito novo, então até o processo de gestor, era imaturo para isso. Eu tinha acabado de me formar. Então, eu acho que esse processo foi até interessante de ter saído e ter ido para uma área voltada para o desenvolvimento de políticas públicas, que aí eu consegui ter acesso a uma série de outras informações que na época que eu trabalhava no Museu, por exemplo, eu não tinha. Então, eu acho que se a gente parar para pensar, houve esse processo de desenvolvimento. Esse processo começou, não lembro se chegou a começar com a atuação da Maria Paula, porque teve a Mirela antes dela que desenvolvia um trabalho provavelmente bem legal, apesar de não ter tido contato com ela. Mas eu vejo, por exemplo, vendo hoje em dia, pensando em uma integração com a comunidade, com o entorno, bem mais recente do que quando eu trabalhava lá. Então, é um processo de construção que talvez tenha sido embrionário naquele momento, com essa participação, primeiro como estagiário, depois como Educador e depois como Coordenador, mais como talvez plantar pequenas sementes, eu nem considero isso como contribuições, para ser bem sincero, para de fato ter uma posição mais atuante mais para frente. Embora eu acho que valha a discussão e entender se, por exemplo, essa ausência de coordenação durante longos hiatos tenha sido algo focado ou que tenha contribuído para isso ou não. Acho que vale a crítica em relação a isso. Eu acho que valeria até um processo de reflexão sobre o perfil desse profissional. Então, eu acho que o Museu da Energia, devido a sua posição e o potencial que tem para dialogar com o público, isso deveria ser uma questão de identificar a característica do profissional que vai assumir esse cargo e entender que ele precisa ter essas qualificações. Eu não tinha, por exemplo. Acredito que talvez as pessoas que atuavam na minha época também não tinham, então acredito que tenha sido um processo de entendimento mesmo de qual é o perfil do profissional que vai trabalhar lá, quais são as dinâmicas que estão imersas ali naquele contexto e pensar quais são as habilidades que esse profissional tem que ter para desenvolver cada atividade. E eu acho que isso tem que partir justamente de uma conscientização da própria instituição de seu caráter transformador. Então, eu sou uma instituição que está lá e tenho profissionais com essas competências ou eu preciso contratar profissionais que formem outros

profissionais para desenvolver essa competência. Então, eu acho que caminha mais ou menos para esse lado, pelo menos na minha opinião hoje, com 32 anos, careca, maduro [risos], eu tendo a ir por esse caminho.

Danieli – Você usou um termo que eu achei interessante. Você falou do caráter transformador do Museu. Você vê isso nele? Você vê potencialidades?

Michael – Eu acho que o Museu da Energia, assim, ele está situado em um edifício que é um objeto de estudo para entender para as transformações dos Campos Elíseos e do Bom Retiro como um todo, e que não precisa só se focar só na documentação que a Fundação reuniu ao longo do tempo nos trabalhos de pesquisa, mas talvez desenvolvendo novas perspectivas, novos insights, sobre qual é essa relação com o casarão e as transformações que ele passou e como ele se relaciona com o entorno hoje. Porque, também a gente precisa estar aqui e o casarão restaurado tem um impacto que pode ser considerado, eu não vou dizer isso com certeza, mas ele tem um impacto de intimidação para um público que não está familiarizado com o Museu enquanto espaço público de fruição, aberto ao público, que precisa, que basicamente, depende desse público para garantir a sua própria existência. Eu acho que, não só o casarão, mas alguns temas importantes que a própria Fundação vem desenvolvendo... Vinha desenvolvendo e desenvolve, como o próprio conceito de desenvolvimento sustentável, questões relacionadas ao saneamento, a fontes alternativas de energia, são coisas que estão relacionadas, talvez diretamente não tanto, talvez seja difícil promover, por exemplo, essa integração em termos de comunicação museológica com todos os públicos, mas está relacionada ao desenvolvimento social, então eu acho que o desenvolvimento de ações de comunicação museológicas voltadas para isso são questões que são importantes. E uma coisa que eu acredito que o acervo da Fundação ajuda muito é o próprio conceito de transformações urbanas, tema, inclusive, de uma outra exposição do Museu, de uma publicação do Museu na verdade, que é justamente entender como o acervo da Fundação e o Museu enquanto espaço de comunicação, ele vai dialogar com o público sobre esse processo de desenvolvimento e transformação da cidade qual os Campos Elíseos é um super objeto de estudo assim. Então, talvez, talvez não, com certeza mais novo eu não via o potencial que os Campos Elíseos tem como hoje para entender o desenvolvimento da cidade

como ela é hoje. Então, acho que são questões importantes que eu acho que a Fundação possa refletir, com profissionais que estejam voltados para essas temáticas ou se não especialistas nessas áreas, mas que tenham interesse para desenvolver essas competências e isso eu acho que a Fundação é bem legal assim. Muito do que eu aprendi, eu aprendi fazendo na prática na Fundação. Então a gente brincava muito que a Fundação é uma grande escola. Eu aprendi muito mais na Fundação do que no Técnico e essas competências misturadas me fizeram ser um profissional melhor hoje, então, inclusive essa própria consciência crítica de saber que fiz menos, por exemplo, do que hoje eu faria. Eu acho que a Fundação tem esse potencial e eu acho que a posição que ela está hoje, ela é determinante.

Danieli – Sim, justamente, é legal ouvir pensamentos parecidos, porque foi justamente isso que me motivou a começar a pesquisa. Eu comecei, eu já tinha, na verdade, a vontade do mestrado, mas eu comecei de pensar a exposição dentro do Museu e aí de conversar com pessoas que me falaram que o público era... “Ah, quem é o público? Ah, passeio escolar e vêm muitos interessados na História de São Paulo”, não vinha o entorno. E as exposições não estavam sendo pensadas para isso. Porque, quando eu entrei, tinha exposições com muito texto, principalmente as temporárias...

Michael – Nossa, muito texto! A Exposição de longa tinha muito texto... Desculpa o desabafo! [risos]

Danieli – É uma coisa que a gente compartilha, porque isso já torna o Museu não inclusivo, porque pressupõe que vai ser uma pessoa que vai ficar lá lendo quatro parágrafos e vai compreender todo aquele texto. E aquilo me incomodava e me fez querer estudar isso. E aí eu fui pensar “tá, mas quem é o entorno? Qual é o território do Museu? Quem são essas pessoas? E o Museu, ele conversa com elas, como ele se comunica com elas?” Então foi essa a motivação e muito de ver, realmente, esse potencial dele dentro desse território.

Michael – Eu acredito, inclusive, que um dos fatores que foi, e assim, eu nem sei se... Não, é que vale a pena a gente levar em consideração, pelo refletindo sobre a minha prática na época era importante levar em consideração, o Museu ficou fechado muito tempo, principalmente para a reinauguração da exposição de longa. Então foi feito um trabalho de restauro da fachada, foram feitas readequações

principalmente no piso superior, na época. Se não me falha a memória, no piso térreo, ou muito brevemente no piso térreo, mas esse processo, ele foi muito difícil, mesmo com o desenvolvimento de ações educativas, mantendo o Museu aberto para o público. Então, a gente tentava desenvolver algumas atividades com o público do entorno na época, mas a porta fechada, aquela porta de madeira que você entrava. Não sei se é ainda a entrada principal, mas a entrada principal do Museu, ela era a grande barreira que o público que a gente levou um tempão para fidelizar na época, que eram aquelas crianças, que estudavam no João Kopke, que ficavam em outras instituições do entorno, e que vinha para o Museu para poder passar à tarde, por exemplo, aquilo já era uma baita barreira. Então, deixavam de ir para o Museu e iam para o SESC. Então esse público, ainda com exposição com muito texto, talvez uma relação não tão direta do cotidiano delas com o acervo estava sendo exposto naquela época foi um elemento determinante, inclusive, para transformar a refidelização, nem sei se essa palavra existe, mas a refidelização do público como um grande desafio. Mas aí logo depois eu acabei saindo, então eu não sei se isso acabou sendo um fator de discussão nas outras etapas pelas quais o Museu passou. Mas hoje, refletindo, assim, foi um momento determinante para promover esse processo de “putz, vamos ter que remar de novo”, sabe?

Danieli – Ele ficou muito tempo fechado enquanto você estava lá?

Michael – Olha, eu vou chutar, acho que uns seis meses. Talvez um pouco menos, mas por aí. Com certeza. Não sei se você entrevistou a Karina Kodaira, que era a arquiteta na época.

Danieli - Não, não entrevistei.

Michael – Ela com certeza iria saber, agora eu com a minha memória... Mas por aí, eu chutaria seis meses.

Danieli – Sim, isso já deu um impacto, né?

Michael – Por mais que a gente tentasse desenvolver essas atividades, acabava então, eventualmente um ou outro grupo de visitantes que eram do entorno ficavam muito esporadicamente na área externa, a gente conseguia fazer uma ou outra atividade com eles. Mas, nossa, era realmente impressionante, o fechamento da porta era uma barreira incrível assim. Mas, repito, assim, isso é algo que depois de muitos anos foi desenvolvendo dentro da minha cabeça, porque antes era algo que

a gente discutia, mas não era enfoque do tipo “vamos parar e tentar desenvolver projetos específicos para isso”, porque existiam outras demandas, o próprio desenvolvimento da exposição, por exemplo. Então a gente ficava se dividindo no desenvolvimento das programações, apoio no desenvolvimento da exposição e acompanhamento, por exemplo, de alguma, aí mais raramente, mas o acompanhamento das atividades do restauro, mas isso era muito mais atribuição da Karina, mas acontecia, a gente acompanhava esse processo.

Danieli - Hoje eu acabo percebendo, uma análise minha, de que o Museu acaba desempenhando mais atividades educativas, a gente tem os educadores, e nem tanto as atividades de um museu, que acaba... Como tem a Fundação e isso é mais dividido, então acaba ficando muito apartado de, por exemplo, de pesquisa ou do próprio desenvolvimento de exposições. Você sentia isso? Isso também acontecia antes?

Michael – Sim. O próprio perfil das contratações nos museus era mais focado no desenvolvimento de atividade cultural e atividade educativa, atendimento de público principalmente, né? Então, também não sei se eu posso estar falando besteira, mas a própria dispersão dos acervos em diferentes locais, isso era um elemento que fragilizasse o processo de desenvolvimento de equipes e de corpos funcionais fixos, com competências diversas, nas equipes destes museus. Então ter alguém da conservação e da documentação em Itu, ter alguém da conservação e da documentação em São Paulo, ter alguém da conservação e da documentação na época em que o Museu era, que existia Museu [da Energia] em Jundiaí ou em Rio Claro, onde tinha um acervo gigante. Então eu acredito que esse próprio caráter polinucleado do Museu, da Rede de Museus, e da Fundação enquanto gestora desses equipamentos acaba contribuindo para um caminho em que tanto a gestão como o desenvolvimento das atividades nos equipamentos culturais tivessem foco em atendimento de público e ação educativa, essencialmente, assim. Mas aí, eu não sei se eu estou com uma cabeça muito quadrada, mas talvez isso esteja mais relacionado até a própria estrutura organizacional da Fundação. Não sei se eles chegaram a pensar em um organograma, por exemplo, em que cada Núcleo, e eu não sei como é hoje, mas que cada Núcleo tivesse o seu profissional de

conservação, tivesse seu profissional de documentação, tivesse seu profissional para pesquisa, tivesse o seu Núcleo Educativo.

Danieli – Basicamente, eu acho que não mudou da época que você atuava. A diferença é que a gente não tem mais essa Coordenação ou uma Gerência de Museologia, então a gente não tem mais essa figura acima dos Museus, dos três, mas a gente tem agora uma Coordenação Educativa.

Michael – Que é a Fernanda?

Danieli – Que é a Fernanda, que era do Museu de Itu, ela assumiu a Coordenação no ano passado e aí ela dá esse olhar de fazer mais integrado as ações educativas. Porque, antes da entrada dela, era bem separado, cada Museu vivia muito a sua realidade e a sua especificidade e não tinha muito intercâmbio de que um Museu fazia e era interessante passar para o outro. Essa troca de experiência não estava acontecendo e aí acabou, a Fernanda veio para fazer isso, organizar, para desenvolver coisas novas também no Educativo. Então a gente tem essa figura. Mas, é basicamente isso, as equipes são todas voltadas para o Educativo. Até chegam a desenvolver conteúdo, a gente está com essa demanda agora, exposições, mas em geral o perfil é de atendimento ao público, é para fazer as mediações.

Michael – Sim.

Danieli – E a gente tem o Acervo, que era o Núcleo de Documentação e Pesquisa, agora ele se chama Acervo, porque ele também está cuidando tanto do Acervo Arquivístico, Bibliográfico e Museológico, e todos os acervos estão em Jundiaí. Mas a equipe fica separada em São Paulo e Jundiaí, mas não tem uma pessoa dessa equipe alocada nos Museus. A gente não tem isso, ainda é separado hierarquicamente, no organograma é separado, e do modo prático também é separado, no dia a dia também é separado.

Michael – Mas eu acho que foi legal, eu acabei acompanhando mais por mídia social e pelo próprio site da Fundação, mas vocês já caminharam para promover essa articulação, por exemplo, no desenvolvimento das exposições. Vocês fizeram, eu acredito que você tenha participado da exposição com foco no acervo documental da Fundação, né?

Danieli – Sim.

Michael – Isso já é um baita ganho conceitual, na minha opinião. É o que a gente não tinha, até para uma questão que está voltada até, enfim, existia até discussões para onde ia o Núcleo de Documentação e Pesquisa. Eu entrei na época que o Núcleo de Documentação e Pesquisa era na Lavapés. Inclusive eu moro aqui perto agora, todo dia eu passo na frente de onde era o Núcleo de Documentação e Pesquisa, que era uma subestação da Eletropaulo. E aí ele foi migrando e tudo isso acabou até promovendo uma certa dificuldade no desenvolvimento dessa integração do que era o NDP e o que era também os Museus. Então não havia muita integração. Mas acho que você também toco em um assunto que é legal que, assim, eu lembro de discussões muito interessantes que tinham sido encabeçadas pelo Maurício, pelo menos na época era o Maurício que acompanhava esse processo que já era pensar os Educativos dos Museus de forma integrada. E foi a primeira vez que eu ouvi o termo “Rede de Museus”, especificamente dentro da Fundação. Mas foi a primeira vez que foi pensado o conceito dos Museus em Rede. E a gente tentava trabalhar, até em uma perspectiva, e também não sei se eu vou estar falando groselha, mas existia até uma perspectiva de comunicação institucional de que os temas abordados nos Museus, eles fossem meio articulados, então, no Museu de São Paulo, a gente falava muito sobre desenvolvimento urbano e distribuição de energia, enfoque em infraestrutura. Em Itu, o tema era bem parecido, até por conta de proporcionalmente o casarão do Museu de Itu ter uma relevância para a cidade maior do que, digamos assim, o Museu de São Paulo tinha para a própria cidade. Jundiaí, ele acabava tendo um enfoque muito na questão de distribuição de energia, no desenvolvimento de tecnologias focadas na energia. Então eu lembro de ter feito visitas técnicas e tinha lá uma parede cheia de pára-raios. E Salesópolis, e na época Rio Claro que também fazia parte da Rede, tinha um enfoque mais na produção, na geração de energia. Então, já existia essa movimentação, mas talvez com o trabalho da Fernanda isso fique mais evidente em projetos educativos, em planos educativos focados nesses temas, sabe? Mas eu lembro de isso ser trabalhado de uma forma bem embrionária, mas com conceito, e fica bem evidente isso na figura do Maurício também.

Danieli – Eu queria só te perguntar mais uma coisa, que todo o roteiro já foi, a gente foi para muito além, é ótimo porque trouxe muita informação boa. Eu queria só te

perguntar, que eu fiquei com isso de outras entrevistas que eu fiz, porque várias falaram da Experimentoteca, essa que era na sala maior do Museu. O momento de fechamento foi quando você estava lá ainda ou não? Você sabe por que foi a escolha de fechar?

Michael – Vou mais uma vez confiar na minha memória que não anda boa, mas vamos lá. O fechamento da Experimentoteca está relacionado, a partir das minhas memórias da Fundação, com o próprio desenvolvimento da exposição de longa duração. Então a gente tinha a Experimentoteca em um primeiro momento e o processo de desenvolvimento da exposição de longa duração demandava aquela sala maior, a sala do elevador, onde tem a sacada, a sala 15. Então o próprio desenvolvimento da exposição de longa duração demandava esse processo de reestruturação dos espaços. Depois, até onde eu me lembro, foi feita uma movimentação de tentar desocupar a sala de longa duração, a sala maior, mais não sei se acabou chegando num sistema parecido. Mas eu lembro que na época era algum projeto que a gente tinha desenhado que previa a aquisição de vários experimentos. A gente organizou a Experimentoteca para ser esse espaço de educação científica e ao mesmo tempo fruição do público espontâneo e também desenvolvimento de ações educativas que estavam sendo organizadas, para os grupos de escola principalmente. Então a gente tinha uma televisão atrás do elevador, uns E.V.A.s, então a molecada ficava parte do tempo lá. A gente tinha, não vou chamar de coleção bibliográfica porque coleção bibliográfica é o que a Fundação tem, mas eram algumas publicações voltadas para o desenvolvimento científico pensando no público jovem, e os experimentos. O próprio mobiliário, ele tinha sido organizado para ele ser de formas diferentes, então a gente conseguia fazer oficinas, a gente conseguia fazer atividades mais aproximadas para o público espontâneo, então era muito versátil. A gente chamava de Experimentoteca porque tinha lá esses experimentos e ela era voltada para esse processo de divulgação científica. Mas ela era muito versátil, se a gente precisasse adaptar ela para fazer outro tipo de atividade, a gente conseguiria. Mas eu acredito que o desmembramento dessa sala também está associado às próprias dinâmicas da elaboração e consolidação da exposição de longa duração.

Danieli – Esse é um ponto que esbarrei na minha pesquisa, de entender depois de ouvir os outros ex-coordenadores de que era um espaço muito utilizado e acho que principalmente era a relação ali muito do entorno se dava por meio das atividades que aconteciam por meio dessa sala, das ações educativas nela.

Michael – Totalmente. Quando eu falei da molecada que ia fazer lição de casa, por exemplo, era lá, elas ficavam lá. A própria disposição do mobiliário já era mais convidativa para esse tipo de atividade. Então a gente também tinha uma coleção de audiovisual que ficava no desenvolvimento de atividades, até mais raramente, das atividades que eles faziam, muitas vezes a gente conseguia ajudar nas atividades voltadas para ciência com apoio do que a gente já tinha na Experimentoteca. Então o grande cerne da atuação com o público do entorno era essa sala. Era exatamente esse o ponto. Com essa sala e o espaço externo. Era onde também os visitantes espontâneos se sentiam mais à vontade para desenvolver as suas brincadeiras. Às vezes eles queriam brincar de esconde-esconde, às vezes eles queriam fazer caça ao tesouro, então eram atividades que a gente já tinha meio na manga porque a gente via que era uma demanda trazida por eles. Não porque eles se organizavam, mas voltando aquela nossa questão de representatividade do público no desenvolvimento do dia a dia, mas eram coisas que a gente conseguia captar através dessa dinâmica que a gente tinha com eles. Então eu diria que mais fortemente pela Experimentoteca, mas também com menção honrosa para a parte externa, que a molecada curtia bastante.

Danieli – Ah, sim. E a gente passou por todas as perguntas, eu consegui tudo o que eu precisava.

Michael – Eu espero ter ajudado.

Danieli – Não, ajudou muito. Muito obrigada.